

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF)  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)

BRUNO CÉSAR LEON MONTEIRO SANTOS

**ONEIDA**  
**A mobilização indígena no processo de Independência**  
**Estadunidense (1766-1777)**

Niterói  
2016

BRUNO CÉSAR LEON MONTEIRO SANTOS

**ONEIDA**

**A mobilização indígena no processo de Independência  
Estadunidense (1766-1777)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Moderna.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Frühauf Garcia

Niterói  
2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

S237 Santos, Bruno César Leon Monteiro.

Oneida: a mobilização indígena no processo de Independência  
Estadunidense (1766-1777) / Bruno César Leon Monteiro Santos. –  
2016.

149 f.

Orientadora: Elisa Frühauf Garcia.

Dissertação (Mestrado em História Moderna) – Universidade  
Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.  
Departamento de História, 2016.

Bibliografia: f. 114-127.

1. Estados Unidos – História – Independência das Treze Colônias. 2.  
Índios da América do Norte – História. 3. Etno-história. 4. Índios  
iroqueses. 5. Kirkland, Samuel, 1741-1808. 6. Schuyler, Philip, 1788-  
1865. I. Garcia, Elisa Frühauf. II. Universidade Federal Fluminense.  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

BRUNO CÉSAR LEON MONTEIRO SANTOS

**ONEIDA**

**A mobilização indígena no processo de Independência  
Estadunidense (1766-1777)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Moderna.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisa Frühauf Garcia (Orientadora)

UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Regina Celestino de Almeida (Arguidora)

UFF

---

Prof. Dr. Joao Pacheco de Oliveira Filho (Arguidor)

UFRJ

Niterói  
2016

## RESUMO

Dentre os movimentos de emancipação dos países da América, a Independência dos Estados Unidos é um tema ainda pouco pesquisado nos meios acadêmicos brasileiros. Ainda mais restrito é o conhecimento acerca da participação heterogênea neste processo. No caso desta pesquisa o objeto de estudo é a nação indígena Oneida (uma das Seis Nações que compunham a Confederação Iroquesa) e o objetivo foi analisar as razões que levaram os índios oneidas a se aliarem à causa dos colonos rebeldes no processo de Independência Estadunidense. Para isso, os dados foram considerados através da História Indígena e da Etno-história, e as fontes utilizadas foram as correspondências trocadas entre os líderes do movimento rebelde e, principalmente, o diário produzido pelo missionário presbiteriano Samuel Kirkland, compreendendo-se desde a chegada do líder religioso em 1766 à Oneida até 1777 quando da participação dos nativos nas Batalhas de Oriskany e Saratoga. Portanto, a partir dos resultados alcançados, se chegou a conclusão de que o estopim para o engajamento da nação Oneida nas guerras de Independência Estadunidense se originou a partir do acirramento das rivalidades entre seus líderes tradicionais e chefes guerreiros, onde estes se anteciparam em auxiliar as Treze Colônias, desafiando a autoridade e a governabilidade dos primeiros antes mesmo deles decidirem politicamente sobre o futuro da nação frente a participação no processo.

Palavras-chave: Independência Estadunidense. Treze Colônias. Oneida. Iroquoia. Confederação Iroquesa. líderes tradicionais. chefes guerreiros. Samuel Kirkland. Philip Schuyler. História Indígena. Etno-história.

## **ABSTRACT**

Among the american countries' emancipation movements, the Independence of the United States is a subject still little researched in brazilian academy. Even more limited is the knowledge of the heterogeneous participation in this process. In the case of this research, the object of study is the indigenous nation Oneida (one of the Six Nations that made up the Iroquois Confederacy) and the objective was to analyze the reasons why the oneida indians allied themselves to the cause of the rebellious colonists in American Independence process. For this purpose, the data considered by Indigenous History and Ethnohistory, and the sources used were the letters exchanged between the leaders of the rebel movement, and especially the diary produced by presbyterian missionary Samuel Kirkland, comprising since his arrival to Oneida in 1766 until 1777 when occurred the participation of the natives in the Battle of Oriskany and Saratoga. Therefore, from the results achieved, it reached the conclusion that the trigger for the engagement of the Oneida nation in American Independence wars originated from the intensification of rivalries between their traditional leaders and chief warriors, where they anticipated to assist the Thirteen Colonies, challenging the authority and governance of the first, even before they decide on the political future of the nation ahead the participation in the process.

Keywords: American Independence. Oneida. Iroquoia. traditional leaders. chief warriors. Samuel Kirkland. Philip Schuyler. Indigenous History. Ethnohistory.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DOS IROQUESES.....</b>	<b>15</b>
1.1 Os antropólogos: os primeiros estudos dos iroqueses.....	15
1.2 A historiografia da Independência Estadunidense.....	21
1.3 A participação indígena na Independência Estadunidense.....	31
1.4 <i>Nouvelle-France</i> e a colonização francesa na América do Norte.....	40
1.5 <i>Nieuw-Nederland</i> e a colonização holandesa na América do Norte.....	47
1.6 <i>New York</i> e a colonização britânica na América.....	49
1.7 Conclusão.....	58
<b>CAPÍTULO II – A RELAÇÃO KIRKLAND-ONEIDA.....</b>	<b>60</b>
2.1 As missões jesuíticas na América do Norte.....	60
2.2 O movimento <i>Great Awakening</i> .....	63
2.3 As origens de Samuel Kirkland.....	66
2.4 A expansão do cristianismo através dos indígenas e do Atlântico.....	72
2.5 Crise interna em Oneida: líderes tradicionais X chefes guerreiros.....	76
2.6 Formação das ententes iroquesas para a Independência Estadunidense.....	78
2.7 Conclusão.....	81
<b>CAPÍTULO III – A MOBILIZAÇÃO ONEIDA PARA A GUERRA.....</b>	<b>84</b>
3.1 Deganawidah e a política em Iroquoia.....	84
3.2 Philip Schuyler, o artífice rebelde.....	88

3.3 A Guerra Franco-Indígena.....	91
3.4 Da política de neutralidade ao engajamento junto aos rebeldes.....	95
3.5 Do cerco ao <i>Fort Stanwix</i> a Batalha de Oriskany.....	102
3.6 A Batalha de Saratoga.....	106
3.7 Conclusão.....	108
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>128</b>



# INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa ao longo de seis anos, a partir do trabalho de conclusão de curso de graduação de Licenciatura Plena em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2003-2010) e respectivamente da monografia de conclusão de curso de Aperfeiçoamento/Especialização (Pós-Graduação Lato Sensu) em História Moderna na Universidade Federal Fluminense (UFF) (2010-2012).<sup>1</sup> Além de apresentações nos encontros da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH 2014) e em dois Encontros Nacionais de História dos Estados Unidos (ENEUAS 2014 e 2015). E assim sendo apresentado como dissertação do curso de Mestrado (Pós-Graduação Stricto Sensu) em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense (UFF) (2014-2016).

No século XVIII, durante as guerras de Independência Estadunidense, as Treze Colônias contaram principalmente com o apoio fundamental de franceses e espanhóis para garantir sua vitória frente ao maior Império e potência da época: o Reino Unido. No entanto, o que é de restrito conhecimento inclusive de muitos estudiosos da área de História foi que os colonos também foram auxiliados por índios norte-americanos, vindos, principalmente, da nação Oneida.

Os oneidas faziam parte da Confederação Iroquesa (composta ainda por cayugas, mohawks, onondagas, senecas e tuscaroras) que, naquele momento, estavam estabelecidos ao sul do Lago Ontario (um dos Grandes Lagos), o que corresponde hoje principalmente o estado de *New York*.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> As obras citadas são, respectivamente: SANTOS, Bruno César L. M. *Columbia: a sociedade na revolução estadunidense*. São Gonçalo, RJ, 2010 e; SANTOS, Bruno César L. M. *E Pluribus Unum: a mobilização social na independência estadunidense*. Niterói, RJ, 2012.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre a formação da Confederação Iroquesa consulte as páginas: 52-53, 84-86.

O objetivo principal desta dissertação é evidenciar os motivos pelos quais os oneidas decidiram sair de seu estado de neutralidade e participar no processo de Independência das Treze Colônias, preferindo se aliar aos colonos e à sua causa (diferentemente da maioria das nações que compunham a Confederação Iroquesa) em detrimento do Império Britânico, então potência militar da época.

Uma das primeiras explicações formuladas por antropólogos e historiadores foi atribuída à chegada e às realizações empreendidas em Oneida por parte do missionário presbiteriano Samuel Kirkland. Ele construiu rapidamente uma imagem muito respeitada e influente entre os índios oneidas, se tornando uma espécie de diplomata entre dois mundos culturalmente distintos. Com o passar do tempo, seu prestígio junto aos nativos serviu como uma das principais vantagens para fazer com que esses abdicassem do estado de neutralidade quanto à guerra iminente e concebessem maior respaldo à causa dos colonos ao invés da dos britânicos.

Com isso, a delimitação histórica dessa pesquisa tem início no ano de 1766, a partir da chegada de Samuel Kirkland a nação Oneida e termina com as duas primeiras participações dos oneidas na guerra de Independência Estadunidense que compreenderam as Batalhas de Oriskany e Saratoga em 1777, onze anos depois.

No entanto, como foi mencionado por David Levinson, a questão Kirkland-Oneida por si só se tornou uma resposta simplista para o engajamento desses nativos no processo de Independência Estadunidense.<sup>3</sup> De acordo com o autor para maior compreensão deste tema, devemos não abdicar, mas ampliar o quadro de análise frente às pesquisas históricas tradicionais, que consideravam a mobilização indígena motivada,

---

<sup>3</sup> LEVINSON, David. "An Explanation for the Oneida-Colonist Alliance in the American Revolution". In. *Ethnohistory* v. 23, n. 3, 1976, p. 265.

principalmente, pela influência do presbiteriano Samuel Kirkland em meio aos processos missionários cristãos em geral.<sup>4</sup>

A partir dessa perspectiva mais abrangente, novos trabalhos superaram a interpretação tradicional de que fora principalmente Samuel Kirkland, que incentivou os nativos a tomarem a decisão de se aliar aos colonos, voltando-se um olhar mais crítico e historicizante quanto à existência de uma dinâmica própria dos povos indígenas, neste caso, tanto dos iroqueses, quanto dos oneidas.

Antes mesmo da chegada do missionário à aldeia, uma crise política interna em relação ao governo administrativo já havia se instaurado e assolava a nação Oneida.<sup>5</sup> A ascensão socioeconômica dos chefes guerreiros principalmente através das redes comerciais de pele de castor fez com que se tornassem uma ameaça constante à

---

<sup>4</sup> O seguimento de historiadores tradicionais definido por David Levinson que atribuíram principalmente a Samuel Kirkland o engajamento da nação Oneida ao processo de Independência Estadunidense foram: BEAUCHAMP, William Martin. *A History of the New York Iroquois*. Albany: New York State Museum, Bulletin 78, 1905; BLOOMFIELD, J. K. *The Oneidas*. New York: Alden Brothers. 1907; DAVIS, Andrew M. "The Indians and the Border Warfare of the Revolution". In *Narrative and Critical History of America*, vol. VI. Ed. WINSOR, Justin. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1888; GRAYMONT, Barbara. *The Iroquois in the American Revolution*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1972; HALSEY, Francis. *The Old New York Frontier*. Port Washington, NY: Ira J. Friedman, Inc., 1901; MOHR, Walter. *Federal Indian Relations, 1774-1788*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1933; STONE, William Leete. *Life of Joseph Brant, Thayendanegea: Including the Indian Wars of the American Revolution*, v.1. New York: George Dearborn & Co., 1838. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1RpJAQAAMAAJ&pg=RA1-PR15&lpg=RA1-PR15&dq=%22We+desire+you+will+hear+and+receive+what+we+have+now+told+you,+and+that+you+will+open+a+good+ear+and+listen+to+what+we+are+now+going+to+say.+This+is+a+family+quarrel+between+us+and+Old+England.+You+Indians+are+not+concerned+in+it.+We+don%27t+wish+you+to+take+up+the+h%22&source=bl&ots=2OJ-cyhTZ-&sig=EyRcRbIzyqn8sHCCM8cPi2k6Q1k&hl=pt-BR&sa=X&ei=RxeaVdbbAsyWNoG5p5AF&ved=0CCEQ6AEwAQ#v=onepage&q=%22We%20desire%20you%20will%20hear%20and%20receive%20what%20we%20have%20now%20told%20you%20C%20and%20that%20you%20will%20open%20a%20good%20ear%20and%20listen%20to%20what%20we%20are%20now%20going%20to%20say.%20This%20is%20a%20family%20quarrel%20between%20us%20and%20Old%20England.%20You%20Indians%20are%20not%20concerned%20in%20it.%20We%20don%27t%20wish%20you%20to%20take%20up%20the%20h%22&f=false>. Acesso em: 1 jul. 2015; STONE, William Leete. *Border Wars of the American Revolution*. New York: Harper and Brothers, 1846 e; VAN TYNE, Claude H. *The War of Independence, American Phase*. New York: Houghton, Mifflin Company, 1929. Para maiores detalhes ver: LEVINSON, David. op. cit., p. 277-278.

<sup>5</sup> MITRANO, James Gregory. *Samuel Kirkland's Mission to the Oneidas, 1766-1808*. Bethlehem, PA: Lehigh University, 1993. Disponível em: <http://preserve.lehigh.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1244&context=etd>. Acesso em: 1 jul. 2015.

liderança tradicional dos *sachems*. Essa disputa trouxe uma desestruturalização no sistema cultural, ao mesmo tempo que tornou frágil o poder político oneida.<sup>6</sup>

Além disso, podemos notar que, no momento em que a Confederação Iroquesa decidiu participar da guerra de Independência Estadunidense, a união de anos entre as nações indígenas que compunham esta liga foi rompida em decorrência de não haver consenso a quem apoiar (Oneida e Tuscarora foram os únicos povos a se aliaram as Treze Colônias).<sup>7</sup> Tal fato evidencia que os laços de irmandade iroquesa também já vinham se rompendo em razão das relações políticas, econômicas e culturais entre euroamericanos e povos indígenas.

Antes, não se era possível depreender essa concepção particular da dinâmica iroquesa e conseqüentemente oneida, já que a perspectiva que predominou na produção historiográfica até meados do século XX, foram as obras escritas por indivíduos euroamericanos, ao longo de sua experiência no Novo Mundo, onde na maioria das vezes, reproduziam uma perspectiva limitada acerca dos ameríndios, relegando-os a papéis passivos e com reduzida importância.

Ao longo da pesquisa, o quadro de análise se ampliou a partir dos aportes metodológicos interdisciplinares da História com a Antropologia (Etno-história), onde novos trabalhos passaram a enfatizar os objetivos dos próprios indígenas na tentativa de compreender as suas ações.

Os trabalhos que seguem esta perspectiva são genericamente conhecidos como História Indígena. Nesta concepção, valorizaram-se os indígenas também como sujeitos históricos que agiram por interesses particulares e cujo sentido dos seus atos só podem ser estudados no seu contexto específico, ou seja, é coerente compreender a existência de uma dinâmica própria de cada povo indígena.

---

<sup>6</sup> LEVINSON, David. op. cit.; MITRANO, James Gregory. op. cit.

<sup>7</sup> LEVINSON, David. op. cit. p. 272.

Entretanto, ainda existe a dificuldade por parte do historiador na reconstrução do passado, ou seja, em se obter dos povos nativos americanos fontes documentais devido, fundamentalmente, a sua tradição ser de cunho oral, partindo, muitas vezes, da interferência cultural europeia para maiores registros. Todavia, isso não se constituiu a única causa para que os índios fossem marginalizados frente a uma interpretação eurocentrista acerca do assunto.

Portanto, a intenção é confrontar os mais diversos dados existentes de forma ampla, visando (re)construir um panorama particular a partir da dinâmica sócio-cultural própria da nação Oneida e a ressignificação de suas identidades, em gradativa contrapartida ao da confederação iroquesa mediante o contexto de negociações, tendo em vista as alianças formadas para a guerra de Independência Estadunidense. Ratificando ainda que se faz necessário para compreender a complexidade do tema de que toda esta realidade foi profundamente influenciada pelo processo de missionarização (que perdurou por séculos a partir das mais diversas vertentes cristãs no Novo Mundo).

Através dos aportes metodológicos da Etno-história e sua perspectiva interdisciplinar se conseguiu ir além de demonstrar simplesmente que Samuel Kirkland auxiliou os oneidas a tomar a decisão de se aliar aos colonos considerando-se, sobretudo, que os nativos são sujeitos históricos que agiram devido a interesses particulares visando a sua própria sobrevivência como nação, cujo sentido só pode ser apreendido no seu contexto específico. Portanto, esta pesquisa foi desenvolvida a partir do paradigma teórico da História Indígena e da História Antropológica (Etno-história).

Se faz pertinente ressaltar que as ideias traduzidas entre índios e aqueles de origem européia eram sobretudo limitadas pelas diferenças culturais e linguísticas, acarretando dificuldades em perceber a perspectiva dos oneidas. Estes também

deixaram poucos registros documentais próprios, sendo a maioria produzida por escritores colonos e europeus, portanto, tendo embasamento no eurocentrismo como ideal sociocultural.

No entanto, as fontes consideradas “oficiais” (derivadas principalmente dos líderes do *Continental Congress*) não foram simplesmente descartadas, mas vieram a complementar este projeto ao serem analisadas com uma leitura ainda mais criteriosa. Dentre estas fontes oficiais, os principais exemplos são as correspondências de alguns dos mais destacados signatários da Declaração de Independência Estadunidense: Alexander Hamilton, James Madison, John Adams e, finalmente, George Washington.

Diferente das demais fontes, então de cunho mais diversificado quanto aos seus redatores (como as já citadas), a documentação que fundamenta esta pesquisa se deu a partir dos registros produzidos por Samuel Kirkland (sobretudo suas correspondências com autoridades governamentais). Tais fontes refletem a relação direta e cotidiana entre dois mundos, já que o missionário natural de *Connecticut*, se mudou para *New York*, onde conviveu entre os índios oneidas por aproximadamente quarenta anos (1766-1808). No entanto, iremos nos ater ao período de 1766 a 1777, importante para entender a decisão dos oneidas em romper a aliança com os iroqueses e começar uma nova junto aos colonos a partir do processo de Independência Estadunidense.

Portanto, esse trabalho tem como suporte principal as fontes primárias. O processo de recolhimento desses documentos e de catalogação dos dados para o desenvolvimento deste projeto se deu ao longo de três anos, a partir de domínios públicos internacionais que disponibilizam documentos de origens diversas. A maioria das fontes foram microfilmadas, digitalizadas e transcritas para finalmente se tornarem disponíveis ao público através da internet.

Assim, a partir de uma extensa pesquisa, os principais manuscritos utilizados nesta obra foram levantados e trabalhados a partir dos sítios digitais das seguintes instituições acadêmicas e historiográficas internacionais: *American Archives*, *Library of Congress*, *Massachusetts Historical Society*, *University of Virginia Press*, *Rotunda*, *JStor*, *Muse*, *Proquest Ebrary* e principalmente na *Hamilton College Library Digital Collections*, este obviamente contando com uma vasta gama de documentos produzidos e focados na figura de seu fundador, o próprio Samuel Kirkland.<sup>8</sup>

Foi o general Philip Schuyler outro autor que teve suas fontes analisadas exaustivamente, não somente por ter sido um dos principais responsáveis pela participação oneida no processo de Independência Estadunidense, como esteve muito próximo a esse povo nos primeiros anos da guerra, vindo a produzir bastantes correspondências acerca do acontecimento em questão.

Outros autores que também contribuíram para este trabalho foram: o Governador de *Connecticut*, Jonatham Trumbull; o ministro congregacional Eleazer Wheelock; o filantropo britânico John Thornton; o Coronel Guy Johnson; o Comandante-Chefe do Exército Continental, George Washington e; o intérprete dos colonos junto aos oneidas, James Dean. Ou seja, além do missionário Samuel Kirkland e do general Philip Schuyler, esses foram os personagens mais participativos do processo em questão e conseqüentemente os mais prolíferos literariamente, realizando inúmeros registros sobre o assunto abordado ao longo dos anos de 1760 e 1770.

Ao longo da pesquisa surgiram inúmeros desafios onde foi necessária uma pesquisa criteriosa para superá-los. O primeiro deles teve início a partir da postura rigorosa das informações coletadas devido a procedência e a credibilidade dos sítios selecionados na internet. Em razão da maioria das páginas web existentes na internet

---

<sup>8</sup> PILKINGTON, Walter (ed.). *The Journals of Samuel Kirkland: 18th Century Missionary to the Iroquois, Government Agent, Father of Hamilton College*. Clinton, NY: Hamilton College, 1980.

não possuem respaldo científico, o critério adotado para a coleta de dados foi utilizar fontes oriundas exclusivamente de endereços eletrônicos de instituições acadêmicas, associações de historiadores, bibliotecas públicas e periódicos científicos.

Outra adversidade foi a tradução das fontes relacionadas ao tema. Afinal, como se trata de um assunto relacionado à História dos Estados Unidos da América, praticamente todo o acervo documentário se encontra em um inglês arcaico (se fez necessária noções básicas de Paleografia) e muitas vezes, sem suas respectivas transcrições pelo site que o armazena.

Contudo, o maior obstáculo enfrentado que fez com que o tempo dedicado à análise documental aumentasse consideravelmente foi a interpretação crítico-historiográfica das fontes. Como já comentado, a maioria dos registros encontrados na época sobre o assunto foram feitos por colonos e europeus, tornando parcial e limitada a visão dos eventos, sobretudo pelas grandes diferenças linguística e cultural desses em interpretar muitas vezes as motivações e necessidades dos povos indígenas. Logo, além da produção escrita por parte dos índios oneidas em relação ao processo abordado ser ínfima, nesses documentos já se evidenciam fortes traços característicos influenciados pela perspectiva de mundo cultural europeu em grande expansão pela América do Norte, inclusive entre os mais diversos povos nativos, incluindo aí iroqueses.

No entanto, esta produção acadêmica propõe superar as limitações interpretativas das perspectivas euroamericanas, acessando um contexto maior de informações para reinterpretação do passado, reconhecendo que existiram diálogos que foram traduzidos principalmente em negociações político-econômicas e reconstruções de identidades culturais entre as autoridades coloniais e as lideranças oneidas. Portanto, para se ter uma visão mais aprofundada do assunto analisado, não podemos abdicar do

ponto de vista do euroamericano e nem dos nativos, pois ambos os registros se complementam.

Um dos objetivos principais e mais amplos ligados a este trabalho é difundir e assim estimular o conhecimento histórico acerca da Independência Estadunidense no universo acadêmico brasileiro através do desenvolvimento de pesquisas com maiores precisões historiográficas, sobretudo, ao esclarecer a questão da participação social heterogênea neste processo.<sup>9</sup> No caso desta pesquisa, o objeto de análise foram os povos indígenas.

No Brasil, a concepção de grande parte do público quando questionada sobre algo que conheça a respeito dos Estados Unidos da América e de sua história, remete sua resposta a personagens como Abraham Lincoln ou a acontecimentos como a abolição da escravatura ou os conflitos entre o sul e o norte do país, todos relacionados à Guerra de Secessão ocorrida entre 1861 e 1865. Enquanto que, quase um século antes dela, a independência do primeiro país da América (1776-1783), realizada por nomes como George Washington, Thomas Jefferson e Benjamin Franklin (dentre outros *Founding Fathers*) permanece relegada a segundo plano não somente no consciente coletivo, como para os acadêmicos brasileiros.

Este fato associa-se não somente a uma falta de aprofundamento do próprio processo de Independência Estadunidense, mas, sobretudo, ao pouco interesse sobre a História dos Estados Unidos no mundo acadêmico de nosso país, onde uma quantidade pequena de matérias nas instituições de ensino superior são voltadas ao seu ensino e conseqüentemente há a formação de poucos historiadores dedicados ao tema. Além disso, a maioria das obras historiográficas sobre o assunto (sejam elas originalmente

---

<sup>9</sup> A participação no século XVIII de diversos setores da sociedade colonial estadunidense no processo de emancipação das Treze Colônias foi assunto desenvolvido como tema principal em duas obras de conclusão de cursos: SANTOS, op. cit.; SANTOS, op. cit. Estas pesquisas, no entanto, não adentram com riqueza de detalhes, a participação dos povos indígenas no processo em questão.

produzidas no Brasil ou em sua maioria, traduzidas e publicadas por alguma editora) segue uma tendência teórico-metodológica inclinada à historiografia tradicional americana oriunda desde contemporâneos do fato decorrido como William Gordon, David Ramsay e Mercy Otis Warren que, além de abordar principalmente os acontecimentos político-militares e os vultos históricos, utilizavam-se de um linguajar técnico que mais distanciava que aproximava o público em geral.<sup>10</sup>

Os primeiros livros de história traduzidos para o português que abordavam especificamente a Independência Estadunidense, raramente discutiam a relação intercultural entre grupos sociais (principalmente euroamericanos e nativos) e, quando assim o faziam, realizavam uma análise historiográfica de forma incipiente, escassa ou seguiam uma tendência generalizante.<sup>11</sup> Ainda que o índio ocupasse papel fundamental nas relações sociais multiétnicas na América desde o início dos contatos com o europeu, este apenas “descobriu a América, mas não os americanos”.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> As principais contribuições historiográficas sobre a Independência Estadunidense desses autores foram: GORDON, William. *The History of the Rise, Progress, and Establishment, of the Independence of the United States of America: Including an Account of the Late War; and of the Thirteen Colonies, from Their Origin to that Period*. 4 vols. New York: Printed for the author, 1788. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=SVosv-IF4cAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=SVosv-IF4cAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015; RAMSAY, David. *The History of the American Revolution*. 2 vols. Philadelphia, PA: R. Aitken and Son, 1789; WARREN, Mercy Otis. *History of the Rise, Progress, and Termination of the American Revolution*. 3 vols. Boston, MA: Manning and Loring, 1805. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=GX0fAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=GX0fAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015. Para maiores informações a respeito dos primeiros colonos a escrever sobre a Independência Estadunidense, consultar: RAPHAEL, Ray. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos: a verdadeira história da independência norte-americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

<sup>11</sup> A exemplo das obras que carecem de maiores detalhes acerca da participação indígena no processo de Independência Estadunidense, tanto de autores brasileiros: JUNQUEIRA, Mary Anne. *4 de Julho de 1776: Independência dos Estados Unidos da América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007 e; KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005; como traduzidas para o português: APTEKER, Herbert. *Uma nova história dos Estados Unidos: a revolução americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969; GUSDORF, Georges. *As revoluções da França e da América: a violência e a sabedoria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993 e; HEALE, M. J. *A revolução norte-americana*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

<sup>12</sup> TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982, p. 47.

No Brasil dos últimos anos vêm se reconhecendo e assim abrindo espaço, ainda que lentamente, a pesquisas estrangeiras voltadas para algumas minorias sociais, como as mulheres e os negros envolvidos na construção da emancipação política dos Estados Unidos da América.<sup>13</sup> Entretanto, o tema proposto nesta pesquisa trata de um segmento específico das chamadas “minorias” sociais coloniais norte-americanas do século XVIII, até então inédito entre as obras traduzidas e mesmo as produzidas nesse país: a população indígena, mais precisamente, como se deu o processo de mobilização da nação Oneida para a guerra de Independência Estadunidense.

Assim, apesar do presente trabalho ser deter a compreender uma parte da Independência, ele tem por objetivo maior, o preenchimento de uma lacuna, por muito tempo deixada de lado, na historiografia estadunidense acerca do processo em questão.

Pois, além de ser um tema relativamente novo estudado pelos historiadores norte-americanos, estes geralmente partem de uma premissa tradicional e simplista acerca desse processo histórico, ao atribuírem a causa da aliança oneida aos colonos durante a guerra, principalmente à influência que tinha o missionário branco Samuel Kirkland.

A fim de contextualizar o tema abordado por esta obra, o primeiro capítulo tem como objetivo tratar da inserção dos estudos sobre os povos indígenas pelas Ciências Humanas nos Estados Unidos, problematizando o interesse tardio da academia em pesquisar os povos indígenas, especificamente, os iroqueses. Este fato ocorreu somente em meados do século XIX, através das pesquisas pioneiras de Lewis Henry Morgan no

---

<sup>13</sup> SOROMENHO-MARQUES, Viriato. "Mulheres e representações da mulher na Revolução Americana". In. *Pensar no Feminino*, Maria Luísa Ribeiro Ferreira (ed.), Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp. 135-141 e; LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

campo da Antropologia.<sup>14</sup> No que diz respeito à composição da liga iroquesa, Morgan se dedicou principalmente aos estudos das relações de parentesco e o *status quo* da mulher, tomando como base interpretativa para suas formulações teóricas, a nação Seneca.

A partir de Lewis Henry Morgan, vários outros catedráticos empreenderam esforços na tentativa de desenvolver uma compreensão mais abrangente do universo iroquês, sendo estes conhecidos, mais tarde, pela alcunha de *Iroquoianists*. Para um estudo mais apurado dos mais diversos traços culturais iroqueses, eles vieram a se utilizar, assim como Morgan, de pesquisas etnográficas, ou seja, análises antropológicas no seio de determinadas nações que compunham as *Six Nations*. Com isso, dentre outros estudiosos: William Martin Beauchamp estudou os onondagas; John Napoleon Brinton Hewitt, os tuscarroras; e Arthur Caswell Parker, Willian Nelson Fenton, assim como o próprio Morgan, investigaram os senecas.

A seguir é realizado um balanço da Historiografia acerca do processo de Independência Estadunidense, a dividindo em sete escolas de análise: *Whig*, *Loyalist*, *Imperial*, *Progressive*, *Consensus*, *Neo-Whig* e *Neo Progressive/Left*. Em meados da década de 1950, com o advento da Etno-história como metodologia de pesquisa por parte de alguns cientistas da área das Ciências Humanas somada à intensificação dos movimentos de luta pelos direitos civis ao longo da década de 1960 que fez com que a História Indígena finalmente recebesse o devido respaldo acadêmico. Ou seja, foi somente a partir da perspectiva *Neo Progressive*, então última escola historiográfica estadunidense que os indígenas, em particular os iroqueses e os oneidas, alcançaram um

---

<sup>14</sup> Dentre suas obras antropológicas mais significativas sobre os iroqueses estão: MORGAN, Lewis Henry. *League of the Ho-dé-no-sau-nee Or Iroquois*. Rochester, NY: Sage & Brother, Publishers, 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/leagueofhodnos00inmorg>. Acesso em: 1 jul. 2015; MORGAN, Lewis Henry. *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*. Washington: Smithsonian Institution, 1871. Disponível em: <https://archive.org/details/systemsofconsang00morgrich>. Acesso em: 1 jul. 2015 e; MORGAN, Lewis Henry. "Laws of Descent of the Iroquois". In. *Proceedings of the American Association for the Advancement of Science*, Volume XI, 1856.

patamar reconhecido quanto a sua participação no processo de independência dos E.U.A.

Já o segundo capítulo trata dos acontecimentos anteriores à chegada do missionário Samuel Kirkland a nação Oneida, como as guerras por territórios e principalmente o processo de missionarização para desenvolver a hipótese de que já se construía relações entre os colonos e índios baseadas nas mais diversas e complexas negociações.

A influência dos valores cristãos, ainda que gradual, na religiosidade e mentalidade iroquesa se deu através de três momentos em destaque: as missões jesuíticas francesas a partir do século XVII; o movimento de renovação do protestantismo nas Treze Colônias intitulado *First Great Awakening* nas décadas de 1730 e 1740 e suas reverberações no mundo atlântico e; por último, mas não menos importante, a missão de Samuel Kirkland, recontando desde sua origem familiar e formação intelectual como missionário presbiteriano, perpassando sua chegada em Oneida no ano de 1766 até as realizações de maiores repercussões e transformações influenciadas por ele entre os povos iroqueses.

Assim, foi construída a posição proeminente de Samuel Kirkland junto aos oneidas, em um primeiro momento, como uma espécie de representante dos colonos junto aos iroqueses para, mais tarde, ser oficializado como funcionário do *Continental Congress* para assuntos indígenas. Desta forma, o missionário conseguiu, gradativamente, não só galgar um papel de destaque entre os oneidas, mas, principalmente, persuadir a maioria deles a aliarem-se aos colonos. Ainda que a influência do missionário fora importante, não foi a característica determinante para o engajamento dessa nação indígena no processo de Independência Estadunidense.

Estes eventos concomitantemente ratificam a relevância da religião como requisito essencial para entender esse contexto anterior ao processo de Independência Estadunidense. Principalmente, os contatos dos religiosos franceses e coloniais junto aos iroqueses, o que contribuiu para no caso dos oneidas, tomarem a decisão de não mais apoiar os seus aliados tradicionais, ou seja, os britânicos, assim como suas próprias nações irmãs confederadas iroquesas.

Pesquisas mais apuradas evidenciaram uma maior complexidade do processo em questão, já que uma crise interna estava em curso tanto em Iroquoia em relação aos interesses políticos das nações que a compunham, como em Oneida entre os líderes *sachems* e os chefes dos guerreiros. No caso, ambos os conflitos vieram a contribuir para a formação das ententes na guerra de Independência Estadunidense.<sup>15</sup>

Por fim, no terceiro e último capítulo aborda-se a manutenção da política de neutralidade solicitada pelo *Continental Congress* aos iroqueses e o processo de mudança de mentalidade por parte dos líderes da nação Oneida que decidiram se mobilizar e lutar na guerra de Independência Estadunidense ao lado dos colonos. A intensificação dos diálogos entre colonos rebeldes e índios oneidas se deu, sobretudo devido aos esforços empreendidos pelo general Philip Schuyler.

Além disso, as batalhas de Oriskany e especialmente de Saratoga, então primeiros combates enfrentados pelos oneidas durante o processo de Independência Estadunidense são considerados como cruciais para os rumos da guerra, principalmente para os colonos que, a partir delas, conseguiram conquistar a confiança e conseqüentemente a ajuda formal de aliados europeus para sua causa contra os britânicos.

---

<sup>15</sup> MITRANO, James Gregory. op. cit., p. 34.

# CAPÍTULO I

## A CONSTRUÇÃO DOS IROQUESES

*We are Indians, and don't wish to be transformed into white men.*

Shickellamy, líder oneida a missionário cristão, 1745.<sup>16</sup>

*you know I am not as you are. I am of a quite different Nature from you.*

Saghughuniunt, líder oneida a oficial colonial, 1762.<sup>17</sup>

### 1.1 Os antropólogos: os primeiros estudos dos iroqueses

Um dos principais avanços para o estudo dos povos indígenas e concomitantemente para o desenvolvimento da antropologia moderna nos Estados Unidos da América teve início em 1844, quando Lewis Henry Morgan, advogado de formação, deu início às suas pesquisas acerca do povo iroquês nos arquivos do estado de *New York*. Mais tarde, contando com o auxílio de Ely Samuel Parker, índio seneca, ele debruçou seu interesse sob a cultura e a estrutura dos povos nativos, mais especificamente, através da própria nação de seu assistente.

No entanto, a origem das influências culturais iroquesas na vida de Lewis Henry Morgan decorre do local aonde ele nasceu. Seu avô, Thomas Morgan, após ter participado na guerra de Independência Estadunidense, comprou terras dos índios

---

<sup>16</sup> BEAUCHAMP, William Martin. "Bishop A. G. Spangenberg's Journal of a Journey to Onandaga in 1745". In. *Moravian Journals Relating to Central New York 1745-66*. Syracuse, NY: Dehler Press, 1916, p. 7. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924007641966>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>17</sup> HAZARD, Samuel (ed). *Colonial Records of Pennsylvania: Minutes of the Provincial Colony of Pennsylvania*, v. 8, Harrisburg: Theo. Fenn & Co., 1852, p. 742. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433081827598;view=1up;seq=764>. Acesso em: 1 jul. 2015.

cayugas no estado de *New York* e levou sua família para residir neste local.<sup>18</sup> Quando jovem, Lewis Henry Morgan iniciou seus estudos na *Cayuga Academy* e, com alguns amigos dessa instituição, formou uma sociedade literária secreta: a *Gordian Knot* (1841). Ao longo de sua existência, este grupo foi rebatizado por mais três vezes: *Order of the Iroquois*, *Grand Order of the Iroquois* (1843) e, por fim, *New Confederacy of the Iroquois*. Toda esta incessante busca por uma alcunha que representasse os desígnios dessa união correspondiam ao interesse cultural sobre os indígenas por parte de Lewis Henry Morgan.<sup>19</sup>

O objetivo desta fraternidade era reunir e trocar informações a respeito dos iroqueses: estudá-los e trazer à tona sua cultura, seus costumes e práticas durante os encontros. A desagregação do grupo, no entanto, ocorreu em 1847. Em contrapartida, apesar deste evento, no mesmo ano, Lewis Henry Morgan veio a ser adotado junto a nação Seneca, pelo clã do falcão, na tribo da tartaruga, evidenciando que suas pesquisas sobre os povos indígenas continuavam vigorosas e culminaram com a obra: *The League of the Ho-de-no-sau-nee or Iroquois* (1851).<sup>20</sup> Esta trata dos mais diversos aspectos relacionados aos iroqueses: língua, arquitetura, religião, danças e jogos. Sua originalidade, porém, se deu pela análise dos clãs matrilineares, onde demonstrou que o sistema de parentesco (família) era a característica determinante não somente na união e na organização da sociedade, mas em um sistema político coeso praticado entre as nações iroquesas.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> MOSES, Daniel Noah. (2009). *The Promise of Progress: The Life and Work of Lewis Henry Morgan*. Columbia: University of Missouri Press, 2009, p. 10.

<sup>19</sup> DELORIA, Philip Joseph. *Playing Indian*. New Haven & London: Yale University Press, 1998.

<sup>20</sup> MORGAN, Lewis Henry. op. cit.

<sup>21</sup> A teoria do clã matrilinear de Lewis Henry Morgan foi influenciada pelas ideias do etnólogo escocês John Ferguson McLennan, que também já havia questionado a ideia de sociedade patriarcal como precursora da família em sua obra: McLENNAN, John Ferguson. *Primitive Marriage: An Inquiry Into the Origin of the Form of Capture in Marriages Ceremonies*. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1865. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1IJJAAAAIAAJ&pg=PA46&lpg=PA46&dq=McLennan,+John+Ferguson,+Primitive+Marriage:+An+Inquiry+Into+the+Origin+of+the+Form+of+Capture+in+Marriages+>

Em 1856, Lewis Henry Morgan observou que, através do método comparativo aplicado ao sistema de terminologia e classificação de parentesco, existiam conexões históricas entre algumas sociedades. Neste caso, o sistema dos iroqueses de *New York* era similar ao dos índios ojibwes que viviam em *Michigan*. Logo, ele chegou a dedução de uma origem comum para os nativos norte-americanos: a proveniência de todos esses povos da Ásia (teoria da monogênese).<sup>22</sup> Para isso, Lewis Henry Morgan consultou vários estudiosos contemporâneos, mas utilizou-se principalmente dos dados do povo tãmis, fornecidos através de correspondências com Henry Martyn Scudder, um missionário residente na Índia, para provar que sua hipótese de migração dos habitantes asiáticos para o continente americano possuía fundamentos científicos. Este conjunto de ideias foi apresentado no seu conhecido trabalho *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family* (1871).

Foi a partir do conceito de clãs matriarcais que Lewis Henry Morgan não somente construiu o sistema familiar de parentesco, como resolveu estendê-lo para outras organizações parentais. Esta análise, em larga escala, veio a gerar uma compreensão pelo antropólogo de uma história universal da humanidade rumo ao progresso, através do modelo de três estágios de evolução social unilinear (selvageria, barbárie e civilização).<sup>23</sup>

---

[Ceremonies%22&source=bl&ots=P8e7Gvsuoa&sig=0AdTJVtmSWP794JJq-xoSRazuaM&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CDwQ6AEwBWoVChMI77aN\\_vKIxgIVCUCMCh1V6wAg#v=onepage&q=McLennan%20John%20Ferguson.%20Primitive%20Marriage%3A%20An%20Inquiry%20Into%20the%20Origin%20of%20the%20Form%20of%20Capture%20in%20Marriages%20Ceremonies%22&f=false](#)

Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>22</sup> Lewis Henry Morgan não foi o único e nem o primeiro cientista a atribuir ao continente asiático a origem dos nativos norte-americanos, sendo Benjamin Smith Barthon, ainda no século XVIII, o mais notório dentre eles.

<sup>23</sup> MORGAN; Lewis Henry. *Ancient Society: Or, Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, Through Barbarism to Civilization*, New York: Henry Holt, 1877. Este modelo de evolução linear proposto por Lewis Henry Morgan, além de ter sido influenciado pela teoria proposta por Charles Darwin, fora inspirado pelos conceitos de “selvageria” e de “barbárie” antes empregados pelo polímata inglês John Lubbock.

Mais tarde, o modelo evolucionista cultural unilinear de Lewis Henry Morgan foi contestado e rejeitado por generalizar e desconsiderar as dinâmicas culturais particulares de cada etnia. Este fato ocorreu justamente no momento que despontava no cenário acadêmico Franz Boas e suas ideias ligadas à Antropologia Cultural.<sup>24</sup> No entanto, uma releitura das obras de Lewis Henry Morgan foi realizada nos meios acadêmicos no final da década de 1950, onde foi reconhecido que, a partir dos esforços iniciais de suas pesquisas voltadas para a um povo indígena específico, este antropólogo inaugurou um movimento dedicado aos estudos dos iroqueses: *The Iroquoianists*.

Dentre os *Iroquoianists* de destaque, encontra-se o reverendo William Martin Beauchamp, uma das primeiras autoridades reconhecidas sobre o assunto. Ele realizou trabalhos arqueológicos para o *New York State Museum* e foi diretor do *Onondaga Historical Society*, além de ter dedicado a maior parte de suas pesquisas aos iroqueses. Seus escritos trataram de temas diversos acerca das características desses povos, perpassando desde a proeminência feminina, sua história material, até questões relacionadas as suas crenças.<sup>25</sup>

Ao tratar da questão religiosa entre os indígenas, o linguista John Napoleon Brinton Hewitt é considerado outra referência de presença marcante entre aqueles que

---

<sup>24</sup> BOAS, Franz. “As limitações do método comparativo da antropologia”. In: *Antropologia Cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 25-39; BOAS, Franz. “Os princípios da classificação etnológica”. In: *A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Org e intr. George W. A. Stocking Jr. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora UFRJ, 2004, p. 91.

<sup>25</sup> As obras de William Martin Beauchamp citadas acima são, respectivamente, BEAUCHAMP, William Martin. “Iroquois Women”. In: *The Journal of American Folklore*, v. 13, n. 49 (Apr. - Jun.), 1900, pp. 81-91. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/533798?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/533798?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 1 jul. 2015; BEAUCHAMP, William Martin. *Metallic Ornaments of the New York Indians*. Albany: University of the state of New York, 1903. Disponível em: <https://archive.org/details/metallicornamen00beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015; BEAUCHAMP, William Martin. “Wampum and Shell Articles Used by the New York Indians”. In: *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v. 8, n. 41 (Feb.), 1901, p. 412; BEAUCHAMP, William Martin. “Aboriginal Use of Wood in New York”. In: *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v. 89, 1905. Disponível em: <https://archive.org/details/aboriginalusewo00beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.; BEAUCHAMP, William Martin. “Civil, Religious and Mourning Councils and Ceremonies of Adoption of the New York Indians”. In: *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v.113, 1907. Disponível em: <https://archive.org/details/civilreligiousa01beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015; BEAUCHAMP, William Martin. *Iroquois Folk Lore, Gathered From the Six Nations of New York*. Syracuse, N.Y.: The Dehler Press, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoisfolklore00beau>. Acesso em: 1 jul. 2015.

estudaram os iroqueses, apesar de ter seguido em uma área diferente da maioria dos estudiosos. Nascido em uma reserva indígena tuscarora, era especialista em mitologia iroquesa e, principalmente, nos seus dialetos, o que fez com que ele trabalhasse na produção de um dicionário tuscarora-inglês, somente publicado após a sua morte. Sua obra de maior relevância foi *Iroquois Cosmology* (1903-1928) que tratou do mito da criação nas versões dos índios onondagas, senecas e mohawks, sendo perceptíveis, no entanto, influências de características cristãs.<sup>26</sup>

Outro estudioso que tinha ancestralidade iroquesa foi Arthur Caswell Parker. De origem seneca, trilhou um caminho parecido com o do seu tio-avô, Ely Samuel Parker, o mesmo que ajudou Lewis Henry Morgan em suas pesquisas. Considerado o primeiro arqueólogo nativo americano, Arthur Caswell Parker realizou contribuições importantes nesse ramo científico, seja com a publicação de *The Archaeological History of New York* (1922), seja como primeiro presidente da *Society for American Archaeology* em 1935.<sup>27</sup> Ademais, como era politicamente engajado as causas dos povos indígenas, fundou a *Society of American Indians*, em 1911, e apoiou a criação do *National Congress of American Indians* em 1944.

Seguindo com os principais partícipes do movimento, é importante citar o intitulado “decano dos *Iroquoianists*”, o antropólogo William Nelson Fenton. Ao longo dos anos 1930, ele iniciou seus estudos iroqueses, mais propriamente entre os senecas, povo com o qual sua família já mantinha relações desde o século XIX. Como podemos depreender de sua produção acadêmica, as pesquisas desse estudioso foram

---

<sup>26</sup> HEWITT, John Napoleon Brinton. *Iroquoian Cosmology*. Washington: Government Printing Office, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoiancosmolo00hewi>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>27</sup> PARKER, Arthur Caswell. *The Archaeological History of New York*. New York: The University of the State of New York, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/archeologicalhi00parkgoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

direcionadas às práticas tradicionais mais antigas dos iroqueses, tendo como foco, as artes e as técnicas de cura empregadas por este povo indígena.<sup>28</sup>

Enfim, os trabalhos produzidos tendo como objeto de análise os iroqueses foram diversos, principalmente a partir das contribuições de Lewis Henry Morgan em meados do século XIX. Apesar das pesquisas junto às diferentes nações iroquesas, como os: senecas (Lewis Henry Morgan, Arthur Caswell Parker e William Nelson Fenton), tuscaroras (John Napoleon Brinton Hewitt) e onondagas (William Martin Beauchamp) terem conduzido a muitos avanços, sobretudo dentro da Antropologia e da Arqueologia, no que diz respeito ao conhecimento do universo indígena, não há registros indicando pesquisadores ou pesquisas dedicadas exclusivamente a investigar os costumes e tradições oneidas.

Por sua vez, a produção historiográfica americana do século XIX e seus historiadores, em sua maioria, se dedicavam na produção de uma História político-militar, enfatizando as batalhas, estratégias e principalmente, o enaltecimento de seus líderes, deixando, desta forma, poucas pesquisas acerca do universo indígena e suas participações nos principais eventos históricos. Conseqüentemente, neste século, encontra-se uma escassa produção historiográfica focada nos povos iroqueses.

---

<sup>28</sup> As obras de William Nelson Fenton relacionadas aos assuntos dispostos acima, correspondem a: FENTON, William Nelson. "Contacts between Iroquois herbalism and colonial medicine". In. *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution*. Washington: United States Government Printing Office, 1941, pp. 503-526. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/33470#page/9/mode/1up>. Acesso em: 1 jul. 2015; FENTON, William Nelson. *The False Faces of the Iroquois*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1987; FENTON, William Nelson. *The Little Water Medicine Society of the Seneca*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 2002; FENTON, William Nelson. *Songs from the Iroquois Longhouse: Program Notes for an Album of American Indian Music from the Eastern Woodlands*. Washington: Smithsonian Institution, 1942. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015009434658;view=1up;seq=3>. Acesso em: 1 jul. 2015; FENTON, William Nelson. *The Iroquois Eagle Dance: an offshoot of the Calumet Dance*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 1953. Disponível em: <https://repository.si.edu/handle/10088/15451>. Acesso em: 1 jul. 2015.

## 1.2 A historiografia da Independência Estadunidense

Desde o século XVIII, a tendência dos narradores da Independência Estadunidense e, mais tarde, dos historiadores norte-americanos se caracterizou por memórias escritas por testemunhas e biografias de líderes políticos e militares euroamericanos. A maioria destes relatos, porém, não apresentava muita preocupação com as formalidades exigidas pela academia. Eles continham uma interpretação tradicional do processo de independência, fazendo com que nomes como George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin, dentre outros integrantes da elite colonial (constituída basicamente por proprietários de terras e de escravos, além de grandes comerciantes) conhecidos como *Founding Fathers*, fossem alçados a condição de heróis, símbolos necessários para unir os colonos sob a identidade de uma nação em construção. Com isso, foi a visão dos colonos, mais tarde conhecida como perspectiva *Whig*, ou seja, a dos “vencedores” da guerra, que prevaleceu vigente nos registros da História, por mais de um século, sobre a perspectiva britânica derrotada *Loyalist*.<sup>29</sup>

As interpretações sobre as causas e os significados da Independência Estadunidense, no entanto, se modificaram de acordo com o tempo e o espaço em que foram concebidas. A partir dessa lógica, a historiografia estadunidense tende a dividir as diferentes concepções em sete escolas de pensamento predominantes: *Whig*, *Loyalist*, *Progressive*, *Imperial*, *Consensus*, *Neo-Whig* e *Neo Progressive/Left*. Enfim, por ser um

---

<sup>29</sup> O conceito *Whig* estava, inicialmente, relacionado às forças políticas inglesas e escocesas que representavam os ideais políticos liberais. Muitas vezes era associado ao radicalismo, em razão de defender uma monarquia constitucional e o parlamento em detrimento da dinâmica monárquica absolutista, então em voga. Portanto, faziam oposição aos conservadores, denominados *Tories*, grupo que reunia basicamente a nobreza inglesa e que deixara de existir como uma entidade política organizada ainda no início de 1760. No entanto, isso não impediu que na América do Norte Britânica, durante o processo de Independência Estadunidense, o termo *Tory* fosse direcionado como uma referência política por parte dos ativistas engajados contra o governo vigente, para aqueles que simpatizavam com as práticas políticas empregadas por George III. Sobretudo após a Declaração da Independência (1776), este termo foi ampliado e empregado para também descrever os *Loyalist* ou Legalistas, aqueles colonos que se aliaram ou permaneceram fiéis à Coroa Britânica em defesa do direito do Rei sobre o Parlamento e assim contra o movimento pró-independência das Treze Colônias que, por sua vez, passaram a se auto-intitular *Patriots*.

processo tão complexo, a Independência é um dos temas que mais gerou discussões na Historiografia Estadunidense.<sup>30</sup> Se faz importante ressaltar as concepções e interpretações de cada uma dessas escolas de pensamento, principalmente para se perceber por quanto tempo os nativos norte-americanos, assim como outros povos sociais que não se enquadravam como europeus e seus descendentes, foram historiograficamente marginalizados especialmente no que diz respeito ao processo de Independência dos Estados Unidos.

A inaugurar as escolas que estudaram o processo de Independência Estadunidense, encontra-se o grupo de indivíduos sob a mentalidade *Whig* (a qual compreende desde contemporâneos ao evento como William Gordon e George Bancroft até estudiosos do início do século XX) que registraram o episódio, em sua maioria, através de biografias de cunho emocional apelativo e narrativas maniqueístas.<sup>31</sup> Ou seja, os manuscritos influenciados pela perspectiva *Whig* costumavam exaltar os patriotas e os associar a modernidade por lutarem a favor da “liberdade”. Enquanto que, concomitantemente, se depreciava os britânicos, os identificando ao retrocesso político, citando o seu Parlamento como “corrupto” e, posteriormente, o rei George III como “tirano”.<sup>32</sup> Este pensamento de povo legítimo herdeiro das tradições libertárias fez com

---

<sup>30</sup> Não cabe a esta pesquisa delimitar detalhadamente cada uma dessas vertentes, pois a produção nesse campo é vasta e constante, mas apenas situar o leitor dentro dos principais debates historiográficos até então existentes acerca do tema em questão para uma reflexão mais apurada e abrangente do papel do nativo norte-americano para a historiografia estadunidense no contexto do seu processo de independência nacional.

<sup>31</sup> GORDON, William. op. cit.; BANCROFT, George. *History of the United States of America, from the discovery of the American continent*. 10 vols. Boston: Little, Brown, and company, 1834–78. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Bancroft%2C+George%2C+1800-1891%22%22History+of+the+United+States+of+America+from+the+discovery+of+the+continent%22&page=2>. Acesso em. 1 jul. 2015.

<sup>32</sup> As principais obras de referência para este período são: GORDON, William. op.cit; WARREN, Mercy Otis. op. cit.; SPARKS, Jared. *The Diplomatic Correspondence of the American Revolution*. 12 vols. Boston: Nathan Hale and Gray & Bowen, 1829. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Sparks%2C+Jared%2C+1789-1866%22+%22The+diplomatic+correspondence+of+the+American+revolution%22&page=2>. Acesso em: 1 jul. 2015; BANCROFT, George. op. cit.; FISKE, John. *The American Revolution*. 2 vols. Boston and New York: Houghton Mifflin Company, 1891. Disponível em:

que George Bancroft em *History of the United States of America, from the discovery of the American continent* (1834), assim como outros estudiosos, defendessem a ideia de que a formação dos Estados Unidos fora obra de uma providência divina. Amparados neste conceito, desenvolveram ideias sobre o excepcionalismo nacional e o Destino Manifesto.<sup>33</sup>

Além disso, George Bancroft, assim como Thomas Jefferson, se preocupou em expressar a noção de que a Independência Estadunidense era uma revolução a fim de preservar a liberdade, mas de caráter conservador.<sup>34</sup> Assim sendo, de acordo com estes autores, não fora necessária violência e nem destruições em larga escala, fazendo com que panfletos mais “radicais”, como o de Thomas Paine, acabassem sendo vistos com menosprezo e conseqüentemente fossem negligenciados por aqueles que, naquele momento, estudavam o processo de Independência.<sup>35</sup>

---

<https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22John%20Fiske%22%22the%20american%20revolution%22>; Acesso em: 1 jul. 2015. Para maiores detalhes acerca da concepção e do sentimento de súdito, atrelados ao devido respeito prestado a Coroa Britânica, ver página 51.

<sup>33</sup> A concepção de um destino especial reservado aos E.U.A. e sua sociedade teve em Alexis de Tocqueville um dos seus primeiros difusores a partir de sua obra: TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique*. Bruxelles: Louis Hauman et Comp., Libraires, 1835. Disponível em: [https://books.google.it/books?id=4buUAREmDhKc&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.it/books?id=4buUAREmDhKc&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015. Esse “excepcionalismo” estadunidense, mais tarde, se tornou um verdadeiro guia para o mito nacional de criação dos E.U.A. e foi propagada não somente pelo senso comum, como pelos próprios acadêmicos, ao longo do século XIX. O mais notável autor a perpetuar esta ideia na historiografia estadunidense foi Frederick Jackson Turner em sua obra: TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*, Chicago, IL: American Historical Association at the World’s Columbian Exposition, 1893.

<sup>34</sup> O conceito de “revolução” já sofreu inúmeras interpretações ao longo da História. A que predomina atualmente é a de cunho marxista, construída com referências ideológicas oriundas dos eventos da Revolução Francesa. No entanto, suas primeiras concepções estavam atreladas a ideia de movimento de rotação e de retorno de corpos celestes ao seu ponto de origem. Ainda no século XVII, alguns estudiosos se apropriaram dessa perspectiva de revolução como retorno e a readaptaram em vista de acontecimentos políticos e sociais que, de alguma forma, transformaram a sua própria dinâmica de mundo. Essa essência do sentido da expressão se sustentou com os contemporâneos da Revolução Inglesa e, mais tarde, com a Independência Estadunidense. Por isso, alguns pensadores e pesquisadores desse processo defendem a ideia de que ela foi uma revolução conservadora, ou seja, que suas transformações, apesar de radicais na estrutura, vinham a retomar uma ordem que foi há muito tempo abalada. Um debate historiográfico que elucida a construção do conceito de revolução aplicado à Independência Estadunidense pode ser encontrado em: ARENDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1988; HOBBSAWM, Eric John Ernest. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp. 201-208.

<sup>35</sup> PAINE, Thomas. Senso comum. In. *Pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Outro grupo também suprimido por ter como fundamento uma perspectiva contrária às características da corrente descrita anteriormente foram os *Loyalist*. Este movimento foi representado por indivíduos proeminentes como Thomas Hutchinson, ex-governador de Massachusetts, e Joseph Galloway, ex-membro do *Continental Congress* e do mesmo modo como os já citados *Whigs*, eles também foram contemporâneos a Independência. No entanto, apresentavam uma visão da História que tomava o Império Britânico como protagonista do evento.<sup>36</sup> Assim sendo, tentaram justificar as ações imperiais durante a crise ao afirmar que o sentimento anti-britânico se expandiu devido à demagogia de um grupo de populares, que não tinham compreendido a intenção do governo ao aumentar as taxas e impostos para as Treze Colônias, estes ainda menores que na própria Inglaterra.

No que compreende o final do século XIX e início do XX, ocorreu o declínio da política do Destino Manifesto e conseqüentemente a derrocada da perspectiva *Whig*, intimamente ligada à noção de expansionismo territorial e excepcionalismo estadunidense. Além disso, alguns historiadores tais como Charles Austin Beard, Merrill Monroe Jensen e Arthur Meier Schlesinger, atentos às desigualdades em sua própria sociedade e aos conflitos que estas condições geravam, começaram a reexaminar as causas da Independência partindo dos problemas sociais e econômicos, o que deu origem a escola de pensamento chamada *Progressive*.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> HUTCHINSON, Thomas. *Strictures Upon the Declaration*. London: self-published, 1776. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/pages/1776-hutchinson-strictures-upon-the-declaration-of-independence>. Acesso em: 1 jul. 2015; GALLOWAY, Joseph. *Historical and Political Reflections on the Rise and Progress of the American Rebellion*. London: G. Wilkie, 1780. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=cHxbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=cHxbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>37</sup> Os principais autores e suas respectivas produções que representaram esse período foram: BEARD, Charles Austin; BEARD, Mary Ritter. *The Rise of American Civilization*. New York: The Macmillan Company, 1927; JENSEN, Merrill Monroe. *The Articles of Confederation: An Interpretation of the Social-Constitutional History of the American Revolution, 1774-1781*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1940 e; SCHLESINGER, Arthur Meier. *The Colonial Merchants and the American Revolution, 1763-1776*. New York: Columbia University, 1918. Disponível em: <https://archive.org/details/colonialmerchant00schluoft>. Acesso em: 1 jul. 2015.

Esta nova escola de pensamento historiográfico atingiu seu auge a partir da década de 1920, com a ascensão do comunismo e a Grande Depressão, permanecendo como o pensamento histórico americano predominante no ensino superior por várias décadas. Assim sendo, a escola *Progressive* introduziu a doutrina marxista na academia estadunidense e, com isso, teceu críticas à sociedade homogênea, à batalha pela democracia e ao consenso nacional, todos temas idealizados pela escola *Whig*. Contudo, sua originalidade se destacou principalmente em tentar explicar a Independência a partir das condições socioeconômicas, ou seja, dando maior importância ao viés infra-estrutural do que ao ideológico. Diferentemente das escolas de pensamento anteriores, a escola *Progressive* alegava que as questões ideológicas (ideais de liberdade, visão providencial ou conceito de súdito real, dentre outros) serviram apenas como disfarces que encobriram as reais intenções dos líderes do movimento no processo de independência: a manutenção dos seus próprios interesses político-econômicos contra as novas taxações restritivas britânicas dentro das Treze Colônias.<sup>38</sup>

Enquanto que em relação à maioria da população colonial e àqueles que participaram do processo, os historiadores *Progressives* afirmaram que eles foram movidos sobre o apelo retórico da “falsa” propaganda panfletária promovida pelos próprios dirigentes do movimento pela Independência Estadunidense. Portanto, o conflito de classes era o cerne desse processo e, como colocou Carl Lotus Becker em 1909 a partir de sua “Tese de Revolução Dual”, existiram duas frentes de batalhas dentro desse processo: uma disputa de poder entre pessoas comuns contra a aristocracia colonial conservadora (caracterizando assim uma guerra civil) e outro conflito dos

---

<sup>38</sup> Como prova de que o processo de Independência Estadunidense foi realizado para fins econômicos da própria elite colonial, os historiadores *Progressives* adotaram, como exemplo, documentos que tratavam dos bens materiais de muitos dos signatários da Declaração de Independência dos Estados Unidos.

colonos contra o Império Britânico (evidenciando uma guerra para a Independência, de fato).<sup>39</sup>

No entanto, com a chegada do século XX, um movimento denominado *Imperial*, procurou resgatar as noções promovidas pelos execrados *Loyalist* e assim dividir a predominância na Historiografia da Independência com a *Progressive*. A preocupação dos historiadores dessa nova forma de escrita da história foi estudar o processo de Independência a partir de uma extensão mais ampla do que simplesmente a partir das Treze Colônias. Eles pretendiam inseri-las dentro de um contexto macro: considerando o conflito através da dimensão imperial britânica como um todo, ou seja, as colônias, como parte integrante de um Império.

A conclusão que esses historiadores chegaram foi de que as causas para a Independência Estadunidense tiveram origens em uma instabilidade político-econômica na própria Grã-Bretanha, já que a administração por parte de ministérios conservadores (*tories*), não souberam enfrentar, com a urgência necessária, a grave crise econômica instaurada no Império, proveniente sobretudo das dívidas geradas com a Guerra dos Sete Anos. Assim, na tentativa de aumentar suas receitas, o Parlamento britânico reforçou o pacto colonial através de uma série de taxas e impostos que foi sentida de forma negativa por grande parte da população nas Treze Colônias devido ao fato de não ter se realizado anteriormente, tamanha mobilização governamental para angariar fundos como dessa forma. Enfim, os trabalhos com as perspectivas de historiadores da alçada *Imperial* possibilitaram uma melhor compreensão de como se estruturava e funcionava o sistema governamental britânico, inclusive frente à administração de suas colônias.

---

<sup>39</sup> BECKER, Carl Lotus. *The History of Political Parties in the Province of New York, 1760-1776*. Madison, WI: University of Wisconsin, 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/historypolitica05beckgoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

Já nos anos de 1940, mais propriamente, após a Segunda Guerra Mundial e o surgimento da Guerra Fria, os Estados Unidos aumentaram o seu foco na política externa e conseqüentemente, ocorreu a busca de uma concordância interna entre vários segmentos da sociedade, inclusive acadêmicos, em aspectos ideológicos outrora divergentes. Estes fatores influenciaram o surgimento de outra escola de pensamento norte-americana que propôs uma interpretação “consensual” do processo de Independência Estadunidense. Os historiadores da escola *Consensus* rejeitaram tanto os argumentos ideológicos *Whigs* quanto os econômicos *Progressives* como sendo as principais causas da Independência, alegando que ambos geravam conflitos e estes, propriamente ditos, somente aconteceram nas regiões fronteiriças das Treze Colônias, à margem das leis.<sup>40</sup>

Na medida que restauraram a ideia de que houve um consenso por parte dos colonos que participaram do processo de Independência Estadunidense, os historiadores *Consensus* não somente foram contrários, mais uma vez, a perspectiva *Progressive*, como também a *Imperial*.<sup>41</sup> Para isso, eles tomaram como fundamento a concepção de que a maioria dos residentes nas Treze Colônias eram indivíduos alfabetizados e politizados, cientes de seus direitos como súditos britânicos, além de manterem-se informados através de: jornais, panfletos, reuniões nas *colonial meeting houses* e assembleias provinciais.

Os colonos, portanto, somente sentiram suas prerrogativas político-econômicas ameaçadas após as constantes interferências políticas inglesas nas Treze Colônias através da taxaço sobre as mais variadas mercadorias, decidindo, desta forma, primeiramente,

---

<sup>40</sup> Os historiadores e obras da escola *Consensus* que mais se destacaram foram: MORGAN, Edmund Sears. *The American Revolution: A Review of Changing Interpretations*. Washington: Service Center for Teachers of History, 1958 e; BOORSTIN, Daniel Joseph. *The Americans: The Colonial Experience*. New York: Vintage Books, 1958.

<sup>41</sup> Os livros que chamaram a atenção para a Independência Estadunidense como um processo que mobilizou a maioria da população nas Treze Colônias são: ALDEN, John Richard. *The American Revolution, 1775-1783*. New York: Harper & Brothers, 1954; APTHEKER, Herbert. op. cit.

reivindicar seus direitos junto ao rei. No entanto, suas solicitações não tiveram o retorno esperado, fazendo com que a concepção de emancipação política frente ao Império Britânico, que antes parecia uma ideia radical para os colonos, fosse angariando, cada vez mais, adeptos tendo como base a crença de que a manutenção da ordem social e econômica existente há muito nas Treze Colônias era a legítima cultura política e jurídica anglo-saxã, então já corrompida na Inglaterra.

Esta foi a concepção adotada pelos historiadores conservadores da escola *Consensus*: o processo era visto como uma guerra para a independência, mais do que uma revolução, pois o objetivo dos colonos não foi tentar produzir uma transformação radical nas estruturas de sua sociedade, mas manter o que a maioria já havia alcançado: uma relativa prosperidade ao não existir um grande fosso de desigualdade social, assim como, uma aceitação maior por parte da sociedade quanto ao governo vigente.

Neste ínterim, também houve espaço para autores que não se enquadravam nas escolas em voga neste momento. Foi o caso de Robert Roswell Palmer e Jacques Léon Godechot que escreveram uma História Atlântica ao traçarem um paralelo entre os conflitos ocorridos ao longo do século XVIII na Europa e nos E.U.A., principalmente entre a Revolução Francesa e a Independência Estadunidense, destacando várias similitudes ideológicas e práticas em ambas. No entanto, suas leituras não obtiveram grande receptividade por parte dos historiadores estadunidenses, pois ambos os autores tinham abordagens mais atreladas a concepção historiográfica francesa.<sup>42</sup>

Durante o período de Guerra Fria, surgiu a escola de pensamento *Neo-Whig* que propôs à historiografia novamente enfatizar a importância ideológica em torno da Independência Estadunidense, agora, no entanto, voltada para fins políticos através da

---

<sup>42</sup> PALMER, Robert Roswell. *The Age of the Democratic Revolution: a political history of Europe and America, 1760–1800*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1959-64, v.1 e v.2; GODECHOT, Jacques Léon. *As revoluções: 1770-1799*. São Paulo: Pioneira, 1976 e; GODECHOT, Jacques Léon; PALMER, Robert Roswell. “Le problème de l’Atlantique du XVIIIème siècle”. In: International Congress of Historical Sciences. Florence: *Relazioni*, 5, 1955, pp. 173-239.

literatura de folhetos produzida principalmente antes do processo. Um dos grandes representantes desse pensamento e pioneiro na ampla pesquisa de panfletos anteriores à Independência foi Bernard Baylin. Este pesquisador desenvolveu seu argumento baseado na complexidade do poder que as ideias exercem sobre o homem. Para ele, estes princípios não eram meras propagandas e nem serviam de embustes para interesses econômicos particulares por parte da elite, mas eram uma genuína ideologia que serviu como a principal motivação para a mobilização colonial em busca da Independência.<sup>43</sup>

Influenciado pela obra *The Eighteenth-Century Commonwealthman*, de Caroline Robbins, Baylin percebeu que os iluministas clássicos não foram preponderantes no que tange à ideologia pró-Independência ao ter redescoberto uma geração de escritores de pensamento libertário radical (*Radical Whigs*) inspirados na Revolução Inglesa e pós-John Locke.<sup>44</sup> Estes autores estavam sendo reimpressos em larga escala nas Treze Colônias, pois sua mensagem estava encontrando grande recepção pública, dando forma, cada vez mais, ao modo de pensar de grande parte dos colonos a se precaver em relação as práticas do governo imperial britânico propenso a tirania.

Tanto Baylin, como seu ex-aluno Gordon Stewart Wood, conceberam a Independência dos Estados Unidos da América como uma revolução política e social desencadeada por ideias radicais.<sup>45</sup> No entanto, o foco dos estudos de Wood são mais em relação as consequências do processo, para ele a maioria dos colonos buscaram transformações significativas nas estruturas sociais ao construir uma nova sociedade que o distinguisse do “Velho Mundo”, levando a profunda quebra de padrões previamente estabelecidos como privilégios hereditários e hierarquias sociais em prol da

---

<sup>43</sup> BAYLIN, Bernard. *As origens ideológicas da revolução americana*. Bauru, SP: edusc, 2003.

<sup>44</sup> ROBBINS, Caroline. *The Eighteenth-Century Commonwealthman: Studies in the Transmission, Development, and Circumstance of English Liberal Thought from the Restoration of Charles II until the War with the Thirteen Colonies*. Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1959.

<sup>45</sup> WOOD, Gordon Stewart; POLE, Jack Richon. *Social Radicalism and the Idea of Equality in the American Revolution*. Houston, TX.: University of St. Thomas, 1976; WOOD, Gordon Stewart. *The Radicalism of the American Revolution*. New York, NY.: Alfred A. Knopf, 1992.

meritocracia, preparando assim o panorama para mudanças vindouras com a inserção dos direitos da minoria. Ainda que os indígenas não estivessem inclusos na discussão historiográfica inicial, a inserção desses direitos foi importante para que, mais tarde, houvesse o reconhecimento historiográfico das contribuições dos povos nativos em episódios históricos no processo de Independência dos Estados Unidos.

Agora a visão que preponderava entre os historiadores estadunidenses era de que a Independência trouxe, de fato, uma mudança real na vida política, econômica, social e cultural para os Estados Unidos. No entanto, até meados do século XX, não havia produções das escolas historiográficas estadunidenses abordando com detalhes os grupos marginalizados da sociedade, dentre eles, principalmente, as mulheres, os negros e os nativos americanos.

Somente, em finais da década de 1960, com o advento de diversos movimentos sociais reivindicando direitos civis, a Independência Estadunidense foi novamente reinterpretada. Dessa vez pela escola de pensamento conhecida como *Neo Progressive* ou *Neo Left*, onde historiadores sociais concentraram seus esforços levando em conta principalmente características da sociedade colonial, como: profissões, condições socioeconômicas, gênero e etnia. Assim, decidiram se voltar à pesquisa da vida cotidiana de pessoas “comuns” do século XVIII nas Treze Colônias que participaram do processo de Independência.<sup>46</sup>

A partir disso, as mulheres e os negros alcançaram a dianteira das pesquisas historiográficas e conseqüentemente maior espaço na História da Independência Estadunidense, ainda que os historiadores tivessem apenas ratificado que para o primeiro grupo continuou a ser negada uma série de direitos políticos e para o segundo a

---

<sup>46</sup> Os principais expoentes e as obras mais importantes desse período foram: NASH, Gary Baring. *The Unknown American Revolution: The Unruly Birth of Democracy and the Struggle to Create America*. New York: Penguin Books, 2006; COUNTRYMAN, Edward. *A People in Revolution: The American Revolution and Political Society in New York, 1760-1790*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1981.

conservação da escravidão (o que para a grande maioria perdurou até após a Guerra de Secessão). Contudo, diversas pesquisas vêm demonstrando o grande engajamento de mulheres e negros, assim como, suas reais contribuições ao participarem no processo de Independência.<sup>47</sup> Em seguida, foi a vez dos povos nativos obterem o seu espaço, de forma concreta, na historiografia da Independência Estadunidense.

### **1.3 A participação indígena na Independência Estadunidense**

A participação indígena e o seu reconhecimento na historiografia dos Estados Unidos foi constituída por um processo longo e árduo, feito de muito empenho, inclusive no campo político. Diversas reivindicações direcionadas por organizações relacionadas aos direitos dos nativos americanos alcançaram conquistas junto ao governo dos Estados Unidos, com destaque para: o *Indian Citizenship Act* (1924), o *National Congress of American Indian* (1944) e o *Indian Claims Act* (1946). Estas, contudo, não trouxeram reverberações consistentes para reflexão no cenário acadêmico ou mesmo historiográfico estadunidense no que condiz a amplas pesquisas tematizando as questões indígenas em pleno processo de Independência até meados do século XX.

Todavia, no evento intitulado *Ohio Valley Historic Indian Conference* (1953) foi debatida entre um grupo de acadêmicos da área de humanas a retomada de uma proposta sofisticada: utilizar a Etno-história como metodologia de análise para a História Indígena, onde os paradigmas antropológicos e arqueológicos viriam a se somar com os históricos e os linguísticos, visando uma reflexão ainda mais complexa e

---

<sup>47</sup> GOULD, Dudley C. *Blacks, Indians & Women in America's War for Independence*. Southfarm Press, 2006; RAPHAEL, Ray. *A People's History of the American Revolution: How Common People Shaped the Fight for Independence*. New York, NY.: The New Press, 2001.

profunda acerca de um determinado tema.<sup>48</sup> Ainda que os avanços trazidos por esta conferência não tenham produzido consequências imediatas, este questionamento foi importante a longo prazo, no sentido de que incutiu a ideia da interdisciplinaridade para os historiadores estadunidenses, até então ainda muito fechados a outros campos do conhecimento científico.<sup>49</sup>

No início, foram os etnólogos que mais desenvolveram trabalhos etno-históricos. Por estarem mais habituados aos trabalhos de campo do que pesquisas em bibliotecas e arquivos, muitos analisavam as fontes escritas com relativa dificuldade em relação ao emprego de técnicas historiográficas. Isso engendrou em alguns deles críticas precipitadas e tendenciosas, ao desconfiar que as fontes escritas eram apenas reproduções do tempo em que foram produzidas, documentos que registravam, portanto, interpretações parciais. Em contrapartida, alguns historiadores, encontravam justamente seu desafio em se desvencilhar da ideia de que as obras escritas eram, de fato, as fontes definitivas de informações acerca do assunto estudado.<sup>50</sup>

Contudo, as diferenciações entre História e Antropologia não se limitaram a questões anteriores. Os estudiosos mais críticos acerca das Ciências Humanas atribuíam que os preconceitos derivados de uma interpretação evolucionista e imperialista ainda se

---

<sup>48</sup> A concepção de Etno-história não é inovadora para a época, desde a origem do termo por Clark Wissler (assistente de Franz Boas no *American Museum of Natural History*) em 1909, passando pela sua primeira utilização como premissa teórico-metodológica por Fritz Rock em 1930 no *Viennese Study Group for African Culture History* e alguns anos depois, quando é publicado aquele que é considerado o primeiro trabalho de Etno-história norte-americana atribuído a Alfred Goldsworthy Bailey: *The Conflict of European and Eastern Algonkian Cultures* (1937). A Etno-história, no entanto, só veio a ganhar respaldo entre os cientistas estadunidenses a partir da década de 1950, com a *Ohio Valley Historic Indian Conference* em 1953 e no ano seguinte, quando da fundação da *American Society for Ethnohistory*, assim como, a publicação do principal periódico acadêmico sobre o gênero: o *Ethnohistory Journal* (1954). Em CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. “Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa”. In: *História*, Franca, São Paulo v. 30, n. 1, p. 349-371, Janeiro-Junho 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742011000100017#1b](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742011000100017#1b). Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>49</sup> Diferentemente dos E.U.A., a historiografia na Europa já havia sido influenciada pela *École des Annales* que, no final da década de 1920, propôs uma “nova História” que, dentre outras características, criticava o campo de pesquisa político-militar, assim como, veio a introduzir a ideia de interdisciplinaridade da História com outras Ciências Humanas.

<sup>50</sup> TRIGGER, Bruce G. “Etnohistória: problemas e perspectivas”. Tradução por: ALMEIDA, Regina C. de; FREIRE, José Ribamar Bessa. In: *Ethnohistory*, Texas, USA v. 29, n. 1, 1982, pp. 7-8.

perpetuavam desde o século XIX entre os estudos históricos e antropológicos, fundando uma dicotomia tradicional: enquanto que a Antropologia estudava as culturas “estáticas” e “inferiores” dos povos nativos, ficava a cargo da História um estudo sobre o dinamismo e o progresso trazidos pelas sociedades de origem europeia.<sup>51</sup>

a etnohistoria, por contraste, ter se desenvolvido como o estudo da mudança entre os povos indígenas, em oposição a História, que estuda as atividades dos europeus, tanto antes quanto depois que eles se instalaram em diferentes partes do mundo (...) Nessa perspectiva, a distinção entre História e Etnohistória caminha essencialmente paralela a distinção evolucionista entre as chamadas “sociedades primitivas” e as “civilizações”.<sup>52</sup>

Apesar da Antropologia (em particular os etnólogos) e da Arqueologia estudarem os povos indígenas, durante o século XIX, estas eram repletas de limitações e dificuldades a serem superadas no que diz respeito a compreensão das culturas indígenas. Para eles, as culturas indígenas também eram consideradas relativamente estáticas e permaneciam imutáveis ao longo de século. O máximo que acontecia eram migrações étnicas que difundiam características culturais estáticas de uma região ou povo nativo para outro. Ou seja, as mudanças eram atribuídas somente a pequenas movimentações dos povos indígenas e não a transformações culturais internas a cada grupo social.<sup>53</sup>

Ainda de acordo com essa concepção, foi somente a partir do contato com os europeus que as mudanças culturais começaram a ocorrer profundamente nas sociedades indígenas. No entanto, tais modificações aconteceram de forma desastrosa para os povos indígenas, levando-os a distintos estágios de extinção, já que “tendiam para o processo de desintegração cultural que terminaria com a extinção física dos

---

<sup>51</sup> *ibid.*, p. 6.

<sup>52</sup> *ibid.*, p. 5.

<sup>53</sup> *ibid.*, p. 6.

habitantes indígenas da América do Norte ou com total assimilação dos poucos que sobreviveram à cultura europeia então dominante”.<sup>54</sup>

Somente no século XX, mais precisamente em meados da década de 1960, inserindo-se em pleno contexto geral de manifestações protagonizadas pelas minorias sociais por seus direitos frente ao governo dos Estados Unidos, que os movimentos indígenas movidos pelo espírito *Red Power* e representados principalmente pelo *American Indian Movement* (fundado por índios ojibwes em *Minneapolis* no estado de *Minnesota* em 1968), conseguiram que um novo olhar por parte do homem branco inserido na academia fosse lançado para os até então negligenciados povos nativos. Portanto, tudo isso culminou não somente com avanços trazidos no campo político, com o *Indian Civil Rights Act* (1968), como também no mundo acadêmico da História e das Ciências Humanas de uma forma ampla.

As Ciências Humanas, gradualmente, passaram a dar maior atenção ao processo de mudanças culturais entre os nativos antes do contato com os europeus. E assim compreenderam que as culturas indígenas não começaram a mudar como resultado do contato com os primeiros europeus. Muito pelo contrário, as mudanças culturais têm sido uma das características mais marcantes das sociedades indígenas. Elas já se desenvolviam internamente em seus respectivos povos e respondiam a contatos com outros povos nativos, antes mesmo da chegada dos europeus à América.<sup>55</sup>

Com isso, alguns antropólogos preocupados em compreender as culturas indígenas em perspectiva de processos históricos, aprofundaram suas pesquisas a partir das diversas reações culturais indígenas frente as formas de dominação europeia, inclusive da aculturação na antropologia americana. Mais tarde, eles procuraram manifestar publicamente o tratamento dispensado aos nativos e com isso, garantir a eles

---

<sup>54</sup> *ibid.*, p. 6.

<sup>55</sup> *ibid.*, p. 6.

melhores condições, sobretudo por parte dos governantes ao formularem políticas mais efetivas para lidar com as reais necessidades dos povos indígenas.

O crescente interesse pela Etno-história deveu-se obviamente aos trabalhos realizados pelos etno-historiadores, mas principalmente proveio dos próprios povos indígenas que através de seus esforços traduzidos em atos políticos e culturais entre os euroamericanos desenvolveram uma nova concepção sobre eles próprios.

No entanto, alguns ativistas indígenas desenvolveram, concomitantemente, um pressuposto controverso ao estarem convictos de que os euroamericanos por reproduzirem preconceitos contra os indígenas ao longo de gerações, não eram capazes de conduzir pesquisas e nem de produzir trabalhos coerentes a perspectiva indígena, a não ser os próprios nativos que não somente conseguiriam como deveriam registrar suas próprias histórias de forma imparcial. Contudo, os próprios índios também traziam consigo anos de preconceito contra si próprios, como colocou Bruce Trigger no trecho a seguir:

Esta abordagem historiográfica não consegue libertar a História Indígena da influência euroamericana, porque ela é incapaz de ultrapassar o sentido de vergonha que a cultura branca impôs aos índios americanos, convencendo muitos deles a aceitar a classificação de seus estilos de vida tradicionais como sendo primitivos. Os índios americanos não conseguiram ainda produzir uma verdadeira versão descolonizada de sua própria História. Basta apenas isso para coloca-los numa posição desfavorável para criticar os etnohistoriadores euroamericanos. Apesar de ser profundamente desejável recrutar índios para a pesquisa etnohistórica, nenhum argumento moral ou científico pode ser levantado – como um princípio geral – para restringir o estudo da História apenas aos membros do grupo étnico que está sendo investigado.<sup>56</sup>

Quanto ao caso específico acerca da participação indígena no processo de Independência Estadunidense, pode-se considerar que foi a partir do artigo de Jack M.

---

<sup>56</sup> *ibid.*, p. 13.

Sosin, *The Use of Indians in the War of the American Revolution* (1965), que se inaugurou o tema.<sup>57</sup>

Na década seguinte, os trabalhos com este tema renderam maiores discussões historiográficas. Pode-se destacar *The Iroquois in the American Revolution* (1972), de Barbara Graymont e seus estudos voltados, em termos gerais, para uma história político-militar dos iroqueses e as consequências da guerra de independência Estadunidense trazidas para eles.<sup>58</sup> Além disso, houve ainda a contribuição de *Longhouse Diplomacy and Frontier Warfare* (1976) de William Thomas Hagan e Donald A. Jr. Grinde que, a partir de uma pesquisa ousada, identificou que a democracia defendida pelo recém-criado governo dos Estados Unidos teve a sua grande influência ideológica a partir de pesquisas de Thomas Jefferson e Benjamin Franklin junto aos direitos iroqueses.<sup>59</sup> Enfim, a década de 1970 foi, de fato, um período prolífero em que estudiosos se dedicaram significativamente a pesquisa da participação iroquesa na guerra de Independência, acarretando um aumento perceptível das produções acerca do tema no meio acadêmico.

Era nítido que a historiografia estadunidense estava passando por um momento de reformulações tanto na busca de seus objetos de pesquisas, como na forma de descrevê-los e foi durante este período que uma gama de historiadores revisionistas: James Axtell, Vine Deloria Jr., Francis Jennings, dentre outros, constituíram o movimento intitulado *New Indian History*, uma espécie de revigoração de um movimento anterior, o *New Western History*.<sup>60</sup> Ainda que cada um deles contasse com suas próprias metodologias (a *New Western History* utilizava-se da História Social

---

<sup>57</sup> SOSIN, Jack M. "The Use of Indians in the War of the American Revolution: A Re-Assessment of Responsibility". In. *Canadian Historical Review*, University of Toronto Press, v. 46, n. 2, June 1965, pp. 101-121.

<sup>58</sup> GRAYMONT, Barbara. op. cit.

<sup>59</sup> HAGAN, William Thomas. *Longhouse Diplomacy and Frontier Warfare: The Iroquois Confederacy in the American Revolution*. Albany, NY: American Revolution Bicentennial Commission, 1976.

<sup>60</sup> id., "The New Indian History". In. FIXICO, Donald L. (org.). *Rethinking American Indian History*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997, pp. 27-42.

juntamente com a História Ambiental, enquanto que a *New Indian History* empregava a Etno-história), ambos contribuíram para o avanço dos estudos indígenas.

A crítica desses movimentos era fundamentalmente direcionada a *Frontier Thesis* (1893), de Frederick Jackson Turner, que desde o início do século XX foi predominante nos meios acadêmicos estadunidenses. A Tese de Turner caracterizava-se por ser de cunho evolucionista e etnocêntrico e, em linhas gerais, defendia que o desenvolvimento dos Estados Unidos estava intrinsecamente associado à expansão de fronteiras, realizada pelas primeiras gerações de europeus na América.<sup>61</sup> Assim, à medida que eles se encaminhavam para o oeste, mais se adaptavam ao novo ambiente e gradativamente mais americanos tornavam-se. Frederick Jackson Turner refletia um paradigma social de sua época ao auferir essa noção de identidade excepcional estadunidense apenas ao pioneiro, homem de origem europeia, levando o historiador a desconsiderar tanto o gênero como a etnia dos indivíduos norte-americanos, excluindo assim, justamente as mulheres, os negros e os índios de seus estudos.

No caso dos índios, a Etno-história buscou utilizar as tradições orais, a fim de escutar as suas vozes e, através delas, escrever sua história através de suas crenças, tradições e práticas, reconstruindo, desta forma, a própria perspectiva do nativo, os colocando no centro da narrativa histórica. Para isso, foi necessário desconstruir o estereótipo aplicado ao nativo de vítimas passivas aos acontecimentos, os tornando também responsáveis diretos, principalmente através de negociações para a construção desse Novo Mundo na América.

A utilização da Etno-história para a análise da participação indígena no processo de Independência Estadunidense, tendo como foco especificamente a nação Oneida, apenas ocorreu em 1976 com o artigo de David Levinson, *An Explanation for the*

---

<sup>61</sup> TURNER, Frederick Jackson. op. cit.

*Oneida-Colonist Alliance in the American Revolution*. O autor problematiza as causas para inserção dos oneidas na guerra, ultrapassando a tese tradicional e simplista que considerava que o principal responsável pela mobilização fora um personagem de origem euroamericana, o reverendo Samuel Kirkland.

Um segundo momento importante nas pesquisas históricas sobre os povos indígenas ocorreu a partir da década de 1980, se estendendo até os dias atuais. O momento contou com expoentes como Donald Fixico, Richard White, James Hart Merrell e Colin Gordon Calloway. Já no campo específico da participação dos oneidas na Independência Estadunidense, obras como *Forgotten Allies* (2006) de Joseph T. Glatthaar e James Kirby Martin; *E Pluribus Oneidum* (2007) de Timothy Jonh Shannon e; *Rebellious Younger Brother* (2009) de David Jeffrey Norton se tornaram referência acerca do assunto.<sup>62</sup> Além dessas, também merecem destaque os trabalhos de Karin M. Tiro e Bruce Elliott Johansen.<sup>63</sup> Este deu continuidade a ideia lançada por Donald Grinde na década de 1970, sobre como a democracia estadunidense fora influenciada pelos iroqueses.

Enfim, os debates historiográficos acerca da participação indígena, dentre eles o dos oneidas, na Independência Estadunidense continuam, principalmente a partir da

---

<sup>62</sup> As referências bibliográficas exclusivas quanto à participação dos oneidas no processo de Independência Estadunidense, além da obra de Jack M. Sosin, são: GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. *Forgotten Allies: The Oneida Indians and the American Revolution*. New York, NY: Hill & Wang, 2006; SHANNON, Timothy J. *E Pluribus Oneidum*. In. *Reviews in American History*. v. 35, n. 3, September 2007, pp. 344-350 e; NORTON, David J. *Rebellious Younger Brother: Oneida Leadership and Diplomacy 1750-1800*. DeKalb, IL: Northern Illinois University Press, 2009.

<sup>63</sup> O conjunto de obras de Karin M. Tiro, constitui-se em: TIRO, Karim M. "A "civil" war? Rethinking iroquois participation in the American Revolution". In. *Explorations in Early American Culture* 4, 2000, pp. 148-165; TIRO, Karim M. *The Dilemmas of Alliance: The Oneida Nation in the American Revolution*. In. *War & Society in the American Revolution: Mobilization and Home Fronts*, RESCH, John Phillips; SARGENT, Walter (eds). DeKalb, IL: Northern Illinois University Press, 2007, pp. 215-34; TIRO, Karim M. *The People of the Standing Stone: The Oneida Nation from the Revolution through the Era of Removal (Native Americans of the Northeast: Culture, History and the Contemporary)*, Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2011. Já as obras de Bruce Elliot Johansen são: GRINDE, Jr., Donald A.; JOHANSEN, Bruce E. *Exemplar of Liberty: Native America and the Evolution of Democracy*. Los Angeles, CA: American Indian Studies Center, University of California, 1991 e; JOHANSEN, Bruce E. *Forgotten Founders: How the American Indian Helped Shape Democracy*. Harvard, MA: Harvard Common Press, 1992.

Etno-história como aparato metodológico principalmente entre historiadores, antropólogos e arqueólogos que se dedicam ao tema. A Etno-história é um instrumento utilizado por estas ciências para uma compreensão mais rigorosa, não deixando de ressaltar que cada uma destas disciplinas possui sua própria versão do tema em análise. Além disso, é importante destacar que as questões e os interesses em torno da Etno-história variam de acordo com a dinâmica espacial e temporal particular em que cada pesquisa foi produzida.

sobre o trabalho das gerações anteriores de cientistas sociais, e particularmente, dos antropólogos. Sabe-se que o estudo do comportamento humano é inevitavelmente influenciado, até certo grau, por diferentes opiniões que cada geração tem sobre as questões sociais mais urgentes. Essas influências se infiltram nas Ciências Sociais não diretamente, mas através das personalidades altamente diversificadas de cada pesquisador.<sup>64</sup>

Assim sendo, em uma sociedade em constante transformação, cada geração aproximou-se do tema de acordo com as suas próprias preocupações e necessidades, originando-se escolas de pensamentos que ora valorizaram os aspectos político-intelectuais do processo em questão, ora valorizaram suas características socioeconômicas.<sup>65</sup>

No caso deste trabalho, as principais indagações examinadas foram as razões que levaram os índios oneidas, ao contrário da maioria das demais nações iroquesas, a se aliarem aos colonos no processo de Independência Estadunidense. A explicação tradicional atribuía tal união simplesmente à influência do religioso Samuel Kirkland. No entanto, para compreendê-la melhor, precisamos ampliar o quadro de análise, considerando tanto a trajetória histórica do missionário quanto a dinâmica, sobretudo

---

<sup>64</sup> TRIGGER, op. cit., p. 2.

<sup>65</sup> Para uma análise mais aprofundada acerca das escolas historiográficas estadunidenses, consultar: GIBSON, Alan Ray. *Interpreting the founding: guide to the enduring debates over the origins and foundations of the American republic*. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 2006; MORGAN, Gwenda. *The Debate on the American Revolution*. Manchester: Manchester University Press, 2007 e; YOUNG, Alfred Fabian; NOBLES, Gregory H. *Whose American Revolution was It?: Historians Interpret the Founding*. New York and London: New York University Press, 2011.

cultural, da sociedade em questão antes mesmo de sua chegada. Para isso, é necessário considerar as relações dos europeus com os nativos, no caso desta pesquisa, dos iroqueses com os franceses, holandeses e, sobretudo, com os ingleses.

#### **1.4 *Nouvelle-France* e a colonização francesa na América do Norte**

As *Five Nations* estavam estabelecidas, no momento em questão, ao sul do Lago *Ontario* alcançando, a leste, a desembocadura do *Rio Saint-Laurent*. Ou seja, estendiam-se ao que hoje se constitui principalmente o estado de *New York*, além do estado da *Pennsylvania* e a província de *Québec*. Assim sendo, para compreender a complexa dinâmica histórica dessa região, é preciso considerar o processo de colonização dos impérios francês, holandês e inglês dos séculos XVI ao XVIII.

Assim como outras metrópoles europeias, a França também se deparou com grandes dificuldades iniciais na tentativa de se estabelecer no Novo Mundo, inicialmente devido aos grandes riscos em um alto investimento que exigiam as navegações, assim como, a incerteza ou mesmo falta de garantia de um rápido retorno financeiro, principalmente para os seus patrocinadores. Desta maneira, as excursões iniciais francesas à América foram esporádicas. Entretanto, somente dez anos após a viagem de Verrazzano em busca de uma rota para o Oceano Pacífico, uma das regiões de domínio francês obteve destaque. Esta região foi a colônia do Canadá (1534-1763), fundada por Jacques Cartier e que, gradativamente, acabou tornando-se a região mais desenvolvida de *Nouvelle-France*.

Além disso, as Guerras Religiosas correspondiam a preocupações mais urgentes enfrentadas na própria metrópole ao longo do século XVI. Ao lutar nessas batalhas pelo rei Henri de Navarre, mais tarde Henri IV da França, foi concedido a Pierre Dugua de

Mons benefícios no Novo Mundo, como o direito exclusivo de colonizar parte do território norte-americano, assim como o monopólio no comércio de peles até 1607. Tal concessão durou um curto espaço de tempo, já que alguns comerciantes protestaram e o rei acabou revogando seus privilégios, o que forçou Pierre a retornar à França. Dentre a equipe expedicionária de Dugua, no entanto, encontrava-se Samuel de Champlain que permaneceu nas Américas e foi responsável pela fundação de *Québec* (1608), mais tarde, capital da *Nouvelle-France*, além do envio de expedições para explorar o interior do continente norte-americano, com destaque para a região dos Grandes Lagos.

A primeira fonte de renda que a *Nouvelle-France* investiu foi a pesca, a partir da construção de fortes ao longo do rio *Saint-Laurent*. Todavia, na segunda metade do século XVII, a medida que avançavam para dentro do território e estabeleciam assentamentos permanentes, os interesses econômicos dos franceses também mudaram, passando a concentrar seus esforços no desenvolvimento do comércio de pele com os indígenas.

Ainda que tivessem interesse em explorar os nativos norte-americanos e o que suas terras tinham a oferecer como matéria-prima, os franceses tinham noção do quão importante era se aproximar daqueles povos indígenas amistosos a presença deles na região. Sobretudo, em razão de sobrevivência como se alimentar, se abrigar das condições climáticas adversas e se proteger de povos nativos hostis aos europeus.

Assim, os franceses foram construindo laços ainda mais sólidos, com determinados povos nativos que exigiram, com o tempo, sua maior dedicação, como negociações comerciais e, sobretudo, alianças militares. Os principais parceiros dos colonos da *Nouvelle-France* foram os hurões, os montagnais, os ottawas e os algonquins, ao passo que assim, conseqüentemente, vieram a rivalizar com os tradicionais inimigos destes povos indígenas: os iroqueses. Estes, por sua vez, trataram

de se alinhar aos holandeses, o que rapidamente acarretou grandes divergências entre essas duas forças, culminando com a primeira contenda já no início do século XVII na denominada Guerra Iroquesa (1609).

Ao longo dos anos, os conflitos foram constantes entre essas duas forças. Eventos como a capitulação de *Québec* pelos irmãos Kirke (1629-1632) e o massacre de hurões e missionários jesuítas por iroqueses (1649) ocasionaram um lento desenvolvimento da colonização francesa, assim como, contribuíram para um grave prejuízo ao comércio de peles, demonstrando o quão suscetível estava a formação da *Nouvelle-France* em relação a presença indígena de uma forma geral.

A fim de fortalecer a economia na *Nouvelle-France*, companhias se sucederam na tentativa de manter um monopólio sobre a colonização e o comércio de peles na região, como por exemplo: a *Compagnie des Marchands* (1613-1620) e a *Compagnie de Montmorency* (1621). No entanto, o interesse comércio-empresarial a frente da colonização e o contrabando fizeram com que o cardeal Richelieu substituísse essa última companhia pela *Compagnie de la Nouvelle France* (1627-1663), conhecida também por *Compagnie des Cent-Associés*. No início, ela era controlada de perto por este cardeal, mas, a partir de 1629, passou a ser administrada pelo agora governador da *Nouvelle-France*, Samuel de Champlain, até a sua morte em 1635.

Com isso, a *Compagnie de la Nouvelle France* foi reconhecida oficialmente pelo governo como a única responsável por toda a questão relativa aos direitos comerciais de peles no território francês na América do Norte. Ou seja, era evidente que o comércio de peles não somente gerou muitos lucros, como se tornou a principal fonte de renda a movimentar a economia da *Nouvelle-France*. No entanto, a companhia não perdurou por muito tempo e gradativamente foi perdendo força, tendo que recorrer a empresas

subsidiárias. Em seguida, perdeu o seu monopólio de comércio de peles e se desestruturou definitivamente em 1663.

A Igreja Católica, por sua vez, não perdeu seu vigor em *Nouvelle-France* após a dissolução da *Compagnie de la Nouvelle France*. Pelo contrário, desde a morte de Champlain, líder que, praticamente, tomava para si a administração sobre *Québec*, que a instituição religiosa havia gradualmente se destacando como uma força política extremamente importante na América do Norte de uma forma geral. O catolicismo francês teve nos jesuítas seus maiores representantes ao contribuírem principalmente através da construção de seminários para jovens nativos e na realização de missões, inspiradas originalmente nas campanhas efetivadas na América do Sul.

Após esse período de domínio político-econômico das companhias em *Nouvelle-France*, novos esforços de colonização por parte da coroa francesa foram empreendidos, onde Louis XIV com o auxílio de seu ministro de finanças, Jean-Baptiste Colbert promoveram uma reestruturação administrativa, ao elevar *Québec* ao patamar de província real e criarem o *Souverain Conseil* (1663-1760). Composto por nove membros: um governador-geral, um capitão de milícia, um intendente, um bispo, e cinco conselheiros, este órgão acumulava as funções legislativas, executivas e judiciárias, além de, muitas vezes, ter agido de forma independente devido a distância da metrópole.

A adoção de uma política reformada na *Nouvelle-France* também se refletiu no trato dado aos povos indígenas, baseado não somente em seu armamento, como em sua participação no contingente militar. No caso dos iroqueses, apesar da relação pacífica de Onondaga e Oneida com os franceses, as *Five Nations*, decidiram atacar a *Nouvelle-France* na década de 1650, devido principalmente à Mohawk que, naquele momento,

era a nação mais forte politicamente e, por isso, mais influente na Confederação Iroquesa.

No início de 1666, ao invés de responder com retaliações, os franceses decidiram por ser mais conveniente levar a fé cristã através dos jesuítas e assim, realizar expedições missionárias em terras mohawks. Dentre os nativos convertidos, Kateri Tekakwitha, se tornou a mais conhecida índia católica neste momento. Com isso, a França angariou aliados entre os mohawks que ficaram conhecidos como kahnawakes.<sup>66</sup>

Em contraste ao Império Britânico, o francês sofreu, desde o início de sua colonização, com a baixa taxa de imigrações que se refletiu na pequena densidade demográfica somada a estimativa de crescimento lento sob o seu domínio na América do Norte. Essa questão implicava diretamente em uma desvantagem militar francesa contra os outros impérios coloniais, devido a um menor contingente disponível de tropas. Em *Nouvelle-France*, o número de homens era muito maior do que o de mulheres, o que fez com que alguns deles se relacionassem com indígenas para estabelecer, entre outros motivos, relações políticas e econômicas com os povos nativos, dando origem aos índios métis.<sup>67</sup>

O fato da carência de mulheres em *Nouvelle-France* preocupou o monarca Louis XIV que rapidamente atendeu a proposta do intendente da colônia, Jean Talon, e providenciou o envio das denominadas *Les Filles du Roi* (1663-1673). Para isso, o estado francês estimulou a emigração voluntária através do patrocínio de viagens transatlânticas dessas jovens com o objetivo de casar, ter filhos e assim constituir

---

<sup>66</sup> Os kahnawakes foram indivíduos das nações Oneida e Mohawk que adotaram o catolicismo e migraram para o Canadá um século anterior a Independência Estadunidense. Eles faziam parte das chamadas *Seven Nations* do Canadá que era composta ainda por: Akwesasne e Kanasetake (assim como Kahnawake, constituídas de índios mohawks); Becancour e Odanaki (compostas por índios abenakis); Jeune-Lorette (de hurões) e Oswegatchie (de onondagas).

<sup>67</sup> Em francês o termo *métis* significa: mestiço, mistura, mesclado.

famílias no Novo Mundo. Muitas delas eram de origem humilde, de baixo nível de escolaridade e órfãs, ou seja, sem grandes perspectivas de obter um casamento em uma sociedade como a francesa abalizada por estamentos. Todo este projeto desenvolvido para incentivar o crescimento populacional, acelerou o crescimento demográfico e como resultado, *Nouvelle-France* que era pouco habitada, viu sua população finalmente crescer.<sup>68</sup>

Do lado dos iroqueses, por sua vez, para suprir as perdas de habitantes por doenças ou por guerras, como no caso dos kahnawakes para os franceses, era hábito tradicional entre eles a incorporação de cativos.

A clear goal of Iroquoian war and diplomacy was to incorporate sufficient numbers of captives and refugees to counterbalance losses to disease. Depopulation probably also reduced stability in the region, since groups were made more vulnerable when subjected to a military blow. Well armed Iroquois warriors had the impact they did because they were making war on peoples who had recently lost major portions of their population.<sup>69</sup>

Um exemplo disso, era a realização das chamadas *Mourning Wars* que consistiam em não somente represálias as perdas de vidas em guerras, como a própria manutenção do seu quantitativo de habitantes iroqueses a partir da integração de parte dos cativos junto à sua confederação e, com isso, principalmente, a conservação de sua identidade cultural. Um dos governadores de *New York*, Cadwallader Colden, escreveu a respeito dessa prática peculiar por parte de algumas nações indígenas:

---

<sup>68</sup> LANDRY, Yves. Les filles du roi émigrées au Canada au XVIIIe siècle, ou un exemple de choix du conjoint en situation de déséquilibre des sexes. In: *Histoire, économie et société*, Volume 11, 1992, pp. 197-216. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hes\\_0752-5702\\_1992\\_num\\_11\\_2\\_1632?luceneQuery=%2B%28authorId%3Apersee\\_273776+authorId%3A%22auteur+hes\\_291%22+authorId%3A%22auteur+adh\\_84%22%29&words=persee\\_273776&words=auteur%20hes\\_291&words=auteur%20adh\\_84#](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hes_0752-5702_1992_num_11_2_1632?luceneQuery=%2B%28authorId%3Apersee_273776+authorId%3A%22auteur+hes_291%22+authorId%3A%22auteur+adh_84%22%29&words=persee_273776&words=auteur%20hes_291&words=auteur%20adh_84#). Acesso em: 1 jul. 2015. Para maiores informações acessar: <http://www.fillesduroi.org/NewIndex.htm>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>69</sup> ABLER, Thomas S. "Beaver and Muskets: Iroquois Military Fortunes in the Face of European Colonization". In: *War in the Tribal Zone: Expanding States and Indigenous Warfare*, ed. FERGUSON, R. Brian; WHITEHEAD, Neil L. (ed.). Santa Fe, NM: School of American Research Press, 1992, p. 173.

tem sido uma máxima constante das Cinco Nações, poupar as crianças e jovens dos povos que eles conquistam, para adotá-los em sua própria nação, e para educá-los como suas próprias crianças, sem distinção; Estes jovens logo esquecem seu próprio país e nação e por essa política as Cinco Nações suprem as perdas que sua nação sofreu pelas pessoas que eles perderam em guerra.<sup>70</sup>

Na década de 1660, só entre os oneidas dois terços de sua nação eram oriundos de algonquins e de hurões.<sup>71</sup> Este processo de incorporação de prisioneiros de guerra não era meramente um ato de assimilação de um povo indígena por outro, tratava-se principalmente de garantir a substituição dos guerreiros mortos em combates para manutenção militar e, conseqüentemente, a própria sobrevivência e perpetuação da Confederação Iroquesa. Portanto, esta confederação era composta de um número considerável de iroqueses que advinham originalmente de outros povos indígenas próximos e que gradualmente se adaptaram a dinâmica cultural que se encontravam inseridos.

Obviamente, foram conflitos de ordens diversas, sobretudo em razão de tomada de territórios, que vieram a contribuir para a crise interna e finalmente a queda definitiva de *Nouvelle-France*, principalmente aquelas envolvendo os franceses e os colonos canadenses contra os iroqueses desde a Primeira Guerra Intercolonial também compreendida desde a Guerra do Rei William (1688-1697) até a Guerra Franco-Indígena (1754-1763).

---

<sup>70</sup> COLDEN, Cadwallader. *The History of the Five Indian Nations Depending on the Province of New-York in America*. Ithaca, NY: Great Seal Books, 1866, p. 10. Disponível em: <https://archive.org/details/historyoffiveind07cold>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>71</sup> JENNINGS, Francis. *The Ambiguous Iroquois Empire: the Covenant Chain Confederation of Indian Tribes with English Colonies from Its Beginnings to the Lancaster Treaty of 1744*. New York, NY: W. W. Norton and Company, 1984, p. 95; GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. op. cit., p. 583.

## 1.5 *Nieuw-Nederland* e a colonização holandesa na América do Norte

A perspectiva de exploração e anexação de terras no Novo Mundo entre os séculos XVI e XVII foi bastante distinta entre as metrópoles. Apesar de vários territórios da América do Norte já terem sido desbravados por exploradores a serviço das mais diversas coroas, como: a francesa (Giovanni de Verrazzano, Samuel de Champlain e Jacques Cartier), a inglesa (Walter Raleigh, Giovanni Cabot) e até a espanhola (Estêvão Gomes), a primeira nação a reivindicar terras nessa região, foi a República dos Sete Países Baixos em 1609 com o inglês Henry Hudson. Esse explorador navegou pela *Vereenigde Oostindische Compagnie* (Companhia Holandesa das Índias Orientais) (1602-1799) em busca, assim como Colombo, de uma passagem para a Ásia. Cinco anos depois foi fundada *Nieuw-Nederland* e, mais tarde, o primeiro de muitos estabelecimentos holandeses na América do Norte: o Forte Nassau (1614-1618) em *Castle Island* (acima de *Hudson River* e perto do que hoje é Albany), onde antes existia um forte francês em 1540.<sup>72</sup> Dentre as suas principais funções estavam a defesa militar do tráfego fluvial e estabelecer-se como um entreposto comercial e armazém.<sup>73</sup> Afinal, os holandeses desenvolveram um negócio lucrativo ao comercializar pele de castor com os povos nativos vizinhos, dentre eles, principalmente os iroqueses.

Ainda em 1614, a *Nieuw-Nederland Compagnie* venceu uma acirrada competição entre empresas holandesas para obter a concessão de três anos para o comércio exclusivo autorizado pelo governo dos Estados Gerais da República dos Sete Países Baixos Unidos. No entanto, sem muitos ganhos materiais e após expirado o prazo de monopólio, o comércio foi aberto em 1618, sendo a *West-Indische Compagnie*

---

<sup>72</sup> O Forte Nassau foi abandonado definitivamente em 1618 após recorrentes inundações que tornaram suas funções inviáveis.

<sup>73</sup> Além do *Fort Nassau*, os principais fortes construídos pelos holandeses foram: o *Fort Oranje* (1624), *Fort Amsterdam* (1625) e o *Fort Esopus* (1653). Dentre as funções destas construções destaca-se ser um entreposto comercial, armazém e defesa militar.

(Companhia Holandesa das Índias Ocidentais) (1621-1792), a empresa que tomou a frente das principais negociações holandesas na América do Norte.

Para fazer valer suas reivindicações territoriais, os holandeses promoveram nos anos de 1624 e 1625 levadas migratórias para desenvolver assentamentos permanentes em *Nieuw-Nederland*. A partir dessa prática, a região se diferenciou das suas vizinhas, pois sua sociedade passou a receber não somente habitantes holandeses, mas também huguenotes franceses, africanos (ainda que em sua maioria trazidos sob regime de escravidão) e, inclusive, nativos americanos. Ou seja, assim como a República dos Sete Países Baixos Unidos, sua colônia também se constituiu em uma sociedade multiétnica e multicultural.

Além disso, para incentivar ainda mais o processo imigratório, a *West-Indische Compagnie* instituiu o *Patroon System* através da *Charter of Freedoms and Exemptions* (1629), pelo qual, concedeu para alguns de seus membros vastas extensões de terras e uma série de benefícios.<sup>74</sup> Este documento estabelecia ainda, em seu artigo XXVI, que em relação às terras indígenas, estas não deveriam ser simplesmente tomadas dos seus habitantes, mas negociadas através de troca ou de compra, estabelecendo assim um grau de respeitabilidade dos holandeses para com os nativos norte-americanos.

A década de 1650 foi decisiva para a República dos Sete Países Baixos Unidos, já que acabou perdendo o controle, para o reino de Portugal, daquela região que mais rendimentos gerava para a metrópole: *Nieuw Holland* (Nova Holanda) (1630-1654), no nordeste brasileiro, então uma das áreas mais prósperas em relação à produção de açúcar no século XVII. Assim, os Países Baixos Unidos tentaram direcionar seus esforços em sua colonização da América do Norte, todavia, logo deram início às Primeiras Guerras Anglo-Holandesas (1652-1674) que culminou na conquista por parte

---

<sup>74</sup> Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B1EaV\\_bU7VImNEFuQm9xejVEZnM/view?pli=1](https://drive.google.com/file/d/0B1EaV_bU7VImNEFuQm9xejVEZnM/view?pli=1). Acesso em: 1 jul. 2015.

dos ingleses de *Nieuw-Nederland* (renomeada por estes de *New York* em 1664).<sup>75</sup> Os holandeses chegam a retomá-la e a rebatizam de *Nieuw-Oranje* (1673), mas os ingleses a reassumem definitivamente sob o *Treaty of Westminster* (1674).

Portanto, a proximidade dos holandeses com os iroqueses se deu, primeiramente, a partir do comércio de peles de castor e a busca desses para ser o principal intermediário dos europeus nesse negócio, acirrou as rivalidades já existentes entre os povos nativos da região. Essa corrida exploratória fez com que os iroqueses aumentassem os conflitos, não somente com os seus inimigos tradicionais (algonquins, moicanos, montagnais e hurões), mas também com aqueles que falavam a mesma língua (caso dos susquehannocks) e mesmo os que se colocavam em uma posição neutra (erries) diante aos eventos que ocorriam.

Iroquois warfare in the colonial era was not simply the blind continuation of hostilities that existed prior to European entry onto the continent, but the presence of European traders and trade goods was central to wars in the historic era. Wars were fought to gain access to points of trade, to pirate trade goods or beaver pelts from other groups, and to secure access to beaver-hunting grounds. In addition, it became important to deny one's enemies access to the trade, for Europeans arms had become a vital part of war.<sup>76</sup>

## **1.6 *New York* e a colonização britânica na América**

Com a queda dos holandeses, principais parceiros comerciais europeus dos iroqueses naquele momento, o acesso a armas de fogo por parte desse povo indígena foi prejudicado, condição esta de extrema relevância para sua autoridade militar na região.

No entanto, ao passo que os ingleses foram desenvolvendo contatos e assim conhecendo a dinâmica de *New York*, região que haviam conquistado, eles perceberam

---

<sup>75</sup> Este nome foi dado em homenagem ao seu proprietário: o Duque de *York*, mais tarde coroado Rei James II da Inglaterra. Assim como grande parte dos monarcas europeus, ele nunca chegou a visitar a sua colônia, exercendo sobre ela um controle indireto ao designar governadores, conselhos e outros oficiais para a sua administração.

<sup>76</sup> ABLER, op. cit., pp. 172-173.

que, para a manutenção não somente do seu território (a fim de impedir a expansão colonial francesa e invasões de seus aliados nativos) como de sua política imperial, era necessária a realização de alianças com alguns povos indígenas ao redor, dentre eles os iroqueses. A partir dessa concepção, os ingleses, assim como antes faziam os holandeses, logo voltaram a reabastecer os iroqueses com armas de fogo. Isso fez com que o cenário das relações indígenas no nordeste da América do Norte se transformasse profundamente ainda na primeira metade do século XVII com as *Five Nations* expandindo seu território significativamente e conseqüentemente, se redefinindo as fronteiras, fazendo com que muitos índios migrassem para outras regiões e até alguns povos nativos fossem dizimados.

Enfim, *New York* encontrou-se sob o domínio inglês a partir de 1674 como uma das colônias centrais da América Britânica. O seu poder político contava com um chefe executivo da colônia escolhido para representar diretamente a coroa (governador real) e uma legislatura bicameral, dividida entre o conselho do governador (*Upper House*) e a assembleia colonial (*Lower House*).

Em 1683, a colônia de *New York* foi a última a contar com a presença de uma assembleia, sendo esta a única das casas legislativas que tinha seus representantes eleitos por parte da população, especificamente os proprietários de terras. Frequentemente o governador encontrava resistência por parte da assembleia, que buscava expandir o seu poder ao empreender leis ligadas estritamente aos interesses locais e tinha como vantagem a administração das contas coloniais, entre elas o salário do próprio governador. Ser natural da metrópole e indicar membros de alto poder aquisitivo para compor o seu conselho também não eram condições que contribuíssem para o melhor entendimento do governador com a assembleia.

Assim sendo, ao contrário do que antes alguns estudiosos interpretavam simplesmente como uma política de negligência salutar por parte da Inglaterra, na verdade consistiu na percepção da Coroa Britânica em conceder uma relativa autonomia, então indispensável para as administrações locais nas Treze Colônias. Estas eram o palco principal das negociações políticas, ao oferecer vantagens relativas a cargos governamentais e com isso benefícios materiais que favoreciam principalmente as elites locais, fazendo com que estes negociassem tanto com os colonos quanto com os líderes ingleses, a conservação de seus privilégios e conseqüentemente a manutenção de um Império também negociado até meados do século XVIII. Portanto, ainda que existissem conflitos entre a Inglaterra e as Treze Colônias, o que predominou foi uma constante negociação entre elas.<sup>77</sup>

Cada colônia tinha sua própria dinâmica cultural e assim sua legislatura independente uma da outra, ainda que compartilhassem identidades próximas como súditos da coroa britânica. O governo metropolitano buscou manter um passado comum a fim de aproximar os colonos a Inglaterra, assim como estes buscaram perpetuar esta identidade inglesa entre eles próprios. Todavia, gradativamente o sentimento das colônias em pertencer à Inglaterra foi perdendo força ao longo do tempo e dando lugar a um sentimento de exclusão, sobretudo quando o rei, não deu ouvidos ao lema *no taxation without representation* emanado pelas Treze Colônias e não somente sancionou, como ratificou uma série de leis que o parlamento inglês já havia instaurado com o objetivo de aumentar a arrecadação sobre diversos produtos coloniais.

As reações não tardaram a acontecer, como exemplo, as primeiras tentativas de união por parte das colônias britânicas norte-americanas: o *New England Confederation*

---

<sup>77</sup> BUSHNELL, Amy Turner; GREENE, Jack P. "Peripheries, Centers, and the Construction of Early Modern American Empires: An Introduction". In. DANIELS, Christine; KENNEDY, Michael V. (ed.). *Negotiated Empires: Centers and Peripheries in the Americas, 1500-1820*. New York and London: Routledge, 2002, p. 5.

já no século XVII e, mais tarde, o *Albany Congress* (1754).<sup>78</sup> O objetivo de ambos os encontros não visava a construção de uma nação, mas basicamente a defesa econômica, territorial e sobretudo cultural, sendo necessário para isso ampliar as relações com os povos indígenas, em especial os iroqueses que inclusive participaram do segundo encontro mencionado.<sup>79</sup>

Os iroqueses (se autodenominavam *Haudenosaunee* que significa "povo das grandes casas") atribuem sua unificação a Deganawidah (*The Great Peacemaker*) juntamente com Hiawatha, seu discípulo e intérprete. De acordo com a história tradicional iroquesa, foram eles que trouxeram a paz onde antes imperavam as guerras e assim fundaram a *Great League of Peace*.<sup>80</sup> Podendo também ser designada como uma confederação, se constituíram originalmente como tal, as nações: Cayuga (*People of the Great Swamp*), Mohawk (*People of the Great Flint*), Oneida (*People of the Standing Stone*), Onondaga (*People of the Hills*) e Seneca (*People of the Great Hill*). Mais tarde, com a adesão dos Tuscarora (1722), esta aliança passou a ser conhecida sob a alcunha de *Six Nations*.

Por se situarem mais a leste dentre os iroqueses, os mohawks foram os que mais interagiram comercialmente com os euroamericanos, assim como, uma das nações que mais sofreram com as invasões em seu território. Contudo, temendo principalmente os colonos, mesmo sem nenhuma providência tomada por parte dos representantes do governo imperial britânico, eles se mantinham fiéis a estes como seus tradicionais aliados.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> Para maiores informações sobre o *Albany Congress*, consulte a página 92.

<sup>79</sup> SHANNON, Timothy J. *Indians and Colonists at the Crossroads of Empire: The Albany Congress of 1754*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

<sup>80</sup> KUPPERMAN, Karen Ordahl. *The Atlantic in World History*. New York, NY: Oxford University Press, 2012, pp. 31-32.

<sup>81</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. op. cit., pp. 1792, 1797.

Os onondagas e os cayugas, por se localizarem geograficamente ao centro da Confederação Iroquesa, se comunicavam com menos frequência com os euroamericanos, mas nem por isso, a Coroa Britânica deixava de interagir e ser generosa com eles ao presenteá-los sempre que possível.<sup>82</sup>

Enquanto que localizados ao extremo oeste do território iroquês, os senecas, assim como os mohawks, interagiam corriqueiramente com os britânicos, o contrário se dava com os colonos norte-americanos, no qual, eles raramente tinham contato.<sup>83</sup>

A nação Oneida se constituía basicamente em quatro aldeias: Old Oneida, Oriska, Oquaga e Kanonwalohale. Dentre as relações intra-iroqueses, os oneidas construíram os seus laços mais fortes com os onondagas, através de casamentos, e com os tuscaroras já que estes residiam em território doado pelos oneidas e, por isso, geralmente também seguiam suas vertentes e tendências políticas.<sup>84</sup> Outros índios que viveram entre os oneidas e estabeleceram laços de amizade com eles foram alguns stockbridges, enviados pelos colonos para angariar apoio iroquês.<sup>85</sup> Enfim, antes mesmo da Confederação Iroquesa se estabelecer, estas nações não só interagiam como compartilhavam traços políticos e culturais bastante próximos.

Assim, a relação entre os povos indígenas e os euroamericanos não foi diferente, sendo arduamente construída ao longo dos séculos. As primeiras narrativas retratam o estranhamento cultural, os preconceitos e os estereótipos de ambos os grupos, culminando na violência.<sup>86</sup> No entanto, esforços de ambos os lados foram feitos, diversas vezes na história, na tentativa de uma coexistência pacífica entre as diferentes sociedades e culturas. Nesse ínterim, um momento de destaque quanto a diplomacia por

---

<sup>82</sup> *ibid.*, p. 1797.

<sup>83</sup> *ibid.*, p. 1802.

<sup>84</sup> *ibid.*, p. 1797.

<sup>85</sup> LEVINSON, David. *op. cit.*, p. 268.

<sup>86</sup> RICHTER, Daniel K. "Native Peoples of North America and the Eighteenth-Century British Empire". In: MARSHALL, P. J. (org.). *The Oxford History of the British Empire*, Volume II: The Eighteenth Century. Oxford and New York: Oxford University Press, 1998, p. 348.

parte da Coroa Britânica ocorreu com Edmund Andros, governador de *New York* entre os anos de 1674 a 1683. A maior conquista realizada por ele foi a *Covenant Chain* a partir de 1676, uma aliança formal entre o governo colonial britânico e os nativos como uma tentativa de conter a violência entre ambas as partes e que, por conseguinte, beneficiava o comércio entre eles. De uma forma geral, todo este processo fez com que iroqueses e nova-iorquinos desempenhassem papéis de protagonistas diplomáticos entre nações indígenas e colônias britânicas na América do Norte.<sup>87</sup>

No ano de 1685, Andros também foi o responsável pela formalização de um órgão colonial em Albany para lidar com os assuntos indígenas.<sup>88</sup> Dividido em dois departamentos em razões territoriais (norte e sul) e composto por um grupo de comissários liderado por um secretário para assuntos indígenas, este órgão foi designado principalmente para tratar de negócios com os iroqueses. Nesse mesmo ano, *New York* tornou-se província real, devido ao seu proprietário, o duque de York, ascender ao trono e ter sido coroado Rei James II da Inglaterra. No entanto, somente três anos depois, James II era destituído de seu cargo pela *Glorious Revolution* na Inglaterra, enquanto, Edmund Andros, então seu governador nomeado, também era deposto em *New York*.

Por sua vez, a França também tentou realizar uma política pacificadora através de Louis-Hector de Callière, governador da *Nouvelle-France* que após diversas negociações diplomáticas no final do século XVII, com o objetivo de angariar formalmente possíveis aliados junto aos povos nativos, chegaram a um consenso ratificado em 1701, quando ao receber os líderes das *First Nations* para assinar a

---

<sup>87</sup> RICHTER, Daniel K; MERRELL, James H. (eds.). *Beyond the Covenant Chain: the Iroquois and their Neighbors in Indian North America, 1600–1800*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1987, p. 5.

<sup>88</sup> TRELEASE, Allen W. *Indian Affairs in Colonial New York: The Seventeenth Century*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1997.

*Grande Paix de Montréal*, tratado que fez com que a paz durasse alguns anos entre os povos indígenas e os franceses na América do Norte.

Em meio a este momento, os indígenas perceberam tanto seu valor estratégico-militar para o euroamericano, como notaram a ameaça destes mesmos com a introdução de armas de fogo em batalhas, invasões recorrentes de territórios nativos e as novas enfermidades como varíola, sarampo e caxumba trazidas a América do Norte ao longo do século XVII.<sup>89</sup> Neste caso, os líderes iroqueses se comprometeram à neutralidade em caso de uma nova contenda entre ingleses e franceses.

Em 1710, a fim de fortalecer suas alianças com os povos nativos americanos, o Império Britânico também organizou uma visita diplomática, de duração em torno de um mês, à Londres, de uma delegação composta de cinco líderes indígenas, quatro mohawks (um deles, no entanto, veio a falecer no meio do caminho) e um moicano, respectivamente: *Ho Nee Yeath Taw No Row* ou John of *Canajoharie* (originário do clã dos lobos e rei *Generethgarich*); *Sa Ga Yeath Qua Pieth Tow* também conhecido como Peter Brant (avô do, mais tarde, líder dos mohawks, Joseph Brant, pertencia ao clã dos ursos e era o “rei de *Maquais*”); *Tee Yee Neen Ho Ga Row* ou também chamado de Hendrick Tejonihokarawa (do clã dos lobos e “rei das *Six Nations*”) e; *Etow Oh Koam* também chamado de Nicholas (era do clã da tartaruga e rei da *River Nation*). Apesar de terem sido encarados pelo povo inglês e a opinião pública desse país com relativa estranheza e até mesmo como uma atração exótica do Novo Mundo, os intitulados “reis” pelas autoridades inglesas foram recebidos com toda honraria que cabia a representantes oficiais estrangeiros. Inclusive sendo recepcionados pela rainha Anne, uma vez que foram para tratar, principalmente, de assuntos relacionados a defesa

---

<sup>89</sup> EMBER, Carol R.; EMBER, Melvin (eds.). *Encyclopedia of Medical Anthropology: Health and Illness in the World's Cultures*. New York, NE: Springer Science+Business Media, 2004. p. 745; GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., p. 893.

territorial contra os franceses na América do Norte e o incentivo a religiosidade cristã em terras indígenas.<sup>90</sup>

As relações externas dos oneidas não somente se restringiram aos ingleses, mas também foi desenvolvida com os colonos através de uma rede político-econômica complexa. Esforços foram realizados tanto pelos colonos, para abastecer os oneidas com bens e serviços, como, mais tarde, pelo próprio *Continental Congress*, que buscou incentivar o comércio com os indígenas em 1775. Devido a essa aproximação, os próprios oneidas foram se dissociando gradativamente enquanto nação confederada, como mostra uma declaração de 1775, onde Cayuga e Onondaga acusaram Oneida de distanciamento do “antigo fogo do Conselho em Onondaga”.<sup>91</sup>

Além disso, uma das principais causas que contribuíram para o fortalecimento do vínculo entre oneidas e colonos fora o tratamento dispensado pela diplomacia britânica. Os oneidas também se encontravam insatisfeitos com a política fiscal praticada pela Inglaterra, pois afetara, não somente os colonos, como o fluxo de bens para as suas próprias terras. Além disso, estavam muito ressentidos com os seus limites territoriais então determinados através das disposições do *Treaty of Fort Stanwix* (1768), pelo qual, os infligiu perda de partes consideráveis de suas terras. Apesar de ter prometido defender o que restou das terras oneidas de invasores, William Johnson (oficial que após a Guerra dos Sete Anos havia ganhado prestígio, tornando-se superintendente do *Indian Affairs of the British Colonies* em 1755) não foi capaz de conter o agressivo avanço exercido pela expansão colonialista. Na concepção dos índios oneidas, o que prevaleceu sobre o tema foram os interesses britânicos, então representados pelo superintendente, ademais o ínfimo apoio prestado pelos irmãos confederados iroqueses.

---

<sup>90</sup> RICHTER, op.cit., p. 358.

<sup>91</sup> GRAYMONT, Barbara. op. cit., p. 86.

Em vista dos fatos, tanto os britânicos como a maioria dos iroqueses, gradativamente, foram perdendo espaço para dialogar com os oneidas. Concomitantemente, estes estabeleceram ligações cada vez mais fortes com os colonos, a partir de redes de comércio vigentes antes mesmo do início dos conflitos da Independência Estadunidense.

Apesar dos laços de aliança que foram gradativamente se consolidando, a guerra também era um importante elemento cultural entre os iroqueses, exaltando os guerreiros e os demais comportamentos a ela relacionados. A história iroquesa é rica em relatos de vitórias contra uma série de adversários, sejam indígenas, sejam europeus (como holandeses, franceses e mesmo ingleses). Daí os iroqueses serem considerados uma das mais respeitáveis organizações militares no Estado de *New York* e, em razão disso, nas vésperas da Independência Estadunidense, tanto ingleses como colonos terem decidido buscar o seu apoio.

Assim, uma intensa disputa diplomática teve início. De um lado, os britânicos argumentaram “com um número distinto de vantagens”.<sup>92</sup> Além da possibilidade de fornecer bens e serviços aos iroqueses, contavam com um histórico de sucesso em guerras. Além disso, afirmaram que, em caso de vitória dos colonos, logo estes confiscariam as terras indígenas. Os colonos, por sua vez, disseram que a autonomia iroquesa dependia diretamente da independência colonial e se apresentaram como capazes de fornecer bens e serviços, derrotar os ingleses e contar com o apoio dos franceses, grandes rivais militares dos britânicos.

---

<sup>92</sup> MOHR, op. cit., p. 40.

## 1.7 Conclusão

Desde o início das colonizações francesa, holandesa e britânica no nordeste da América do Norte, os seus respectivos governos metropolitanos perceberam a importância fundamental em ter os nativos como aliados. Para isso, os impérios europeus trataram de enviar agentes do estado e missionários religiosos que buscaram realizar contatos e assim ganhar a confiança dos povos indígenas principalmente através do conhecimento gradual de suas características culturais particulares. Esse era o meio mais consistente para, posteriormente, estabelecer diálogos sobre negócios comerciais e alianças militares entre as coroas europeias e os povos indígenas.

Por outro lado, no entanto, estes povos indígenas, em particular os iroqueses, percebendo seu enfraquecimento enquanto confederação, construíram as estratégias possíveis naquele momento, não somente através de guerras e apropriação de territórios conforme alguns autores tradicionais mencionaram, como também a partir da incorporação de índios de outras nações e da livre movimentação de seus habitantes além de suas próprias aldeias, extrapolando sobretudo culturalmente a região dos Grandes Lagos e até mesmo a colônia de *New York*. Além disso, a obtenção de cargos públicos, religiosos e militares; e as diversas negociações políticas com os euroamericanos propiciaram a manutenção dos vínculos culturais iroqueses e a constante reconstrução de suas identidades como meios tangíveis para a manutenção da Confederação Iroquesa.

A revisão historiográfica instaurada pela Etno-história, onde grande parte do papel do nativo na História foi repensado e reconhecido, se constituiu um importante instrumento para as pesquisas históricas atuais que tratam das complexas dinâmicas coloniais. No caso deste estudo, aborda-se as relações dos euroamericanos (europeus e

seus descendentes na América do Norte) com os iroqueses e destes com outros povos indígenas.

Os nativos a partir de agora eram considerados sujeitos históricos que conseguiram construir seus próprios espaços de negociações visando seus interesses e necessidades particulares. Para isso, a partir de situações de contato, aprenderam gradativamente a manusear novos instrumentos simbólicos de poder político e cultural, a fim de se adaptar para sobreviver aquilo que exigia a dinâmica colonial vigente.

## CAPÍTULO II

### A RELAÇÃO KIRKLAND-ONEIDA

*We desire you will hear and receive what we have now told you, and that you will open a good ear and listen to what we are now going to say. This is a family quarrel between us and Old England. You Indians are not concerned in it. We don't wish you to take up the hatchet against the king's troops. We desire you to remain at home, and not join on either side, but keep the hatchet buried deep.*

-O Segundo *Continental Congress* para as *Six Nations*; 13 de julho de 1775.<sup>93</sup>

#### 2.1 As missões jesuíticas na América do Norte

As diferenças de cunho cultural, sobretudo as de linguagem e de crença, configuraram-se em uma grande dificuldade na comunicação entre cristãos e oneidas no início das missões. No entanto, tais empecilhos serviram de incentivo basilar para a implementação de mudanças duradouras entre os nativos: desde as práticas litúrgicas até a construção de igrejas e escolas.

Em *An Explanation for the Oneida-Colonist Alliance in the American Revolution*, David Levinson interpreta que uma menor resistência dos oneidas em face da interferência em sua realidade, principalmente influenciada pela pregação cristã do missionário Samuel Kirkland, deveu-se às atividades de outros religiosos que, em longo prazo, o antecederam. A nação Oneida foi visitada por três grupos missionários em momentos distintos: os jesuítas, os anglicanos e os não-conformistas (congregacionais e presbiterianos).<sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> STONE, William Leete, op. cit., p.93.

<sup>94</sup> LEVINSON, David. op. cit.

O desenvolvimento das missões na América do Norte variou ao longo do tempo. Linford D. Fisher denominou tais alterações de “ondas”.<sup>95</sup> Para este autor, a primeira onda ocorreu já no início do século XVII, quando as missões jesuíticas francesas na América do Norte foram os empreendimentos religiosos predominantes. Os esforços iniciais das instituições cristãs junto aos indígenas, na região de *Nouvelle-France* datam de 1609, tendo grande destaque, a implementação da *Ordonnance* ou Portaria de 1627 pelo cardeal Richelieu. O tópico XVII deste documento buscou incentivar uma coexistência pacífica entre colonos e nativos na *Nouvelle-France* ao propor algo extremamente inovador para a época: considerar não somente os descendentes de franceses, mas os índios convertidos ao catolicismo como franceses naturais.

Ordonnera Sa Majesté que les descendants des François qui s'habitueront au dit pays, ensemble les sauvages qui seront amenés à la connoissance de la foi et en feront profession, seront censés et réputés naturels françois, et comme tels pourront venir habiter en France quand bon leur semblera, et y acquérir, tester, succéder et accepter donations et légats, tout ainsi que les vrais regnicoles et originaires françois, sans être tenus de prendre aucunes lettres de déclaration ni de naturalité.<sup>96</sup>

O processo de catequese mais bem-sucedido pelas missões jesuíticas foi realizado entre os hurões, grandes rivais dos iroqueses, em torno de 1634. O estabelecimento, dentre eles, da missão *Sainte-Marie-au-pays-des-Hurons* (1639-1649) veio para confirmar essa conquista por parte dos religiosos. Dez anos depois, no entanto, seu fim ocorreu justamente em razão de uma série de ataques das *Six Nations* que não somente destruiu aldeias huronianas, como fez com que seus habitantes

---

<sup>95</sup> FISHER, Linford D. *The Indian Great Awakening: Religion and the Shaping of Native Cultures in Early America*. New York: Oxford University Press, 2012.

<sup>96</sup> *Édits, ordonnances royaux, déclarations et arrêts du Conseil d'État du roi concernant le Canada: imprimés sur une adresse de l'Assemblée législative du Canada*. Quebec: De la presse à vapeur de E. R. Fréchette, 1854, p. 10. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=4IMDAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=snippet&q=Ordonnera%20Sa%20Majest%C3%A9%20&f=false](https://books.google.com.br/books?id=4IMDAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=snippet&q=Ordonnera%20Sa%20Majest%C3%A9%20&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

fugissem ou fossem incorporados pela própria liga iroquesa, além de jesuítas terem sido massacrados.<sup>97</sup>

Na década de 1650, arranjos com intuito de trazer a paz na região, fizeram com que, mais tarde, os jesuítas também viessem a atuar entre os iroqueses. Dentre eles, Simon Le Moyne, um padre jesuíta que foi enviado como embaixador para remediar a situação conflituosa entre mohawkes e franceses, conseguiu converter um grande número de iroqueses ao cristianismo e libertar alguns prisioneiros franceses. Apesar de Le Moyne ter chegado a Onondaga em 1654, a primeira missão jesuítica entre os iroqueses, então denominada de *Sainte Marie de Ganentaa*, só veio a ser iniciada dois anos depois. A origem de todo esse processo se deu a partir de um desentendimento dos iroqueses com os holandeses, até então seus aliados, levando os onondagas a tentar intermediar relações diplomáticas com os franceses tendo como objetivo cessar as agressões de ambos os lados. Com isso, os jesuítas foram convidados para tratar de um acordo de paz, o qual foi mantido até 1658, quando as relações que continuavam tensas e a constante ameaça de ataque pelos mohawks, fizeram com que os franceses fugissem. Por esse motivo alguns iroqueses convertidos também se deslocaram à aldeia Kahnawake no Canadá, onde havia outra missão jesuítica.

Outro momento de destaque na relação jesuíta-iroquês ocorreu com o missionário francês Joseph-François Lafitau. As suas principais contribuições, no entanto, se deram no campo intelectual. Conhecido por suas importantes pesquisas junto ao povo iroquês, permaneceu seis anos na América do Norte (1711-1717), sendo um dos primeiros homens brancos a estudar as relações de parentesco, o casamento como

---

<sup>97</sup> Os oito missionários jesuítas mortos nessas ofensivas iroquesas aos hurões, que vão de 1642 à 1649, foram, mais tarde, canonizados como mártires pela Igreja Católica. Foram eles: Antoine Daniel, Charles Garnier, Gabriel Lalemant, Isaac Jogues, Jean de Brébeuf, Jean de Lalande, Noël Chabanel e René Goupil.

instituição e o valor da mulher para a sociedade iroquesa em sua obra *Moeurs des Sauvages Amériquains, Comparées aux Moeurs des Premiers Temps* (1724).<sup>98</sup>

Ainda que buscassem não entrar em conflito cultural com os iroqueses, os jesuítas, entretanto, tinham interesses ideológicos que se chocavam com as tradições culturais daqueles ao subestimar e desvalorizar a figura da mulher, ao contrário do *status quo* feminino entre os iroqueses que fazia com que a mulher desempenhasse papéis importantes em sua sociedade, seja participando das decisões políticas, seja determinando os clãs familiares de cada indivíduo. No entanto, essa desvalorização da mulher foi um processo gradual e lento, já que a relevância dela advinha desde muito tempo atrás, embasada no próprio mito de criação do mundo iroquês.

Enfim, de uma forma geral, os jesuítas procuraram respeitar relativamente as tradições e os costumes dos ameríndios que apesar de sofrerem muitas alterações quando do seu contato com os euroamericanos, ainda sim, mantiveram grande parte dos seus comportamentos. Os missionários jesuítas, por sua vez, buscaram ganhar a confiança dos índios ao tentar não somente aprender as suas diversas línguas, mas sobretudo, realizar conexões de cunho simbólico religioso entre o cristianismo e as crenças indígenas.

## 2.2 O movimento *Great Awakening*

Já a segunda fase missionária descrita por Linford D. Fisher cobriu os períodos de 1700 a 1740. Este momento se caracterizou por uma série de conflitos: disputas

---

<sup>98</sup> LAFITAU, Joseph-François. *Moeurs des Sauvages Amériquains, Comparées aux Moeurs des Premiers Temps*. Paris: Chez Saugrain l'aîné ... : Charles Estienne Hochereau ..., 1724. Disponível em: <http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/h?intldl/ascfrbib:@field%28NUMBER+@band%28rbfr+0013%29%29>. Acesso em: 1 jul. 2015. Para uma introdução a esta obra ver: FENTON, William Nelson; MOORE, Elizabeth. *Introduction to Customs of the American Indians compared with the customs of primitive times by Joseph-François Lafitau*. Toronto: Champlain Society, 1974.

externas (entre índios e brancos em razão de terras) e internas (onde os nativos disputaram entre eles, a liderança militar da região em que viviam). Mas, sobretudo, por um desenvolvimento das atividades missionárias a partir da educação das crianças indígenas.

Além disso, outra característica marcante deste período foi o estabelecimento de igrejas cristãs por parte dos índios, que contavam com sua participação nos ministérios e possuíam uma linguagem derivada do *Great Awakening*. Ao destacar uma igualdade entre nativos e brancos, tais igrejas eram consideradas dissidentes por parte da tradição religiosa cristã vigente.

O *First Great Awakening* teve origem na década de 1730 e correspondeu ao início do reavivamento por parte dos cristãos protestantes da interpretação de sua própria religião, assim como suas práticas litúrgicas em plena América do Norte. Portanto, este movimento teve grande repercussão nas Treze Colônias, fazendo com que o número de adeptos do protestantismo aumentasse muito, em um curto espaço de tempo, estimulado por essas releituras da religião por parte de ministros religiosos locais.

Um dos principais mentores desse movimento foi o pregador e missionário Jonathan Edwards que iniciou sua carreira acadêmica em Yale College (1716) e teve como suas maiores influências John Locke e Isaac Newton, o que se refletiu em sua concepção de mundo físico e natural como obras superiores, ou seja, estes constituíam-se para ele, evidências da existência de Deus. Em 1727, foi assistente de seu avô, o pastor congregacional Solomon Stoddard. Casou-se com a filha de um dos fundadores de Yale College, Sarah Pierpont, e foi ordenado ministro em *Northampton, Massachusetts*. Foi neste mesmo lugar que ele proporcionou um dos primeiros momentos de revitalização religiosa em 1733.

Com isso, enfrentou grandes resistências fazendo com que seus seguidores, para se distinguir de seus opositores, se autodenominassem religiosos sob a orientação das *New Lights* em detrimento das *Old Lights* que representavam todos aqueles ministros congregacionais conservadores. Depois de ser demitido do pastorado e sua pregação ter começado a tornar-se impopular entre alguns fiéis religiosos, empreendeu missões em Stockbridge, junto aos moicanos durante boa parte da década de 1750 (1751-1757).<sup>99</sup>

Outro líder proeminente do *First Great Awakening* que, inclusive, realizou várias missões entre os povos indígenas foi o religioso inglês George Whitefield. Ele estudou na *University of Oxford* e foi autor de vários sermões e hinos religiosos que fizeram com que ele fosse amplamente conhecido nas Treze Colônias, as quais, visitou inúmeras vezes em sua vida, mesmo com as dificuldades (como a longa duração e a distância) da travessia do Atlântico na época.

George Whitefield viajou por grande parte das Treze Colônias, especialmente a região de *New England*, e esteve pela primeira vez em solo norte-americano em 1738. No ano seguinte, conseguiu levantar fundos para a construção de *Bethesda Orphanage* (1740), então o mais antigo orfanato da América do Norte. Em 1740, ele também realizou uma série de pregações que, mais tarde, vieram a compor o chamado *First Great Awakening*.

Assim como Jonathan Edwards, George Whitefield defendeu um calvinismo moderado e foi considerado um orador excepcional que conseguiu atingir com entusiasmo em suas pregações itinerantes, um grande número de fiéis. Dentre outros que ficaram impressionados com suas pregações, encontrava-se Benjamin Franklin, com quem, inclusive, desenvolveu uma amizade.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Para maiores informações acerca dos trabalhos de Jonathan Edwards, consultar: <http://edwards.yale.edu/>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>100</sup> Sobre outros fatos da vida de George Whitefield, ver: <http://www.quintapress.com/whitefieldjournals.html>. Acesso em: 1 jul. 2015.

Enfim, o *First Great Awakening* foi um movimento que, aconteceu na década de 1730 nas Treze Colônias e caracterizou-se por uma série de acontecimentos de revitalização religiosa protestante realizados por missionários itinerantes que utilizavam a dramaticidade em suas pregações, como também conversões religiosas de cunho fortemente emocionais que atraíam um grande número de espectadores. Dentre esta plateia, percebia-se um novo esforço do homem branco para se chegar também aos negros e aos nativos americanos.

### **2.3 As origens de Samuel Kirkland**

Foi no contexto de reformulação do cristianismo pelos protestantes que o ministro presbiteriano dissidente, Samuel Kirland nasceu em 1 de dezembro de 1741, em *Norwich, Connecticut*. Adepto da vertente da *New Light*, a ele é atribuído o papel de principal agente responsável pelo engajamento da nação Oneida à causa da Independência Estadunidense. O ministro viveu entre os nativos de 1766 até a sua morte em 1808, ou seja, mais de 40 anos. Para compreender sua trajetória, antes de tudo, se faz necessário reconhecer a sua visão de mundo influenciada pelo processo de reavivamento religioso a partir da década de 1730, conhecido como *Great Awakening*, e as personagens que possibilitaram Samuel Kirkland percorrer este caminho.

Daniel Kirtland, pai de Samuel Kirkland, era descendente de escoceses e migrou de Londres para o Novo Mundo em 1635. Graduado em Yale em 1720, Daniel viveu cercado pela religiosidade da época, estudou teologia e foi ordenado pastor três anos depois. Foi pastor congregacional da paróquia de *Norwich* por quase trinta anos. No entanto, em 1753, foi demitido por um conselho de sua igreja, por ser considerado mentalmente perturbado. Um ano depois, mudou-se para *Groton*, onde tornou-se ministro da primeira igreja da região. No entanto, após quatro anos, novamente foi

demitido e retornou para *Newent*, onde em 1760, mais uma vez, se envolveu em problemas. Realizou pregações em público, mesmo sem uma permissão oficial, o que custou o fim de sua carreira ministerial religiosa na região, ainda que tenha permanecido em *Newent*.

Apesar de não ser adepto do movimento em termos radicais, Daniel Kirtland tinha como amigos importantes líderes desse movimento, como George Whitefield e Eleazar Wheelock. Este último nasceu em *Windham, Connecticut*, em 1711. Graduou-se, como Daniel, em Yale em 1733. Um ano depois já havia sido licenciado para pregar. Extremamente influente em *Connecticut*, este ministro congregacional começou a se envolver com a educação indígena a partir de 1743, quando tomou sob seus cuidados Samson Occom, um índio mohegan, que foi o seu primeiro de muitos pupilos. O objetivo de Wheelock ao ser tutor de indígenas era, por um lado, “desenraizar” jovens de suas tribos, a fim de “civilizá-los”, ou seja, convertê-los ao cristianismo, ensiná-los a língua inglesa e a agricultura para que, mais tarde, pudessem retornar aos seus respectivos povos como professores e missionários.<sup>101</sup>

Em 1760, Samuel Kirkland foi o primeiro aluno de origem euroamericana na *Moor's Indian Charity School* (1754-1770), escola religiosa fundada por Wheelock e voltada inicialmente para crianças nativas em *Lebanon, Connecticut*. Wheelock exerceu grande influência sobre Kirkland que, se espelhando em seu tutor, iniciou seu trabalho missionário e buscou converter os índios ao cristianismo, um ano após a sua entrada na escola, mais precisamente em novembro de 1761. Assim, empreendeu uma viagem a terras mohawk com um companheiro de classe oriundo de tal região. Este, mais tarde,

---

<sup>101</sup> PILKINGTON, Walter (ed.). *The Journals of Samuel Kirkland: 18th Century Missionary to the Iroquois, Government Agent, Father of Hamilton College*. Clinton, NY: Hamilton College, 1980, p. xvi.

se tornaria seu maior rival no que diz respeito à mobilização indígena para a guerra de Independência Estadunidense: Joseph Brant.<sup>102</sup>

Em 1762, por ter frequentado apenas a *Moor's School*, Kirkland foi convencido por Wheelock a seguir seus estudos teológicos no *College of New Jersey* (hoje *Princeton University*), onde teve contato com professores de vertente política *Whig*. Dois anos depois, antes mesmo de concluir a graduação com a sua turma e sob a permissão de William Johnson, deixou a escola para começar suas próprias missões entre os iroqueses. Considerado o primeiro homem branco entre os senecas, o empreendimento de Samuel Kirkland durou dezoito meses e não foi bem recepcionado. Esta missão foi realizada com grandes dificuldades, sobretudo devido a hostilidade dos nativos, o que acabou por desgastá-la e a fazendo durar somente até 1766.<sup>103</sup>

Neste mesmo ano, acabou retornando para *Lebanon*, onde foi oficialmente ordenado ministro presbiteriano, indicado por Wheelock e comissionado pelo *Connecticut Board of Correspondance of the Society in Scotland for the Propagation of Christian Knowledge* como missionário indígena em 19 de junho. Logo em seguida, a 1 de agosto, deu início a uma outra missão, agora entre o povo oneida. Esta nação era menos hostil e mais receptiva do que os senecas e ainda o tornaria reconhecido entre os meios políticos e religiosos da época.

No entanto, desde sua chegada em Oneida, Samuel Kirkland teve que superar diversas dificuldades para a implementação de seu empreendimento missionário religioso. Apesar de ser financiado por Wheelock e pelo *Connecticut Board of Correspondance of the Society in Scotland*, muitas vezes, Kirkland enfrentou períodos

---

<sup>102</sup> Apesar de ser educado sob as orientações de um Calvinismo inclinado as *New Lights*, Joseph Brant acabou rejeitando essa concepção e se converteu ao anglicanismo, influenciado diretamente por seu cunhado e mentor, William Johnson. Essa relação bastante próxima com o superintendente britânico, permitiu a Joseph Brant, como poucos índios da época, ter acesso aos líderes mais influentes da América Colonial Britânica.

<sup>103</sup> PILKINGTON, Walter (ed.). op. cit., p. xviii.

de crises financeiras. O missionário também procurou combater ao longo de seus anos entre os oneidas, problemas recorrentes como a fome e o alcoolismo por parte de alguns nativos. Além disso, a população oneida enfrentou uma série de consequências provenientes das suas relações com os colonos e com outros povos indígenas: batalhas, enfermidades, migrações e alterações de hábitos e costumes. Estes fatores contribuíram para a redução populacional acentuada desta nação.

Ao longo de sua atividade missionária, Kirkland realizava visitas regulares as colônias de *Connecticut* e *Massachusetts*, quando em uma dessas passagens, em 1769, se casou com Jerusha Bingham, sobrinha de Wheelock. A partir desse acontecimento, a relação de anos entre tutor e pupilo parecia que iria se solidificar ainda mais. No entanto, acabou por sofrer um sério e irreversível golpe, a partir do comportamento de Ralph Wheelock, filho de seu mestre que passou a rivalizar com Kirkland, por suspeitar que este tivesse intenções em se tornar o sucessor de seu pai, sobretudo na administração de *Moor's School*, instituição que ele achava que era sua por direito de herança. Ralph Wheelock chegou a visitar os oneidas nos anos de 1766 e 1767, a fim de debilitar os esforços missionários realizados por Samuel Kirkland junto aos indígenas. Este imbróglio acabou por gerar não somente um desentendimento entre Kirkland e Wheelock, como ocasionou o rompimento de suas relações em torno de 1770, em meio a muitas provocações de ambas as partes.

Neste mesmo período, Eleazar Wheelock foi representado por outro proeminente pupilo, Samsom Occom, que realizou algumas viagens com o intuito de recolher doações para a *Moor's Indian Charity School*. A arrecadação foi bem-sucedida, contudo, acabou gerando uma grande polêmica, pois, ao invés de reformar a antiga escola, Wheelock decidiu construir uma outra instituição: a *Dartmouth College* (1769). Com isso, as sociedades que o patrocinavam, na Inglaterra e na Escócia, passaram a ver

com descrédito os seus esforços junto aos índios. Ao contrário de Samuel Kirkland, a quem enxergavam, cada vez mais, com bons olhos, valorizando o desenvolvimento do seu trabalho missionário junto aos oneidas.

Assim, a partir de 1770, Kirkland que havia sido auxiliado financeiramente todo este tempo por Wheelock e, agora não podia mais contar com o apoio de seu mentor, passou a ser patrocinado pelo *London Board of Correspondents in Boston* (LBCB), instituição ligada a *Society in Scotland for the Propagation of Christian Knowledge* (SSPCK) com um salário de £100 e adicional de £30 para sua atividade como intérprete entre os indígenas. O *Harvard College* também veio a financiar sua missão, no entanto, sob regime de partilha. Os termos de emprego determinavam que Samuel Kirkland enviasse periodicamente relatórios sobre suas atividades missionárias para as autoridades devidas. Por fim, ainda que se constituindo uma renda escassa, Kirkland conseguiu alcançar graus satisfatórios com seus patrocinadores de *Edinburgh* e de *Boston*. Estas uniões foram bastante produtivas para o missionário, na medida em que conseguiu construir em Oneida um moinho para cereais, uma serraria, uma casa para si e outra grande para suas reuniões (a *meeting house*). Ou seja, suas realizações foram suficientes para ele se consolidar e estabelecer seu projeto missionário com relativo reconhecimento profissional.<sup>104</sup>

Por conseguinte, de 1770 a 1774, se seguiu uma fase mais tranquila quanto à missionação de Kirkland, afinal, havia agora um suporte financeiro relativamente estável, algo difícil na época, além de uma boa recepção dos seus ensinamentos por parte dos índios. O período também marcou o auge das correspondências entre o missionário e John Thornton, um proeminente teólogo e filantropo inglês. Com isso, Thornton não somente apoiou Kirkland em sua querela com Wheelock como, muitas

---

<sup>104</sup> PILKINGTON, Walter (ed.). op. cit., p. 41.

vezes, foi mais um a financiar sua missão.<sup>105</sup> Em contrapartida, nesse momento histórico, as tensões se acirraram entre o Império Britânico e as suas colônias americanas.

Como já comentado, as Treze Colônias e o Império Britânico almejavam nos iroqueses um potencial aliado numa proeminente guerra, assim como tinham ciência da influência que Samuel Kirkland exercia entre as tribos que compunham a confederação. O prestígio do missionário junto aos iroqueses foi, com razão, motivo de preocupação para os britânicos.<sup>106</sup>

Desde sua origem, perpassando a sua formação educacional e religiosa até seu envolvimento com os oneidas, Kirkland esteve, cada vez mais, envolto e íntimo de concepções ligadas as questões coloniais, *Whigs* e dissidentes. Essas características pessoais do missionário, somadas a sua missão religiosa desempenhada junto aos oneidas, chamaram a atenção dos colonos considerados rebeldes pela Coroa Britânica, fazendo com que eles o nomeassem embaixador da paz para as *Six Nations* pelo *Continental Congress* e, mais tarde, tendo sua posição ampliada para um oficial de inteligência. Tanto ele, como James Dean, também estudante de Wheelock e residente em Oneida, investigavam informações ligadas aos povos nativos, servindo como assessores de assuntos indígenas para o *Continental Congress*. Contudo, Kirkland não abdicou de sua função religiosa, neste caso, como capelão para o *Fort Stanwix*, assim como, na Expedição Sullivan (1779).

Antes do processo de Independência Estadunidense, Kirkland vivera com os oneidas por cerca de dez anos e fora um líder bastante atuante e influente. A conquista de reputação deve-se, principalmente, ao fato de que o missionário não buscou impor

---

<sup>105</sup> Em homenagem a esta amizade, um dos filhos gêmeos de Samuel Kirkland recebeu o nome de John Thornton Kirkland. Enquanto o outro filho recebeu o nome de um dos líderes do *Great Awakening*: George Whitefield.

<sup>106</sup> Tal apreensão britânica fica evidente no diário de William Johnson: FLICK, Alexander R. *The Papers of Sir William Johnson*. Albany, NY: University of the State of New York, 1925.

modificações totalizantes a cultura oneida, adaptando-se, inclusive, a algumas de suas expressões. Logo, aprendeu a falar a língua oneida, assim como, já nos primeiros anos de convivência se vestia com trajes típicos: “achei necessário e conveniente nos dois primeiros anos da minha missão (...) colocar roupa indígena”.<sup>107</sup> Toda essa dedicação levou Samuel Kirkland, gradativamente, a conquistar um patamar de grande respeito entre a maioria dos habitantes em Oneida, e conseqüentemente, a assumir também a função de conselheiro, influenciando os líderes dessa nação em suas decisões.

Assim, além de lidar com as questões religiosas e de ensino; Kirkland orientou tanto *sachems* (posições de liderança transmitidas de forma hereditária pelas matriarcas) como guerreiros em questões políticas e militares; propôs uma série de condutas sociais, dentre elas, o não consumo de bebidas alcoólicas e; usufruiu até de determinada autoridade econômica na medida em que fornecia subsídios como ferramentas e alimentos aos oneidas.

Enfim, ao procurar viver de acordo com a cultura oneida, coisa que poucos colonos, inclusive missionários tinham tentado até então, Samuel Kirkland tornou-se o principal agente e elo das relações entre colonos e nativos.

#### **2.4 A expansão do cristianismo através dos indígenas e do Atlântico**

No último momento classificado por Fisher que decorre de 1750 a 1775, a missiões caracterizou-se pelo desenvolvimento da educação nas aldeias, agora construindo escolas e alocando professores nativos para ministrar as aulas. Um dos mais bem-sucedidos religiosos desse período foi o presbiteriano Elihu Spencer e a sua conversão de maior notoriedade se deu com Peter Agworondougwas, mais conhecido

---

<sup>107</sup> PILKINGTON, op. cit., p. 313.

como Good Peter, um chefe oneida. Ele se tornou um importante líder religioso entre os habitantes de Oquaga, sendo, inclusive, acompanhado por Samson Occom em 1759. Enfim, Good Peter juntamente com Old Isaac, outro chefe oneida, garantiram a manutenção e a propagação das práticas religiosas cristãs entre os oneidas, chegando a manter uma *Church Meeting* juntos.<sup>108</sup> Ou seja, ambos foram bem-sucedidos ao interpretar e adaptar os preceitos cristãos para a realidade oneida.<sup>109</sup>

Contudo, o maior esforço missionário antes da chegada de Kirkland foi realizado por Eli Forbes e Asafe Rice em 1762 e 1763. Eles estabeleceram uma igreja, criaram duas escolas e encorajaram Good Peter a continuar sua obra. Enfim, antes da chegada de Kirkland, encontramos missionários que já haviam exercido diversas atividades e alcançaram consideráveis transformações em Oneida, como: tornar comum aos olhos dos nativos a presença de religiosos cristãos na região, a conversão de parte dos indígenas ao cristianismo (e conseqüentemente o apoio de algumas de suas lideranças como Good Peter) e o estabelecimento de instituições de ensino que segundo Francis Halsey, no caso das Seis Nações, já “em 1765 havia 127 crianças oneida e mohawk frequentando a escola”.<sup>110</sup>

Já, o maior exemplo de interesse proveniente dos nativos pelo cristianismo foi identificado por Edward E. Andrews, quando missionários e pregadores indígenas viajaram em torno da América do Norte, Caribe e África, durante os séculos XVII e XVIII. A princípio, esses índios foram recrutados por dois motivos, basicamente: por pertencerem à cultura nativa, o que teoricamente, facilitaria a comunicação entre ameríndios de uma forma geral e; a diminuição com os custos financeiros para manter um missionário indígena quando comparado a um de origem euroamericana. Afinal,

---

<sup>108</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. op. cit., p. 871.

<sup>109</sup> *ibid.*, p. 1029.

<sup>110</sup> HALSEY, Francis. *The Old New York Frontier*. Port Washington, NY: Ira J. Friedman, Inc, 1901, p. 78.

estes projetos religiosos exigiam recursos financeiros constantes, aumentando suas dificuldades e impedindo, por muitas vezes, sua consolidação devido à escassez de investimentos. No entanto, gradativamente esses índios começaram a galgar posições mais elevadas como líderes religiosos, fazendo com que alguns líderes religiosos euroamericanos se sentissem ameaçados com a instauração de uma nova ordem no seio da organização das missões.<sup>111</sup>

Para compreender a complexidade desses fatores, Edward A. Andrews se valeu da História Atlântica como meio interpretativo de todo este contexto.<sup>112</sup> Fundamentado nesta área, ele percebeu que o *First Great Awakening* aumentou sensivelmente o fluxo migratório de pessoas no Oceano Atlântico, inclusive de missionários nativos. No entanto, a utilização de índios como agentes religiosos logo foi colocada em xeque pelos outros missionários de origem euroamericana. Em razão disso, muitos povos indígenas romperam com suas lideranças cristãs brancas e constituíram suas próprias instituições religiosas. Os cristãos indígenas tiveram papel bastante atuante no processo

---

<sup>111</sup> ANDREWS, Edward E. *Native Apostles: Black and Indian Missionaries in the British Atlantic World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

<sup>112</sup> A História Atlântica utiliza-se do método comparativo, ao estabelecer a complexa interação entre ambos os lados do Atlântico, ou melhor, toma como o seu objeto de pesquisa o Oceano Atlântico e liga os três continentes que a cercam (Europa, América e África) e suas interconexões existentes. Para isso, ela supera a perspectiva da historiografia tradicional que abarca a ideia de limites fronteiriços territoriais trazida pela formação de Estado-Nações. O traslado transatlântico se deu, primeiramente, a partir do comércio (lógica econômica) e posteriormente instigou o interesse pelo conhecimento e o intercâmbio cultural (aspectos social e cultural). Portanto, a História Atlântica se aplica a estudar o fluxo, a movimentação, enfim a fluidez de mercadorias, pessoas e ideias em uma dinâmica específica (o mundo ocidental moderno a partir do século XVI). O colonialismo das Américas, o escravismo como finalidade para a diáspora africana e o missionarismo através do *First Great Awakening* são apenas alguns dos assuntos estudados por esse campo historiográfico. Entre os precursores da História Atlântica encontramos: Godechot (GODECHOT, Jacques Léon. *Histoire de l'Atlantique*. Paris: Bordas, 1947) Braudel (BRAUDEL, Fernand Paul Achille. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1949) e Palmer (PALMER, Robert Roswell. *The Age of the Democratic Revolution: a political history of Europe and America, 1760–1800*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1959-64, v.1 e v.2). Além desses, pesquisas durante a década de 1960 de fluxo de escravos da África para as Américas e, no caso, particular da historiografia estadunidense, retrocedendo ainda mais, precisamente no início do século XX, com os trabalhos da escola *Imperial*, também são considerados antecedentes para a formação dessa perspectiva. Contudo, a História Atlântica só alcançou reconhecimento e se consolidou como um campo do conhecimento histórico, nos anos de 1980, com os trabalhos de Bernard Baylin e Jack Philip Greene. Atualmente, a área conta com autores expoentes como: Anthony Robin Dermer Pagden, John Huxtable Elliott e John K. Thornton.

missionário, principalmente durante o século XVIII, como um dos responsáveis pela circulação do cristianismo no contexto cultural atlântico.

A partir da apresentação de tantas vertentes cristãs, inclusive, durante a missão de Kirkland, alguns oneidas se sentiram mais atraídos ao catolicismo (assim como os kahnawakes, através do contato com os missionários franceses do Canadá na fronteira ao norte do território Oneida), por “não exigir grandes alterações no seu estilo de vida tradicional”.<sup>113</sup> Isto gerou um grande cisma entre os oneidas no final da década de 1780, resultando em quatro grupos: um que manteve-se fiel as suas tradições religiosas, um católico, outro presbiteriano e uma quarta força, que gerou uma religião que misturava elementos tanto da religião oneida como do cristianismo.

Na tentativa de atrair adeptos ao presbiterianismo, Samuel Kirkland se interessou em educar e ensinar novas habilidades, tais como a agricultura, aos oneidas, como também investiu seus esforços na sua conversão e comunhão. O que o missionário pôde constatar foi um número bem maior de indivíduos do sexo feminino do que masculino frequentando suas liturgias. Em termos, tal característica deveu-se também à contribuição por parte de Jerusha Bingham Kirkland, sua esposa, que exerceu uma influência política considerável entre as mulheres oneidas. Então, como elucidar esse aparente desinteresse dos homens oneidas pela religião pregada pelo missionário? A explicação encontra-se em *Samuel Kirkland's mission to the Oneidas, 1766-1808* (1993) de James Gregory Mitrano, onde ele apresenta pormenores, inclusive estatísticos, de uma crise interna dentro de Oneida em busca da liderança política.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> AXTELL, James. *The Invasion Within: The Contest of Cultures in Colonial North America*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1985, pp. 277-286.

<sup>114</sup> MITRANO, James Gregory. op. cit.

## 2.5 Crise interna em Oneida: líderes tradicionais X chefes guerreiros

Desde a formação da Confederação Iroquesa sua administração política fora baseada em um grande conselho formado principalmente por *sachems* representantes das *Six Nations* que a compõe.<sup>115</sup> Assim, esta liderança também se refletia na política adotada pelos oneidas. Porém, ao longo do século XVIII, o poder político oneida foi abalado por tensões e conflitos entre os tradicionais líderes civis (*sachems* e chefes) e o grupo militar (caçadores e guerreiros), naquele momento em ascensão econômica. De fato, desde antes da Independência Estadunidense, os caçadores e os guerreiros foram alavancados pelo lucrativo comércio de peles, baseado em uma economia euro-americana, fazendo com que produzissem acima da escala de subsistência e consumissem bens de luxo, aumentando o seu prestígio social.

Com isso, o comércio de peles exacerbou também as rivalidades entre povos indígenas, fazendo com que aqueles aliados comercialmente aos europeus, principalmente de origem inglesa, francesa e holandesa, tivessem acesso a mais armamentos. Foi o caso dos iroqueses, que angariaram relevante poderio político-militar para a confederação a ponto de subjugar os povos vizinhos por meio de guerras e garantirem o pagamento de tributos por estes, adquirindo o monopólio do comércio de peles em toda *New York*.

Em uma análise incipiente, parece que Samuel Kirkland surgiu em um momento oportuno e se aproveitou justamente da fragilidade da situação política interna em Oneida, manifestada principalmente pela rivalidade entre líderes tradicionais e grupos militares, para lançar mão de sua teologia e assim converter seguidores. Com esta concepção, depreende-se ainda que, ao pregar o cristianismo, Kirkland desejava que os

---

<sup>115</sup> Para maiores detalhes sobre a política em Iroquoia, consultar as páginas 84-88.

oneidas renunciassessem à sua religião tradicional e assim “atacou a base simbólica da estrutura política, afetando, portanto, os líderes civis tradicionais”.<sup>116</sup>

A religião pregada pelo missionário presbiteriano aparentou criticar com veemência a autoridade política já existente. Esse argumento pode induzir a um pensamento inicial precipitado de que Samuel Kirkland ofereceu subsídios para que os caçadores e os guerreiros se posicionassem a seu favor. Dessa forma, este grupo militar, barrado da participação política, poderia aderir a religião do missionário como uma estratégia de desafiar a hegemonia política dos líderes civis e, com isso, controlar o sistema político oneida.

Outra situação que aparenta corroborar esse argumento teve início em 1770, quando se travou uma contenda entre Samuel Kirkland e William Johnson (enquanto o primeiro era presbiteriano e procedente do berço da rebelião, o outro era anglicano e construiu fortes laços familiares com os mohawks), sendo este incapaz de conter a invasão por colonos brancos no *Susquehanna Valley*, parte constituinte dos territórios oneidas considerados como “as melhores áreas para a prática da caça”.<sup>117</sup> Receosos quanto à eficácia do superintendente britânico, os caçadores e guerreiros oneidas decidiram então tomar partido na situação e prestaram apoio a Kirkland, naquele momento, opositor direto a Johnson.<sup>118</sup> Contudo, esta adesão foi apenas um meio do grupo militar mostrar o seu descontentamento, restrito a tal incidente e não à missão de Kirkland como um todo.

De fato, os líderes militares decidiram por não apoiar Samuel Kirkland de forma integral, principalmente porque ele preconizava um estilo de vida agrário que ia de contra ao crescente prestígio dos caçadores e dos guerreiros. Enfim, assim como muitos

---

<sup>116</sup> CAMPISI, Jack. *Ethnic Identity and Boundary Maintenance in Three Oneida Communities*. State University of New York at Albany, 1974, p. 67.

<sup>117</sup> MITRANO, op. cit., pp. 23-25.

<sup>118</sup> Para maiores detalhes sobre a querela entre Samuel Kirkland e William Johnson, consultar página 80.

outros missionários, Kirkland tomou uma posição desafiadora ao estimular a agricultura entre os oneidas, em detrimento da caça e da guerra. Afinal, em sociedades indígenas, além de ambas as práticas não somente serem indissociáveis, se constituem em “dois aspectos da mesma atividade”, estando atreladas ainda a fase adulta e a masculinidade.<sup>119</sup> Com isso, o grupo militar oneida não tinha razões para apoiar o missionário efetivamente, pelo menos, do período da sua chegada até o fim do processo de Independência Estadunidense (1766-1783).

No período anterior e durante a Independência Estadunidense, a maioria dos oneidas que aderiram ao cristianismo missionário de Kirkland foram chefes ou *sachems*. Ao contrário dos guerreiros cristãos, cujo apoio maciço à essa missão só foi identificado após a Independência. Antes disso, não há registros sobre a adesão de nenhum guerreiro cristão. Esta evidência corrobora, portanto, que os líderes oneidas tradicionais estavam mais preocupados em preservar suas respectivas posições e status, utilizando o cristianismo mais como um meio para isso, do que propriamente estarem incomodados com as modificações que sua religião tradicional poderia sofrer.

## **2.6 Formação das ententes iroquesas para a Independência Estadunidense**

Em decorrência de sua localização mais ao sul das outras aldeias oneidas, Oquaga costumeiramente enfrentava dificuldades com a invasão de suas terras por parte dos euroamericanos. Este sempre foi um assunto delicado para seus habitantes, pois nunca o governo de *New York*, *Pensylvania* ou o próprio *Continental Congress* conseguiu resolver o problema.

---

<sup>119</sup> AXTELL, op. cit., p. 58; GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., p. 375.

Oquaga também passou a receber visitas constantes de Joseph Brant que além de possuir residência, tinha fortes conexões familiares na região, como a esposa e o sogro naturais da localidade. Ele tentou convencer os oquagas com o argumento de que os outros oneidas e tuscaroras haviam rompido o *Coventant Chain* estabelecido com o governo do Reino Unido.<sup>120</sup>

Aos poucos, Joseph Brant com o auxílio de um fluxo de mohawks, em sua maioria, anglicanos, não somente introduziu em Oquaga, sua religião, como conseguiu convencer Old Isaac que havia sido por duas décadas um dos principais líderes presbíteros na região de que o anglicanismo suplantava o presbiterianismo entre os oquagas. Com isso, uma disputa religiosa sem precedentes não pôde ser evitada na aldeia.

Por sua vez, Good Peter sentiu-se desamparado, sem entender como Old Isaac, seu mentor e antes maior aliado religioso passou a seguir o anglicanismo e como esta vertente religiosa avançou por sua aldeia. Assim, Good Peter se aliou ao ministro presbiteriano local, Aaron Crosby, representante não somente da fé presbiteriana como do sentimento *Whig* para confrontar o anglicanismo na aldeia de Oquaga.

Em 1773, Oquaga encontrava-se dividida, ainda que muitos optassem por seguir Good Peter e Aaron Crosby ao invés de Old Isaac e Joseph Brant. Essas divisões foram evidentes também em outras aldeias oneidas: enquanto que em Old Oneida os habitantes por pouco apoiaram os britânicos, os moradores de Kanonwalohale e Oriska, em sua maioria, mantiveram suas relações muito estreitas com os colonos. Enfim, os oneidas experimentaram os receios iniciais de uma recém instaurada insatisfação contra os britânicos, principalmente na forma de uma controvérsia religiosa entre anglicanos e presbiterianos em Oquaga.<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., p. 2327.

<sup>121</sup> *ibid.*, p. 1366.

A relação diplomática entre o Império Britânico e as Treze Colônias foi ainda mais abalada quando da morte de William Johnson (1774) e conseqüentemente sua sucessão no cargo de superintendente de assuntos indígenas por seu genro, Guy Johnson. Legalista e episcopal, William Johnson, apesar de ter apoiado Samuel Kirkland, nos seus últimos anos de vida, passou a considerar que o missionário, como os dissidentes de *New England*, tivesse trabalhando dissimuladamente contra os interesses da coroa, e assim do Império Britânico, entre os povos iroqueses. A partir de então, tornou-se opositor ferrenho de Kirkland e não mediu esforços para que os povos nativos ficassem também contra ele.

A seguir as últimas políticas imperiais de seu antecessor, Guy Johnson forçou Kirkland a deixar os territórios indígenas em julho de 1775. Após abandonar Oneida, o missionário foi para *Philadelphia* encontrar-se com membros do Segundo *Continental Congress* que, naquele mesmo mês, haviam estabelecido um Departamento Indígena, portanto, reconhecendo a importância das atividades indígenas e uma política formal de alianças para o sucesso das pretensões coloniais naquele momento. Para uma administração mais eficiente, este departamento foi dividido em três setores, de acordo com a divisão geográfica das Treze Colônias: Norte, Centro e Sul. Dentre seus primeiros comissários encontravam-se Benjamin Franklin e Patrick Henry que tinham como função, negociações políticas com esforços voltados, principalmente, para a preservação da paz com os povos nativos.<sup>122</sup>

O Segundo *Continental Congress* concedeu a Kirkland, uma quantia de \$300 em reconhecimento a importância dos seus esforços entre os indígenas. Ficou evidente para ele que a razão por ter sido pago era se tornar um agente efetivo à causa colonial que, naquele momento, esperava manter as *Six Nations* neutras em relação ao conflito. Dali

---

<sup>122</sup> O'BRIEN, Sharon. *American Indian Tribal Governments*. Norman: University of Oklahoma Press, 1993, p. 272.

por diante, o missionário passou a estar formalmente envolvido nas decisões políticas e militares do *Continental Congress* em relação à Confederação Iroquesa.

No primeiro momento da guerra de Independência Estadunidense, em 28 de junho de 1775, sentindo-se pressionados pelos acontecimentos a construírem um consenso, os oneidas se reuniram em um conselho em Kanonwalohale para discutir suas alternativas e definir sua posição oficial. Assim, através de documento que fora redigido por um dos pupilos de Kirkland representando a sociedade dos “quatro castelos” que compunham Oneida, esta nação reticente ao evento, declarava oficialmente sua neutralidade frente aos embates que estavam acontecendo entre o Reino Unido e as Treze Colônias. Os oneidas reagiram com estranhamento ao considerarem este conflito entre dois “irmãos do mesmo sangue”, “irmãos britânicos”.<sup>123</sup>

## **2.7 Conclusão**

Apesar das interações entre índios e euroamericanos na América do Norte originarem-se a partir de redes comerciais multidirecionais, este contato encontrou nas missões e suas traduções religiosas uma das principais razões para uma sociedade se aliar à outra. Ou seja, foi através dos esforços missionários, sobretudo de jesuítas e de protestantes, que se contribuiu para o desenvolvimento mais efetivo das relações entre homens brancos e povos nativos não somente em *New York*, mas no mundo colonial como um todo.

No caso do universo iroquês, antes de Kirkland adentrá-lo, muitos outros religiosos cristãos já haviam entrado em contato com os indivíduos desta confederação,

---

<sup>123</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. pp. 1492, 1499, 1505.

produzindo informações acerca de sua cultura, comportamento e práticas. Portanto, as realizações de outras missões cristãs na região, de certa forma, facilitaram a aceitação tanto desse missionário como de suas ideias inspiradas pelo espírito do *First Great Awakening* por parte da nação Oneida e Tuscarora. Além disso, Oneida se encontrava em um momento frágil de crise interna, onde dois grandes grupos sociais disputavam o controle do poder político. E por isso, os *sachems* ou os líderes civis tradicionais em um esforço para recuperar o seu status em declínio, decidiram, em um determinado momento, apoiar a missão de Samuel Kirkland.

Obviamente, isso não tira o mérito da tamanha influência que o missionário exerceu entre os oneidas, principalmente, através de suas habilidades político-religiosas. Apesar do êxito inicial na sua chegada em Oneida, rapidamente seu entusiasmo deu lugar à desconfiança do sucesso de sua empreitada, devido aos sucessivos momentos de dificuldades financeiras enfrentados por ele em sua missão. Todavia, aos poucos, o missionário conseguiu superá-los ao angariar patrocínio junto à instituições coloniais importantes da época e assim, gradativamente, se adaptou a realidade que o cercava para que, mais tarde, também pudesse se engajar na guerra de Independência Estadunidense.

Em 1776, ou seja, quando se concluiu dez anos em que Samuel Kirkland residia em Oneida, já eram aparentes as profundas transformações que sua atividade missionária havia realizado:

: a cristianização de parte dos habitantes de Oneida; a prática da carpintaria e da agricultura por alguns; e uma série de crianças que começaram a frequentar a escola e a serem alfabetizadas em inglês. Além disso, o comércio se desenvolveu ultrapassando limites territoriais iroqueses e alcançando tanto europeus como colonos.

No entanto, de acordo com as pesquisas históricas tradicionais, a maior influência de Kirkland, o apontava como principal responsável pelo engajamento das nações indígenas Oneida e Tuscarora junto aos colonos na causa da Independência Estadunidense. Contudo, essa perspectiva se mostrou simplista e limitada, devido a várias outras razões já evidenciadas, assim como personagens que também contribuíram direta ou indiretamente com o fato, seja como agentes diplomáticos, líderes militares ou patrocinadores.

Além disso, esse ponto de vista de que apenas euroamericanos nortearam os eventos históricos, novamente, recai no na concepção limitada de que o indígena seria um mero coadjuvante nos eventos históricos ocorridos nas Américas. A fim de refutar esta prática tradicional utilizada por muito tempo pela historiografia, a análise de uma série de documentos de líderes indígenas se fez essencial.

Portanto, antes da Independência Estadunidense, Oneida já havia estabelecido relações das mais diversas naturezas, não somente com outros povos indígenas, como também com europeus e colonos, missionários e comerciantes. Esse contato para além do mundo indígena fez com que os oneidas constantemente negociassem sua própria identidade iroquesa para a sobrevivência de seu povo e de sua cultura. Enquanto que, para os colonos, a aliança com Oneida os fortaleceu e evitou uma derrota logo no início da guerra, para os oneidas, apesar de serem reconhecidos como “os primeiros aliados”, significou o seu empobrecimento material, assim como o enfraquecimento dos vínculos com as outras nações iroquesas (com exceção de Tuscarora). Logo, do conflito ideológico instaurado entre essas nações se extinguiu a Confederação Iroquesa, até então, uma das forças militares mais proeminentes da América do Norte no século XVIII.

## CAPÍTULO III

### DA NEUTRALIDADE AO ENGAJAMENTO

*Brothers of the Six Nations, Delawares and Shawanese, We, the delegates of the thirteen United States of America, are extremely pleased to see you. We take you by the hand, and bid you welcome to our great council fire. Brothers, You say that God Almighty has been pleased to bring us together. You say well. He superintends and governs men and their actions. He now sees us. He judges of the sincerity of our hearts, and will punish those who deceive.*

-O Segundo *Continental Congress* para as *Six Nations*; 7 de dezembro de 1776.<sup>124</sup>

*We have experienced your love, strong as the oak, and your fidelity, unchangeable as truth [...] Like brave men, for glory you despised danger; you stood forth, in the cause of your friends, and ventured your lives in our battles [...]. As our trusty friends, we shall protect you; and shall at all times consider your welfare as our own.*

-O Segundo *Continental Congress* reconhecendo a contribuição dos Oneidas na guerra de Independência; 3 de dezembro de 1777.<sup>125</sup>

#### 3.1 Deganawidah e a política em Iroquoia

Para se compreender a governabilidade em Iroquoia deve-se retroceder a sua formação enquanto confederação, na época em que Deganawidah (*The Great Peacemaker*) empreendeu uma viagem com o objetivo de levar a mensagem de paz e união entre os povos nativos naquele momento em guerra. Em sua trajetória, ele conheceu Jigonhsasee (denominada também como *Mother of Nations*), Hiawatha (seu discípulo e intérprete), Tadadaho, dentre outros líderes indígenas que fundaram a

<sup>124</sup>

Disponível

em:

<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/timeline/amrev/homefrnt/nations.html>.

<sup>125</sup>

Disponível

em:

<http://www.loc.gov/teachers/classroommaterials/presentationsandactivities/presentations/timeline/amrev/homefrnt/nations.html>.

Confederação Iroquesa. De acordo com a história tradicional iroquesa, foram eles que trouxeram a paz onde antes imperava a guerra e assim fundaram a *Great League of Peace*.<sup>126</sup> A partir da descrição de um mundo sem guerras, Deganawidah propôs o que veio a se tornar a constituição oral dos iroqueses conhecida como *Great Law of Peace*.

Este conjunto de normas possui a paz como o seu ponto central: além dela ser apresentada como uma responsabilidade social, também tem seu caráter religioso, pois corresponderia aos desígnios do Criador transmitidos a Deganawidah, fomentando os alicerces de conduta do povo iroquês: "In considering these remarkable laws, it becomes evident that the work which Hiawatha and Deganawidah accomplished was really a Great Reformation, not merely political, but also social and religious."<sup>127</sup>

Assim, Deganawidah é considerado por muitos iroqueses como uma espécie de profeta que levou a mensagem de “paz do Criador” aos nativos ao sistematizá-la através da *Great Law of Peace*, pela qual, eles seguiam. Para se alcançar esse objetivo de unificar os nativos para a formação de uma liga e de uma posterior Confederação Iroquesa, Deganawidah utilizou o argumento metafórico da *longhouse* que perpassava pelos conceitos de família e de clã.

*The 'Long House' (Ho-dé-no-soée) was made the symbol of the confederacy, and they styled themselves the 'People of the Long House' (Ho-dé-no-sau-nee). This was the name, and the only name, with which they distinguished themselves.*<sup>128</sup>

---

<sup>126</sup> KUPPERMAN, Karen Ordahl. *The Atlantic in World History*. New York, NY: Oxford University Press, 2012, pp. 31-32.

<sup>127</sup> HALE, Horatio. *The Iroquois Book of Rites*. Philadelphia: D. G. Briton, 1883, p. 73. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoisbookofri00hale>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>128</sup> MORGAN, Lewis Henry. *Houses and House-Life of the American Aborigines*. Washington: Government Printing Office. vol. IV, 1881, p. 34. Disponível em: <https://archive.org/details/housesandhousel01morggoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

As famílias foram organizadas por sistemas de clãs, representados por animais.<sup>129</sup> No caso dos oneidas, assim como dos mohawks, os clãs eram: do lobo, da tartaruga e do urso. Enquanto os dois últimos funcionavam como grupos de oposição nos conselhos, o primeiro tinha o objetivo de mediar suas propostas.<sup>130</sup> Assim, a nação Oneida e todos os seus povoados eram divididos em famílias cujos indivíduos compunham uma mesma linhagem (clãs matrilineares), pelo qual, viviam sob uma mesma *longhouse*.<sup>131</sup>

Em reconhecimento a Jikonsaseh por ter sido o primeiro indivíduo a compreender e a cooperar em sua empreitada para a fundação da Confederação Iroquesa, Deganawidah atribuiu prestígio e autoridade política às suas descendentes: "[...] Deganawi:dah laid down the proposition that women should possess the title to chiefship, inasmuch as the Mother of Nations first accepted the principles of righteousness and peace."<sup>132</sup>

Com isso, Deganawidah denomina as mulheres como as *Clan Mothers* ou chefes dos clãs entre os iroqueses, fazendo com que a família siga uma lógica hereditária determinada matrilinear(mente). Portanto, as evidências de que as mulheres eram consideradas sagradas para os iroqueses se encontram seja por representarem diversas divindades femininas como: Ataentsic, Sky Woman, Mother Earth, Three Sisters, seja pela contribuição política de Jikonsaseh para os iroqueses a nível governamental.

---

<sup>129</sup> Animais como o lobo, o urso e a tartaruga, no caso do povo oneida não representavam somente o habitat que o clã advinha, como também haviam desempenhado um papel de destaque na cosmogonia iroquesa. Com isso, esses animais tinham a função de totem, guiando e protegendo seus respectivos clãs. HEWITT, John Napoleon Brinton. 1933, pp. 477, 486.

HEWITT, John Napoleon Brinton. "Status of Women in Iroquois Polity Before 1784". In. *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution for the year ending*. June 30, 1932. (1933), pp. 475-488; *Iroquois Women: An Anthology*. Ed. Wm. Guy Spittal. Ohsweken: Iroqrafts, 1996. pp. 53-68.

<sup>130</sup> HEWITT, John Napoleon Brinton; FENTON, William Nelson Fenton. "Some mnemonic pictographs relating to the Iroquois condolence council". In. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, v. 35, n. 10, October 15, 1945, pp. 301-315. Disponível em: <https://archive.org/details/journalofwashin351945wash>. Acesso em: 1 jul. 2015.

<sup>131</sup> Para os iroqueses a linhagem materna utiliza-se do conceito de mãe para designar todas as mulheres da mesma linhagem (não somente as mães biológicas, como as irmãs e as filhas) HEWITT, John Napoleon Brinton, 1933, pp. 477.

<sup>132</sup> FENTON, William Nelson. op. cit., pp. 88.

As principais chefes femininas eram conhecidas como *matrons*, mulheres responsáveis pela vida familiar na *longhouse*, e também por eleger, supervisionar e até destituir os *sachems*. Ou seja, mesmo constituindo-se em representantes diretos do poder político em Oneida, os *sachems* encontravam-se condicionados a autoridade das mulheres na distribuição do poder político que determinavam quais os homens seriam os mais aptos a serem os líderes da nação. Além disso, as *matrons* participavam indiretamente dos conselhos, orientando os líderes em suas tomadas de deliberações de forma a ir de encontro aos objetivos delas próprias. Portanto, o sucesso do poder político iroquês era reflexo do seu sistema familiar, já que a configuração do sistema governamental da Confederação Iroquesa era baseada na organização da *longhouse*, reduto onde a mulher exercia mais poder e autoridade, indo de encontro a afirmação de Goldenweiser, que a família materna dos iroqueses tinha importância política.<sup>133</sup>

A política em Oneida era dividida em três esferas de poder: aldeã/local (composta por *sachems*, *matrons*, anciãos, conselheiros e um chefe principal), nacional/tribal (no caso de Oneida, formada por nove *sachems*, três de cada clã) e confederativa. O Conselho da Confederação também conhecido como o *Grand Council* reunia os representantes das nações iroquesas e era composto ao todo por cinquenta *sachems*: quatorze chefes onondagas, dez cayugas, nove oneidas, nove mohawks e oito senecas. Apesar da diferença quantitativa de representantes de cada nação, o voto contabilizado para cada uma delas era unitário.<sup>134</sup>

O conselho tinha início com a liderança espiritual da capital da confederação: Onondoga (*Keepers of the Central Fire*) e seus líderes que também mediavam as discussões. A seguir, as primeiras colocações eram levantadas pelos mohawks, considerados os líderes políticos, por sua nação ter sido a primeira a aderir à proposta de

---

<sup>133</sup> FENTON, William Nelson. *Iroquois studies at the mid-century*. Philadelphia: American Philosophical Society, 1951, p. 45.

<sup>134</sup> MORGAN, Lewis Henry. op. cit., pp. 32-33.

paz feita por Deganawidah: "I, Dekanawidah, appoint the Mohawk Lords the heads and the leaders of the Five Nations Confederacy."<sup>135</sup> Além disso, a nação Mohawk era uma das principais guardiãs das fronteiras iroquesas (*Keepers of the Eastern Door*), juntamente com a nação Seneca (*Keepers of the Westerns Door*), então a nação mais populosa. Após estas nações consideradas as *Elder Brothers* exporem suas posições, o debate sofria a intervenção dos *Younger Brothers*, ou seja, de Oneida e Cayuga. Somente após as quatro nações terem chegado a um consenso que os chefes onondagas davam o seu veredito.

*All the business of the Five Nations Confederate Council shall be conducted by the two combined bodies of Confederate Lords. First the question shall be passed upon by the Mohawk and Seneca Lords, then it shall be discussed and passed by the Oneida and Cayuga Lords. Their decisions shall then be referred to the Onondaga Lords, (Fire Keepers) for final judgement.*<sup>136</sup>

### **3.2 Philip Schuyler, o artífice rebelde**

Nascido em 11 de novembro de 1733 em Albany, *New York*, Philip Schuyler descende de holandeses que vieram se estabelecer, naquela época, em *Nieuw-Nederland* a cerca de 1650 e tornaram-se ricos e influentes membros da aristocracia colonial. Em 1754, o próprio Philip Schuyler herdou uma extensa propriedade considerável de terras em torno de Albany, na maioria do território de Saratoga.

Em maio do ano seguinte, então com 22 anos de idade, Philip Schuyler serviu na Guerra Franco-Indígena como oficial provincial do exército britânico, e alcançou, mais tarde, a patente de major. Tudo sob as orientações militares do coronel John Bradstreet,

---

<sup>135</sup> PARKER, Arthur Caswell; FENTON, William Nelson. *Parker on the Iroquois. Iroquois Uses of Maize and Other Food Plants. The Code of Handsome Lake, the Seneca Prophet. The Constitution of the Five Nations*. Syracuse: Syracuse University Press, 1968, pp. 31-32.

<sup>136</sup> PARKER, Arthur Caswell; FENTON, William Nelson. *The Great Binding Law, Gayanashagowa*. Syracuse: Syracuse University Press, 1968; PARKER, Arthur Caswell. op. cit., p. 32.

um oficial britânico estabelecido em Albany que se tornou um verdadeiro conselheiro ao longo de sua vida.<sup>137</sup>

Philip Schuyler era sobrinho-neto de Pieter Schuyler que foi o primeiro prefeito de Albany, governador de *New York* e presidente dos *Commissioners for Indian Affairs*.<sup>138</sup> Já a sua própria carreira política teve início quando foi eleito membro da Assembleia Geral de *New York* como representante de Albany (1768-1775). Apesar de ter lutado ao lado dos britânicos anteriormente, rompeu esses laços à medida que as atividades em suas terras dependiam de uma relativa independência de mercado para se desenvolver. Assim, na medida em que ascendia como um dos mais ricos e proeminentes proprietários de terras em *New York*, Philip Schuyler também começou a emergir como crítico e um dos líderes da oposição frente às restrições britânicas impostas às Treze Colônias.

Em maio de 1775 se tornou um dos delegados representantes de *New York* no Segundo *Continental Congress* e em 19 de junho do mesmo ano, um pouco depois da guerra com o Império Britânico já ter começado, devido a sua experiência militar, foi nomeado pelo Congresso como um dos quatro principais generais do Exército Continental sob a liderança de George Washington. Philip Schuyler ficou responsável por comandar o Departamento do Norte do Exército Continental (composto basicamente por *New York*) e seus primeiros esforços foram em razão de organizar uma invasão ao

---

<sup>137</sup> LOSSING, Benson John. *The Life and Times of Philip Schuyler*, vol. I. New York: Sheldon & Company, 1873, pp. 136, 179.

<sup>138</sup> Basicamente foi um órgão do governo inglês responsável em manter as boas relações e regular o comércio de peles com os iroqueses. Apesar dessas funções já serem desempenhadas habitualmente pelos magistrados locais de Albany, foi somente em 1685 que Edmund Andros formalizou um conselho de comissários apropriando-se dos próprios funcionários que já exerciam estas atribuições. No entanto, em 1696, o governador de *New York* nomeou um conselho de somente quatro magistrados, dentre eles, Pieter Schuyler. Em 1755, mais uma vez, o governo britânico decidiu mudar e indicou William Johnson como superintendente dos *Indian Affairs for the Northern Colonies* o que durou até sua morte em 1774. Assim, com o início do processo de Independência das Treze Colônias, o Império Britânico decidiu assumir diretamente a administração colonial dos negócios com os indígenas e destituiu este corpo burocrático e seus comissionados. Maiores informações em: STURTEVANT, William C. *Handbook of North American Indians: History of Indian-white relations*. United States Government Printing Office, 1988.

Canadá, o que aconteceu no final de 1775 com relativo sucesso inicial. *Montréal* foi rapidamente conquistada, no entanto, o exército começou a se dismantelar a medida que se aproximava de *Québec*, pois Schuyler, por problemas de saúde, já não comandava o exército com a mesma eficiência de antes. Assim, antes que completasse sua missão, Philip Schuyler foi substituído por Horatio Gates no comando do Departamento do Norte em 1777, mas somente em abril de 1779 decidiu renunciar a este cargo definitivamente. No entanto, não somente retornou como delegado de *New York* ao *Continental Congress* após ser reeleito (1779-1781), como permaneceu em seu cargo de Comissário de Assuntos Indígenas. Foi nesta função que Philip Schuyler se destacou ao argumentar, juntamente com Samuel Kirkland, para que os oneidas se aliassem aos colonos nas guerras de Independência das Treze Colônias.

De acordo com Glathaar e Martin, a contribuição gerada pelos esforços de Philip Schuyler foi tamanha principalmente no que diz respeito a quebra dos preconceitos dos colonos em relação aos nativos. Apesar dos anos de contato com os indígenas, ainda eram poucos os colonos confortáveis com a presença deles. Muitos colonos acreditavam que quanto menos eles negociassem ou mesmo entrassem em contato com os índios, melhor e mais seguro seria para eles. De fato, tanto os soldados, como os indígenas nutriam suspeitas uns pelos outros, apesar de reconhecerem que, para continuar sobrevivendo dependiam do respeito mútuo e da cooperação constante. Por isso, avisos específicos foram dados aos militares quanto ao tratamento dispensado aos indígenas. E Philip Schuyler, neste quesito, se tornou um exemplo a ser seguido pelos outros oficiais e soldados, de controle de seus preconceitos pessoais e exposição de comportamento respeitoso frente a população nativa.<sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., p. 2132.

### 3.3 A Guerra Franco-Indígena

De 1700 a 1740, os iroqueses viveram anos de paz com os europeus. Intervalo este que foi interrompido em razão da Guerra de Sucessão Austríaca (1740-1748) e, mais tarde, por seus desdobramentos com a Guerra dos Sete Anos (1754-1764), que representou o combate entre Reino Unido e França, então as maiores potências da Europa na época.

Uma das evidências de que a Confederação já enfrentava dificuldades quanto a sua união veio a tona quando os mohawks que, além de terem sofrido forte influência anglicana, tinham forte laços com a Coroa Britânica e o Departamento Indígena, decidiram se unir aos ingleses. Ao contrário dos senecas que devido a estreitos laços econômicos, optaram por fazer uma coalizão com os franceses.

Enquanto que mohawks e senecas tomaram partido do ocorrido, os outros iroqueses preferiram ser mais cautelosos e tentaram prevenir uma possível ruptura de sua confederação. Por isso, somente vieram a se posicionar, mais tarde, ao lado dos ingleses, após sua vitória parecer evidente.

Dentre as várias batalhas ocorridas durante a Guerra dos Sete Anos, aquela que marcou profundamente a dinâmica de mundo dos Impérios Britânico e Francês, além de ter contado com grande participação dos povos nativos foi a Guerra Franco-Indígena (1754-1763) que teve como teatro de batalhas a América do Norte.

A população francesa se concentrou principalmente em torno do Rio São Lourenço, já que este local era referência a caçadores e comerciantes franceses para o comércio de peles. Assim, quando a guerra eclodiu, foi justamente a partir de seus principais parceiros comerciais na região dos Grandes Lagos que os franceses recrutaram combatentes indígenas, sendo o principal povo, as *Seven Nations* do Canadá. Embora elas não estivesse diretamente relacionadas com as causas da guerra, alguns deles,

como os algonquins perceberam uma oportunidade de revanche, já que haviam sofrido invasões territoriais por parte dos iroqueses, então aliados dos britânicos.

Parte das tropas regulares tanto francesas, como inglesas já se encontravam a algum tempo no território da América do Norte. Além disso, a fim de complementar seus respectivos contingentes militares para a guerra, as forças da França e do Reino Unido contaram com o apoio de milícias locais formadas pelos próprios colonos que, mesmo não possuindo treinamento militar especializado, conheciam o território e tinham experiência significativa em combates de guerrilha.

O *Albany Congress* (em meados do ano de 1754) fez acirrar ainda mais os ânimos entre Reino Unido e França, pois possuiu o objetivo formal de constituir uma união, naquele momento, entre colonos (ainda se considerando britânicos) e nativos nas negociações comerciais. Partindo desta fidelidade bem-sucedida até então, desenvolveram-se laços mais fortes, inclusive que contribuíram, em seguida, para unirem-se frente a guerra Franco-Indígena. Apesar do plano não ter sido aprovado, a ideia para a formação do *Continental Congress* foi lançada.

Na década de 1750, vastos territórios ainda não haviam sido colonizados pelos europeus e foram principalmente nestas áreas consideradas fronteiriças entre possessões britânicas e francesas na América do Norte que as batalhas foram travadas. O conflito teve início quando os britânicos atacaram posições francesas disputadas na América do Norte. Ao longo dos anos de 1755 a 1757, todas as expedições britânicas culminaram em fracasso.

Nesse ínterim, o Reino Unido formalizou um tratado de aliança com a Prússia, e em resposta, a França se uniu com a Áustria. Este fato ficou conhecido como a Revolução Diplomática (1756), pois as tradicionais uniões político-militares entre Reino Unido e Áustria de um lado, e França e Prússia do outro lado, foram rompidas e

deram lugar a novos arranjos. Assim, apesar de novas disposições, os antigos antagonismos entre o Reino Unido com a França e, a Áustria rivalizando com a Prússia permaneceram.

A partir de 1757, os militares britânicos lançaram uma grande ofensiva contra o território francês do Canadá e somente após dois anos, conseguiram as suas mais importantes conquistas: tomar o *Fort Carillon* (mais tarde, renomeado *Fort Ticonderoga*) e finalmente *Québec*. Após estes eventos, as *Seven Nations* do Canadá, então aliadas aos franceses, decidiram renunciar a guerra e assinaram o *Treaty of Kahnawake* (1760), enquanto que a França só veio a oficializar sua derrota três anos depois com a assinatura do *Treaty of Paris* (1763).

Enfim, a Guerra Franco-Indígena alterou as relações político-econômicas e governamentais entre os países europeus e suas colônias. Tanto a França quanto a Espanha foram obrigadas a ceder grande parte de seus territórios coloniais na América do Norte ao Reino Unido. Assim, em vista do aumento de domínio territorial pelo Império Britânico, os líderes Bourbon da França e da Espanha ficaram mais reticentes, aguardando uma próxima oportunidade para reparação.

Apesar da vitória formalizada a partir do tratado de paz, o Reino Unido não foi eximido de pesadas dívidas contraídas ao decorrer de uma longa série de guerras imperiais travadas com outras grandes potências militares europeias. Assim, a Coroa Britânica tornou-se mais austera no que diz respeito a sua autoridade sobre a América Colonial e rapidamente tratou de estabelecer novos impostos sobre suas colônias. A cada nova taxa aprovada pelo governo inglês, os colonos, desconfortáveis com a situação, resistiam veementemente, boicotando os produtos taxados e alegando que seus direitos como súditos da coroa estavam sendo desrespeitados, sobretudo porque não contavam com representantes diretos no parlamento inglês. Com isso, a fim de garantir

o recolhimento dos impostos, assim como a segurança dos seus funcionários em suas funções, o governo britânico decidiu pela intervenção militar nas Treze Colônias, mandando tropas para Boston (1768) e mais tarde, com o recrudescimento dos protestos coloniais para *New York* (1775).

A conclusão dessas batalhas culminou também com a *Royal Proclamation* (1763) que determinou que os franceses cedessem o Canadá ao Império Britânico (que, mais tarde, foi rebatizado como província de *Québec*) e com isso ocorresse a dissolução definitiva da *Nouvelle-France*. No entanto, preocupados com a reação a sua política não ser bem recepcionada pelos franco-canadenses, bem como os diversos povos indígenas que haviam apoiado a França, o governo imperial britânico adotou um conjunto de medidas estratégicas ao instaurar o *Quebec Act* (1774). Este ato, dentre outras características, visou a permanência do código civil francês, o que perpassava questões culturais francesas no que dizia respeito, principalmente, garantir a liberdade da prática religiosa católica. Com isso, o objetivo primordial de todo esse dispositivo era conquistar a lealdade dos colonos de origem francesa.

Da mesma forma, a preocupação atingiu muitas populações nativas que tinham no poder francês na América do Norte um forte aliado e encaravam a sua supressão como uma séria ameaça por parte de invasões territoriais britânicas e coloniais. Por isso, o governo britânico também decidiu incluir em suas disposições a expansão do território da província para se restaurar, na medida do possível, as fronteiras anteriores, existentes sob o domínio francês. A partir destas terras, se originou, a demarcação de uma reserva de terras indígenas a oeste da Cordilheira dos Apalaches para as populações nativas, fazendo com que freasse, ainda que naquele momento, a invasão do território nativo por parte dos colonos. O que levou, em contrapartida, a indignação e ressentimentos consideráveis entre muitos colonos de origem inglesa que além de estarem ansiosos em

invadir terras nativas, interpretaram essas práticas do governo britânico como uma espécie de conspiração para favorecer tanto os canadenses quanto os povos nativos. Segundo a visão desses colonos, o interesse da coroa residia em estabelecer alianças contra eles, os residentes da antiga América Britânica que inclusive, já se encontravam insatisfeitos com o Império Britânico devido aos impostos e as taxas de comércio praticadas nas Treze Colônias.

### **3.4 Da política de neutralidade ao engajamento junto aos rebeldes**

Antes mesmo do processo de Independência Estadunidense ter início, a preocupação do novo governo que havia se constituído a partir do *Continental Congress* foi de não inserir os iroqueses em um contexto de guerra que já se mostrava, contudo, iminente. O próprio George Washington tinha noção da importância de manter os iroqueses mais afastados e neutros possíveis do evento que estava prestes a eclodir e tratou de encontrar Samuel Kirkland e Skenandoah, principal líder oneida da época. Ambos visitaram o quartel-general de George Washington e mais tarde, o missionário empreendeu uma viagem a *Philadelphia* onde o *Continental Congress* decidiu compensá-lo em razão de várias despesas, como também prometeu cobrir outros débitos futuros que ele poderia contrair enquanto cuidava para que os iroqueses permanecessem neutros.

Essa tentativa de convencer os povos indígenas da neutralidade em relação à guerra entre os colonos e os britânicos fez, inclusive, com que uma delegação de quatro líderes oneidas fossem enviados para entrar em contatos com outros povos indígenas do Canadá para encorajá-los a preservar a paz em seus territórios. Após intensas discussões acerca do fato, os colonos e os oneidas conseguiram finalmente convencer os

kahnawakes, assim como outros membros das *Seven Nations* do Canadá a não tomarem partido nesse conflito.

Nesse ínterim, o *Grand Council* de Onondaga se reuniu diversas vezes entre 1775 e 1776 e já se mostrava evidente uma divisão entre Mohawk, Cayuga e Seneca, aquelas nações que apoiavam Guy Johnson, ou seja, o governo imperial britânico e as outras nações que preferiam manter cautela. Um *sachem* cayuga acusou os oneidas de contradição já que estavam dando mais atenção a Albany do que o antigo fogo iroquês em Onondaga e sendo assim os interesses dos rebeldes em lutar estavam prevalecendo em vista de manter a paz com os seus irmãos iroqueses.<sup>140</sup>

Outra questão por parte da resistência a política de neutralidade incentivada principalmente pelos rebeldes e oneidas decorre ao fato de que os *Elder Brothers* estavam ansiosos em reestabelecer o comércio, altamente lucrativo, com o Império Britânico. Afinal, qualquer reabertura de negociações entre os iroqueses e os britânicos poderia interferir com as operações militares coloniais então já em avançado diálogo com os líderes oneidas. Com isso, um ultimato por parte do *Elder Brothers* juntamente com os cayugas foi dado aos líderes indígenas inclinados aparentemente ao apoio dos rebeldes: ou eles alteravam as operações militares e reabriam as negociações comerciais ou os iroqueses iriam se aliançar formalmente com os britânicos.

De fato, os oneidas já agiam em sigilo e, até mesmo haviam adotado uma medida defensiva diante dos seus irmãos iroqueses, formando secretamente uma coalizão juntamente com os tuscaroras, kahnawakes e oquagas a fim de se ajudarem mutuamente contra as outras nações indígenas. Apesar de Guy Johnson ter fugido para o Canadá (maio de 1775) e John Johnson ter sido desarmado por milicianos liderados por Philip Schuyler (em 20 de janeiro de 1776), o filho de William Johnson continuou a

---

<sup>140</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., pp. 1814-1820.

promover atividades *tories* na região do *Mohawk Valley* a partir de contatos secretos com oficiais da Coroa Britânica, como o coronel John Butler, em Niágara e, no Canadá, a fim de tentar convencer e reunir o máximo de apoio legalista possível entre os iroqueses.

Em maio de 1776, uma delegação com representantes (*sachems* e guerreiros) de cada nação iroquesa visitou John Butler a fim de ouvir seus argumentos, ratificaram que a determinação de se manterem unidos e neutros permanecia. No entanto, não convencido da opinião por parte dos iroqueses, John Butler insistiu e contra-argumentou que, caso os rebeldes vencessem uma possível guerra, os nativos não seriam recompensados de forma justa, pois os colonos não dispunham de recursos suficientes para isso. E acima de tudo, eles corriam um grande risco de terem suas terras tomadas, pois os colonos teriam liberdade e se sentiriam no direito de invadir territórios nativos.

Ao contrário da Coroa Britânica, que podia abastecê-los suficientemente, já que contava com uma grande quantidade de suprimentos, bens de comércio e de armas, o que conseqüentemente acarretariam vitórias militares brevemente. Ou seja, John Butler subestimou os colonos ao sugerir que a vitória por parte dos britânicos era inevitável e aqueles que os ajudassem seriam recompensados generosamente.

Assim como John Butler, Joseph Brant e seus seguidores também tinham esse discurso e afirmavam repetidamente que os rebeldes e o seu movimento de independência não tinham possibilidades de sucesso, já que o rei introduziu um quantitativo suficiente de tropas bem armadas na América, tornando impraticável qualquer resistência à autoridade imperial britânica.<sup>141</sup>

Enfim, o momento parecia favorável para o apoio aos britânicos, não somente em razão da doação costumeira de presentes, mas, principalmente em razão ao mau

---

<sup>141</sup> *ibid.*, p. 2420.

tratamento dispensado por alguns oficiais patriotas, como um dos *sachems* oneidas, Henry Cornelius que entendia inglês e relatou a respeito de um episódio com o General Benedict Arnold: “It appeared that he was suspicious of our designs, especially when an officer came into the room who told him in English that we would cut their throats as soon as an opportunity offered, and that we were not to be trusted.”<sup>142</sup>

No entanto, Philip Schuyler, então principal autoridade militar responsável em atrair o engajamento dos iroqueses a luta, percebeu o desvio de conduta do General Benedict Arnold e rapidamente interveio a fim de preservar as boas relações com seus aliados nativos. Convidou os oneidas e, desculpando-se formalmente em nome daqueles que os ofenderam, fez como estipulava a etiqueta da época, que recomendava que quando representantes nativos fossem tratar de interesses políticos com líderes coloniais, eles não retornassem de mãos vazias. E assim, Schuyler doou aos oneidas, um vagão de pólvora.

O comportamento do general Philip Schuyler como um dos principais líderes coloniais do movimento serviu de exemplo, fazendo com que essa postura política mais respeitosa em relação ao povo oneida fosse, mais vezes, praticada pela maioria dos oficiais. E representou um momento de virada que tomou conta dos sentimentos da maioria dos líderes *Whigs* no *Continental Congress*,

Inclusive, em abril de 1776, também em razão das dificuldades iniciais do movimento pro-independência para se alcançar aliados a causa rebelde, fez com que o próprio George Washington, diferentemente de sua primeira posição frente ao engajamento dos povos nativos, concluiu que as *Six Nations* não deveriam mais se manter neutras e assim começou a implementar, juntamente com o governo, excursões de delegados iroqueses para conhecer os líderes do movimento colonial em companhia

---

<sup>142</sup> *ibid.*, pp. 1940, 1945.

de demonstrações de força marcial patriótica com o General John Sullivan, além de serem oficialmente apresentados ao *Continental Congress*.

Os líderes coloniais ainda não haviam cumprido suas promessas em relação as principais preocupações que afligiam os iroqueses: as invasões de suas terras, fazendo com que a maioria dos nativos acreditasse que as transgressões coloniais somente iriam aumentar. As violações de terras em Oquaga permaneciam sem resolução (apesar dos comissários do *Continental Congress* se comprometerem a interferir, punindo e assim inibindo os violadores até finalmente dar um fim a essa prática) já que os colonos rebeldes se espalhavam pela Bacia do Rio Susquehanna, lançando-se a pequenos fortes e ameaçando cayugas, onondagas e senecas ao sul. Portanto, a contínua invasão por parte de alguns colonos somente fortaleceu para que os iroqueses, em sua maioria, voltassem sua atenção às propostas da Coroa Britânica.<sup>143</sup>

Com a proposta tentadora exposta por John Butler, a maioria dos cayugas e alguns onondagas cederam finalmente à pressão e romperam com sua promessa de neutralidade feita aos rebeldes, proclamando sua aliança com seus tradicionais parceiros: a Coroa Britânica. Por outro lado, os oneidas se encontraram em uma encruzilhada, pois concluíram, naquele momento, que ficar fora do conflito não era mais possível, dado que a maioria dos integrantes das *Six Nations* já havia feito sua escolha e declarado adesão para um curso que até então os oneidas não estavam inclinados a seguir, apesar da alegação de neutralidade.<sup>144</sup> Assim sendo, tinham noção que, independente de sua posição, iriam sofrer sanções e invasões em seu território.

---

<sup>143</sup> Como estratégia político-militar, os oficiais da Coroa Britânica não tomavam nenhuma atitude em relação as invasões de territórios iroqueses, buscando assim induzir várias de suas nações a serem seus aliados. A mesma prática foi utilizada pelos franceses contra os britânicos durante a Guerra dos Sete Anos.

<sup>144</sup> Apesar de se declararem oficialmente neutros e defenderem essa posição entre os iroqueses, os oneidas, neste momento, já realizavam exercícios militares de cooperação com as forças rebeldes. Ou seja, mesmo ainda não estando propriamente inseridos no momento de guerra de Independência Estadunidense, os oneidas estavam mais efetivamente atuantes do que desinteressadamente neutros.

Os oneidas esperavam os seus líderes para refletir e decidir o futuro da nação, reverenciando os mais velhos: as *matrons*, os *sachems* e posteriormente os chefes guerreiros, considerados como os “sábios da nação”. De acordo com as tradições oneidas, somente o raciocínio coletivo poderia determinar a quebra da neutralidade e o alinhamento para com os rebeldes americanos.

Toda inclinação ideológica por parte dos oneidas para com os colonos não era bem vista pelo resto da Confederação Iroquesa que expressava pouca tolerância com qualquer índio que mantivesse relações cordiais com os rebeldes e preterisse seus irmãos indígenas. Esta característica é corroborada pelos historiadores Glathaar e Martin a partir de uma carta circular preparada no final de um dos conselhos de John Butler em setembro de 1776:

The Oneidas' traditional allies, the Iroquois Confederacy and subordinate peoples, expressed little tolerance towards any Indians who maintained cordial relations with the rebels. In a circular letter prepared at the end of John Butler's council in September 1776, pro-British natives called on all Indian nations to join forces against the American revolutionaries. For those Indians who ignore or rejected this demand, they warned, “we shall imagine that our Road of Peace is Entirely stopped and it will oblige us to act accordingly”. In October, the Oneidas received this letter along with a pointed threat. Should they refuse to join their pro-British brethren, they “should be attacked”, and ultimately “not a child's life would be then spared”.<sup>145</sup>

Assim, após uma forte geada em Iroquoia ter afetado a temporada de caça, o transporte de suprimentos e o reabastecimento do comércio em Oneida, além de uma doença (provavelmente varíola) ter se alastrado por Onondaga, atingindo nove aldeias e três dos seus principais *sachems*, os iroqueses resolveram declarar oficialmente que o “Grand Council Fire at Onondaugas was extinguished”.<sup>146</sup> O Fogo do Conselho que antes aceso simbolizava a unidade das *Six Nations*, agora apagado dava liberdade a cada nação decidir particularmente o curso de sua própria história.

---

<sup>145</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., pp. 2228, 2232 e 2236.

<sup>146</sup> *ibid.*, p. 2292.

No entanto, ainda desconfiados do poderio bélico e militar dos rebeldes para realizar uma guerra, alguns iroqueses buscaram mais uma vez se informar e, em janeiro de 1777, alguns comissários, dentre eles, *sachems* e guerreiros, foram visitar o exército de George Washington que estava acampado em *New England* e ao norte de *New Jersey*. Era a oportunidade dos colonos de impressionar e finalmente garantir o apoio de alguma nação indígena à causa rebelde, quase um ano após a visita anterior. No caso dos oneidas, esses tiveram uma impressão favorável, ainda mais quando Philip Schuyler e George Washington confirmaram os rumores de que os franceses iriam auxiliar os rebeldes.<sup>147</sup> Os líderes oneidas ainda visitaram *Boston* e *Rhode Island* e assim, puderam perceber que o movimento dos rebeldes estava relativamente organizado, além de não estar desamparado e muito menos perdido, sendo que tais concepções derivavam de afirmações *tories* para desencorajar o movimento a favor da Independência Estadunidense.

No início de julho, o sentido da neutralidade estava se esmorecendo também entre os senecas, verificado pelo desinteresse em aceitar o convite de Philip Schuyler em comparecer em um conselho em Albany. E o que se confirmou, em meados de julho, quando John Butler encontrou-se com os senecas e revelou suas verdadeiras intenções contra os rebeldes. Além de os assediar com presentes, os argumentos do oficial inglês se basearam em lembrar as invasões de terras pelos colonos, assim como, a inaptidão delas em manter negociações comerciais significativas com os iroqueses. Em razão dos argumentos apresentados por Butler, enfim, os líderes senecas convenceram-se de que o mais vantajoso para eles seria se engajar na campanha ao lado

---

<sup>147</sup> Quando Philip Schuyler e principalmente George Washington suggestionaram que os franceses poderiam participar da guerra contra os ingleses, os colonos estavam se aproveitando para também explorar antigas alianças, especialmente no caso dos senecas, aliados dos franceses nas guerras anteriores. *ibid*, pp. 2274, 2280.

da Coroa Britânica. Assim, John Butler havia conseguido reunir a maioria dos cayugas e dos senecas, metade dos onondagas, e ainda alguns tuscaroras e poucos oneidas.

The other Iroquois, like most native North Americans, eventually became allies of the Crown. The Crown had several advantages over the rebellious colonies. Their economic strength meant they could continue the practice of giving presents and could support warriors in the field and their families at home. The experienced Indian Department was able to use knowledge of native cultures and social networks built up over decades to deal with native politics. Probably most important was the fact that the Crown represented a barrier to expansion into native lands, or at least the orderly regulation of that expansion.<sup>148</sup>

### 3.5 Do cerco ao *Fort Stanwix* a Batalha de Oriskany

Han Yerry era filho de mãe mohawk e pai alemão, foi chefe guerreiro do clã lobo e prosperou numa grande fazenda em Oriska, se tornando um dos mais ricos oneidas de seu tempo. Apesar de ter florescido economicamente sob o governo e as regras britânicas, como os outros residentes dessa aldeia, Han Yerry era ressentido com William Johnson e seu governo sobretudo por suas ações na negociação do *Treaty of Fort Stanwix* em 1768. Pois, a partir desta negociação, o superintendente demonstrava seu interesse na região oriental do território oneida para futuros assentamentos, assim, incluindo os territórios onde encontram-se não somente o *Fort Stanwix*, como também Oriska. Mesmo com a recusa por parte de Oneida em ceder essa região, Willian Johnson os coagiu, fazendo com que o futuro do povo de Oriska estivesse nas mãos da Coroa e do governo britânico. Indignado com a falta de respeito, o povo de Oriska decidiu se juntar aos rebeldes *Whigs*. Assim, sob liderança de Han Yerry, os oneidas residentes em Oriska decidiram lutar contra as forças do coronel Barry St. Leger para resistir às invasões britânicas. Para isso, recorreram a ajuda do regimento continental e do novo comandante do *Fort Schuyler*, o coronel Peter Gansevoort (substituto de Samuel

---

<sup>148</sup> ABLER, op.cit., p. 171.

Elmore, que por sua vez, estava no lugar de Philip Schuyler) que deu continuidade a política de Philip Schuyler ao buscar manter os laços com os oneidas e o processo de reformas do *Fort Schuyler* devido a ataques sofridos em seu entorno.

Os oneidas encontravam-se em um dilema: se escolhessem um lado para lutar, sofreriam represálias do outro lado; se permanecessem neutros, eles teriam que resistir sozinhos a possibilidades de invasões de seus territórios tanto por parte dos colonos como da Coroa Britânica. Além disso, essa opção era encarada como uma afronta e humilhação para os guerreiros que desejavam lutar.<sup>149</sup> Assim, os líderes dos guerreiros oneidas escrevem uma carta de apoio a Peter Gansevoort e estreitaram ainda mais os seus laços com os rebeldes. Desta forma, alguns guerreiros se juntaram voluntariamente aos patriotas exercendo funções variadas como espíões, mensageiros e sentinelas.

Devido à alta adesão de colonos ao movimento de independência principalmente em *New England*, em dezembro de 1776, Lord George Germain, o secretário de Estado britânico e então principal responsável pela gestão da guerra nas Treze Colônias se encontrou com o general John Burgoyne. Eles decidiram tentar pôr em prática, mais uma vez, o plano que o General Guy Carleton havia tentado naquele mesmo ano: concentrar seus esforços de cooperação nas regiões sul e central da América do Norte e isolar *New England* das outras colônias rebeldes a partir de invasões à *Québec* e *New York*. Com isso, eles contaram com a ajuda de seus principais generais no continente: William Howe e o próprio idealizador do plano, Guy Carleton.

Ainda que a maioria do exército de Burgoyne já estivesse em *Québec* desde 1776, foi só no ano seguinte que ele pôde dar início a sua expedição. Suas tropas contavam não somente com britânicos regulares, como também incluíam vários regimentos dos principados alemães e aguardavam uma grande participação de seus

---

<sup>149</sup> A covardia diante de uma batalha era vista para os guerreiros como motivo de desonra em razão dos seus antepassados que lutaram ao longo de gerações para estabelecerem as terras que eles residiam, assim como, em respeito aos espíritos oneidas que ali também habitavam.

antigos aliados indígenas da Guerra dos Sete Anos, o que veio a se concretizar em *Montréal*.<sup>150</sup>

Por outro lado, George Washington tinha como seus pilares militares os generais que compunham o Departamento Norte do Exército Continental: Horatio Gates e Philip Schuyler. Este último decidiu se defender contra os movimentos britânicos a partir de abril de 1777 quando enviou um regimento sob o comando do coronel Peter Gansevoort para reativar o *Fort Stanwix* localizado no *Mohawk Valley*.

Este forte foi construído pelos britânicos entre os anos de 1758 a 1762 com o objetivo de guardar uma passagem estratégica (*Oneida Carrying Place*) entre o *Mohawk River* e o *Wood Creek* durante a Guerra Franco-Indígena. Ao longo dos anos que se sucederam o forte caiu em desuso e foi abandonado em 1768, vindo a ser reconstruído e reocupado com a Guerra de Independência Estadunidense em 1776 com o nome de *Fort Schuyler*.

Em junho de 1777, o exército britânico sob o comando do general John Burgoyne e o tenente-coronel Barry St. Leger, lançaram um ataque conjunto a partir de duas frentes, respectivamente: uma ao sul, através do Lago Champlain e a outra destinada a descer o *Mohawk River*. Com isso, o objetivo britânico era controlar o *Hudson River* e assim dividir *New England*, a colônia baluarte do movimento de Independência.

Em vista disso, os britânicos começaram a investir contra o *Fort Stanwix*. Primeiramente, tentaram intimidar os ocupantes do forte desfilando suas tropas e posteriormente St. Leger ofereceu várias oportunidades, tentando fazer com que a guarnição se rendesse em face do extermínio. Com a negação de suas investidas, o

---

<sup>150</sup> KETCHUM, Richard M. *Saratoga: Turning Point of America's Revolutionary War*. New York: Henry Holt, 1997, p. 11.

coronel St. Leger decidiu iniciar as operações de cerco ao *Fort Stanwix* em 2 de Agosto de 1777 e depois de quatro dias a Batalha de Oriskany teve início.

Desde o início do cerco ao forte, uma força miliciana de *Tryon County* foi expedida em auxílio a fortificação. No entanto, a alguns quilômetros dali, a milícia então sob o comando do general Nicholas Herkimer foi frustrada ao ser surpreendida em uma emboscada por um destacamento das forças de St. Leger, próximo a aldeia de Oriskany. Neste ataque Herkimer foi ferido, mas continuou dando orientações para os milicianos sob seu comando até seu posterior falecimento.

O *Fort Stanwix* finalmente se reergueu quando as forças de ajuda do general Benedict Arnold se aproximaram. Os colonos rebeldes aproveitaram que, dentre os capturados, estava Hon Yost Schuyler, então parente distante de Philip Schuyler, mas que compunha o exército legalista. E, assim decidiram soltá-lo sob a condição de que quando chegasse no acampamento de Barry St. Leger, alegasse que conseguiu escapar, mas, principalmente, intimidasse os britânicos ao fomentar rumores de que as forças rebeldes que estavam a caminho eram muito maiores do que eles supunham.

Tal estratégia surtiu efeito e em 22 de agosto, o general Barry St. Leger e seus homens recuaram e “a campanha entrou em colapso tendo a antes disciplina dado lugar ao pânico”.<sup>151</sup> Muitos índios abandonaram o acampamento e britânicos desertores procuraram asilo justamente em *Fort Schuyler*, confirmando a evacuação dos acampamentos legalistas para Gasenvoort que, mesmo desconfiado de início, acabou mandando esquadras apanharem os equipamentos abandonados, assim como, capturarem os inimigos retardatários.<sup>152</sup> Com isso, Benedict Arnold despachou forças militares contra Barry St. Leger afim de perseguir os inimigos, mas, enquanto ia

---

<sup>151</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., p. 3014.

<sup>152</sup> *ibid.*, pp. 3014, 3021, 3108.

avançando com sua tropa, encontrava apenas vestígios deixados pelas tropas britânicas, pois seus líderes já estavam distantes.

Após a Batalha de Oriskany, em razão de sua dedicação, os oneidas alcançaram grande prestígio entre os rebeldes.<sup>153</sup> O próprio general Benedict Arnold que anteriormente foi acusado de preconceito por parte de um líder oneida, declarou: “The Oneidas and Tuscaroras have been exceedingly friendly to us in the present dispute”<sup>154</sup> E, apesar do Reino Unido ser considerado o vitorioso nessa batalha, o resultado foi um dos mais sangrentos durante o processo de Independência Estadunidense. Em razão disso, os britânicos tiveram que enfrentar um forte descontentamento dos iroqueses que tiveram não somente suas terras saqueadas, mas, sobretudo, por ter custado a vida de muitos dos seus conterrâneos. Um grupo de iroqueses, indignados com a participação dos oneidas junto aos rebeldes, atacou e destruiu Oriska, fazendo com que a revolta dos oneidas aumentasse contra os seus antigos irmãos iroqueses.

### 3.6 A Batalha de Saratoga

A Campanha de Saratoga em 1777 deu prosseguimento à estratégia militar britânica de isolar *New England*, o berço do movimento de independência, do resto dos estados rebeldes, dividindo as Treze Colônias através de três regimentos oriundos de caminhos distintos com destino a Albany, *New York*: Barry St. Leger, seguindo o *Mohawk River* para o leste; William Howe, pelo controle do *Hudson River* em direção ao norte e; John Burgoyne, através do domínio do Lago Champlain (rota marítima do Canadá para a parte superior de *New York* e do *Hudson River*).<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup> *ibid.*, p. 3147.

<sup>154</sup> *ibid.*, p. 3026.

<sup>155</sup> KETCHUM, *op. cit.*, pp. 82, 84, 85, 335, 348; GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. pp. 2393, 2399.

De acordo com o plano britânico de invasão a América do Norte, John Burgoyne conduziu sua tropa em direção ao sul do Lago Champlain. No entanto, logo foi cercado por forças americanas ainda no dia 19 de setembro em *Freeman's Farm* no norte de *New York*, mais precisamente em *Saratoga*. Apesar dessa batalha ter sido vencida pelos britânicos, o custo, mais uma vez, havia sido alto devido a quantidade de mortos e feridos. Além disso, John Burgoyne teve que lidar com outros problemas que vieram a afligir sua tropa ao longo da expedição, como a carência de suprimentos básicos e as deserções, além do crescimento substancial do exército rebelde, tornando a situação legalista ainda mais crítica.<sup>156</sup>

A batalha de Saratoga teve seu capítulo final após dezoito dias de intervalo, no que ficou conhecida como a Batalha de Bemis Heights, local aonde os generais Horatio Gates e Benedict Arnold construíram uma linha de defesa. John Burgoyne decidiu atacar os americanos em 7 de outubro, mas rapidamente, se viu obrigado a recuar com suas forças para as posições que ocuparam antes mesmo da batalha em *Freeman's Farm*. Com o tempo, parte do exército britânico foi cercado e capturado por uma força militar rebelde muito maior do que havia suposto Burgoyne que capitulou dez dias depois.

Glatthar e Martin relatam que as próprias premissas britânicas acerca da selvageria nativa se tornaram uma importante arma rebelde utilizada em larga escala pelos índios oneidas que exploravam o medo nos prisioneiros britânicos, os ameaçando fisicamente para assim obter informações sobre possíveis ações do exército de John Burgoyne.<sup>157</sup>

O reconhecimento por parte das instituições governamentais coloniais em relação aos esforços empreendidos, mais uma vez, pelos oneidas, foi expresso em comprometimento na defesa da nação indígena, a exemplo do *Continental Congress*

---

<sup>156</sup> KETCHUM, op. cit., pp. 380-381; NICKERSON, Hoffman. *The Turning Point of the Revolution, or, Burgoyne in America*. Port Washington, NY: Kennikat Press, 1967, p. 327.

<sup>157</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby, op. cit., pp. 3121, 3128.

que se expressou da seguinte maneira: “we shall protect you; and shall at all times consider your welfare as our own” como do *New York Council of Safety*: “That the Oneida nation are the allies of this State, and that we shall consider any attack upon them as an attack upon our own people.”<sup>158</sup>

Em 4 de Dezembro de 1777, a notícia de que a campanha de John Burgoyne tinha fracassado e ele se rendido foi fundamental para os rebeldes em sua guerra, alcançando Benjamin Franklin que estava em Versalhes, buscando alianças diplomáticas formais com a França. Enfim, o rei Louis XVI, vislumbrando uma possível revanche pela Guerra Franco-Indígena, assinou no dia 6 de fevereiro de 1778 o *Franco-American Treaty*.<sup>159</sup> Neste documento, o monarca francês declarava a entrada oficial de seu país como aliado dos colonos rebeldes na guerra, os auxiliando através do fornecimento de suprimentos, munições, armas e envio de soldados às Treze Colônias em prol de sua independência e simultaneamente declarando guerra contra o seu tradicional inimigo, o Reino Unido. Mais tarde, a Espanha, então aliada da França, também decidiu entrar na guerra a partir do *Treaty of Aranjuez* (1779).

### 3.7 Conclusão

A nação Oneida foi uma das últimas a abdicar da ideia de neutralidade buscando não fragmentar a Confederação Iroquesa e manter viva a ideia original de Deganawidah. Concomitantemente, tanto ela como as outras nações componentes da confederação foram desenvolvendo, em paralelo, profundos laços com os euroamericanos,

---

<sup>158</sup> *ibid.*, pp. 3250, 3257.

<sup>159</sup> Desde o fim da Guerra dos Sete Anos, o ministro das relações exteriores da França, Étienne François de Choiseul já concebia a ideia de independência das colônias inglesas na América do Norte. Assim, quando a guerra de Independência das Treze Colônias teve início em 1775, a França apoiou secretamente as colônias britânicas. Foi somente após a vitória na Batalha de Saratoga que Charles Gravier, o conde de Vergennes, então ministro das relações exteriores francês na época, juntamente com o rei Louis XVI se convenceram e acharam viável declarar formalmente a participação francesa a causa rebelde dos colonos norte-americanos. NICKERSON, *op. cit.* pp. 65-66.

principalmente no que dizia respeito as questões religiosas e comerciais. Esses vínculos se tornaram evidentes e ainda mais fortalecidos a medida que ia se aproximando o processo de Independência Estadunidense.

Somado a isso, crises internas, sobretudo em relação aos chefes guerreiros questionarem a liderança tradicional dos *sachems*, fez com que cada nação componente da Confederação Iroquesa toma-se um rumo diferente em relação a guerra das Treze Colônias com sua metrópole. A maioria delas, percebendo as melhores condições de subsidiar e recompensar seus esforços, ia se voltando ao seu aliado tradicional: o Reino Unido. E, com isso, a posição de neutralidade de Oneida e de Tuscarora foi se tornando gradativamente insustentável em se manter. Quando George Washington percebeu que o Exército Continental estava em desvantagem em questões de alianças com os nativos, tratou, principalmente através do general Philip Schuyler, de mudar sua política com os povos indígenas, os convidando a conhecer, de fato, as forças militares dos colonos rebeldes e seus líderes.

A fins de não ficarem a mercê de invasões ao seu território e ataques a seu povo, os oneidas se convenceram que o melhor a se fazer, naquele momento, era aliançar-se junto as Treze Colônias, o que fez com que participassem em campanhas como a defesa do *Fort Stanwix* e as Batalhas de Oriskany e de Saratoga. A participação efetiva dos oneidas no período das guerras da Independência Estadunidense se deu a partir do exercício de uma série de atividades como: sentinelas, mensageiros, guias, intérpretes, informantes, espiões e representantes diplomáticos. Sendo seus esforços reconhecidos pelo *Continental Congress* ao atender as várias exigências da nação Oneida após esta primeira fase de envolvimento no processo, ainda que as questões relacionadas as invasões de terras oneidas estivessem muito distantes de terminar.

## CONCLUSÃO

Desde o início da colonização na América do Norte, tanto europeus como nativos rapidamente perceberam a necessidade de se construir e desenvolver alianças uns com os outros, no intuito de sobreviver, e de fazer perpetuar suas respectivas sociedades e culturas frente à nova dinâmica de mundo vigente.

As primeiras tentativas de negociações entre iroqueses e euroamericanos evoluíram, gradualmente, para complexas redes de comércio. Os guerreiros compunham um grupo de nativos que mais interagiu com os colonos e os britânicos.<sup>160</sup> A atitude costumeira dos líderes políticos euroamericanos em distribuírem presentes em troca de promessas de amizade, aliança e paz, fez com que os *sachems* os vissem com certo receio.<sup>161</sup>

O contato através de negócios com os euroamericanos foi uma das principais características para o aumento das ideias e valores europeus dentro de Iroquoia, principalmente por parte de seus guerreiros.<sup>162</sup> Eles começaram a ficar divididos entre os seus interesses pessoais e as necessidades de suas respectivas nações.<sup>163</sup> Ou seja, a concepção de coletividade por parte dos guerreiros foi sendo substituída pela noção de aquisição pessoal e pelo direito de propriedade.<sup>164</sup> Com o tempo, os guerreiros ascenderam socioeconomicamente e passaram a questionar a autoridade dos *sachems* e das *matrons*, vislumbrando eles próprios postos de liderança entre os oneidas.<sup>165</sup>

Além disso, o processo de missionação, foi essencial para que os sentimentos e mentes do povo oneida se refletissem no tratamento de profunda consideração dada ao

---

<sup>160</sup> GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. op. cit., p. 883.

<sup>161</sup> *ibid.*, p. 888.

<sup>162</sup> *ibid.*, pp. 775, 780.

<sup>163</sup> *ibid.*, p. 600.

<sup>164</sup> *ibid.*, p. 800.

<sup>165</sup> *ibid.*, p. 775.

presbítero Samuel Kirkland. O missionário foi um representante não somente religioso, mas também político, na medida em que abriu um canal para os índios oneidas se aproximarem ainda mais dos colonos rebeldes durante o processo de Independência Estadunidense.

Em um primeiro momento, por nutrirem um sentimento anti-europeu, os *sachems* rejeitaram a fé católica.<sup>166</sup> Enquanto que, os guerreiros, por outro lado, procuraram se afastar das crenças tradicionais iroquesas que sustentavam os líderes tradicionais e assim ameaçavam o seu prestígio social alcançado até então e sua influência governamental.<sup>167</sup> A fim de conquistar adeptos dentre os *sachems*, Samuel Kirkland pregou uma nova vertente presbiteriana, onde o cristianismo sustentou parte do âmago das crenças e práticas oneidas tradicionais.<sup>168</sup>

Contudo, o desentendimento entre chefes guerreiros e *sachems* se tornou evidente. A questão ficou insustentável, quando os *sachems* passaram a considerar os guerreiros, cada vez mais, como inimigos do que como contribuidores, fazendo com que alguns destes migrassem para Oquaga em 1750.<sup>169</sup> Já outros guerreiros, na década seguinte, decidiram formar outra aldeia: Kanonwalohale.<sup>170</sup>

Ao fundarem Kanonwalohale, os guerreiros decidiram negligenciar alguns de seus valores tradicionais.<sup>171</sup> E, com isso, abriram oportunidades para a abordagem de vários conceitos europeus entre os nativos, com o objetivo de remodelar novas interpretações socioculturais fundamentais entre os oneidas.<sup>172</sup> Rapidamente os oneidas

---

<sup>166</sup> *ibid.*, p. 898.

<sup>167</sup> *ibid.*, pp. 1016, 1022.

<sup>168</sup> *ibid.*, p. 984.

<sup>169</sup> *ibid.*, p. 898

<sup>170</sup> *ibid.*, p. 903

<sup>171</sup> *ibid.*, p. 984

<sup>172</sup> *ibid.*, p. 945

de Kanonwalohale se tornaram adeptos da mensagem do missionário Samuel Kirkland.<sup>173</sup>

Ao contrário de Kanonwalohale e das outras aldeias oneidas, grande parte dos residentes em Old Oneida eram conservadores e por isso, encorajavam seus irmãos indígenas a rejeitarem tudo que fosse de origem euroamericana. No entanto, parte dos seus habitantes concomitantemente também já haviam desenvolvido um comércio sólido e até mesmo laços pessoais com alguns comerciantes coloniais, fazendo com que a maioria deles, mais tarde, viessem a aderir à causa rebelde.<sup>174</sup>

Apesar da guerra de Independência Estadunidense, os oneidas, em um primeiro momento, preferiram se manter neutros diante dos acontecimentos. Para isso, se basearam na decisão tomada pelos “sábios da nação”, ou seja, os seus líderes mais velhos (*matrons, sachems* e chefes guerreiros).<sup>175</sup>

No entanto, flagrantes de violações da neutralidade iroquesa por parte de alguns guerreiros culminou na convocação de um novo conselho. O problema da manutenção da paz foi comprovado a partir das atitudes precipitadas de alguns deles, principalmente os mais novos que não se sentiam vinculados ao compromisso determinado pelos mais velhos e estavam ansiosos para participar de batalhas e mostrar serem valorosos a sua nação.<sup>176</sup> Assim sendo, ainda que a nação Oneida tentasse evitar atos provocativos quanto à neutralidade, comportamentos constantes de um grupo mais novo de guerreiros a manteve constantemente próxima ao conflito entre britânicos e rebeldes.<sup>177</sup>

Considerado o primeiro sachem de Oneida e um dos mais influentes indígenas para a causa rebelde, Grasshopper fez uma análise sofisticada acerca do contexto de adesão dos oneidas, onde atribuiu a entrada de sua nação na guerra de Independência

---

<sup>173</sup> *ibid.*, pp. 955, 966.

<sup>174</sup> *ibid.*, p. 1475.

<sup>175</sup> *ibid.*, p. 2381.

<sup>176</sup> *ibid.*, p. 2063.

<sup>177</sup> *ibid.*, p. 2223.

Estadunidense justamente a esse ímpeto e precipitação dos guerreiros mais jovens que não esperaram, como era de costume, a decisão final dos *sachems*. Assim, Grasshopper repreendeu e lamentou como esses guerreiros em tempos de guerra, desrespeitaram os conselhos dos mais velhos, refletindo diretamente a longa luta pelo poder entre os líderes civis tradicionais e os chefes guerreiros em Oneida.<sup>178</sup>

Apesar de concordar com a iniciativa na decisão dos guerreiros oneidas em se alinhar com os rebeldes, Grasshopper acreditava que, durante o sentimento de fúria do combate, eles deixariam de lado a necessidade do seu povo de um julgamento racional principalmente por parte dos *sachems* e das *matrons*. Ele acreditava que os guerreiros haviam perdido a noção de sabedoria coletiva, algo que o *sachems* haviam alcançado através de décadas de experiência e auxílio das *matrons*.<sup>179</sup>

De acordo com essa interpretação de Grasshopper, a impaciência não somente se aplicava aos guerreiros oneidas, mas se estendia a todos os guerreiros iroqueses ao renunciar a neutralidade. E com isso, limitou as *Six Nations* a um conjunto de opções desastrosas como: divisões, guerras, destruição, dependências, entre outros. Os jovens guerreiros haviam se colocado acima do bem-estar de seus semelhantes, fazendo com que a unidade entre os iroqueses fosse dissolvida.

Afinal, foi buscando a paz, a neutralidade e a união entre os povos indígenas que a Confederação Iroquesa havia sido construída e, portanto, para Grasshopper, esta concepção serviria melhor ao interesse dos próprios iroqueses em uma política a longo prazo de auto-preservação.<sup>180</sup>

---

<sup>178</sup> *ibid.*, pp. 3316, 3321.

<sup>179</sup> *ibid.*, p. 3321.

<sup>180</sup> *ibid.*, pp. 3327, 3332

## REFERÊNCIAS

ABLER, Thomas S. "Beaver and Muskets: Iroquois Military Fortunes in the Face of European Colonization". In: *War in the Tribal Zone: Expanding States and Indigenous Warfare*, ed. FERGUSON, R. Brian; WHITEHEAD, Neil L. (ed.). Santa Fe, NM: School of American Research Press, 1992, pp. 151-174.

ALDEN, John Richard. *The American Revolution, 1775-1783*. New York: Harper & Brothers, 1954.

ALLEN, Hope Emily; WONDERLEY, Anthony Wayne. *Oneida Iroquois Folklore, Myth, And History: New York Oral Narrative From The Notes Of H.E. Allen And Others*. Syracuse: Syracuse University Press, 2004.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. "História e antropologia". In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*: Rio de Janeiro: Campus, 2011, pp. 151-168.

ANDERSON, Fred. *Crucible of War: The Seven Years' War and the Fate of Empire in British North America, 1754-1766*. London: Faber and Faber, 2000.

ANDREWS, Edward E. *Native Apostles: Black and Indian Missionaries in the British Atlantic World*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

APTHEKER, Herbert. *Uma nova história dos Estados Unidos: a revolução americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ARENDDT, Hannah. *Da revolução*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

AXTELL, James. "The indian impact on english Colonial Culture". In: *Natives and Newcomers: The Cultural Origins of North America*. New York, NY: Oxford University Press, 2001, pp.309-336.

\_\_\_\_\_. *The Invasion Within: The Contest of Cultures in Colonial North America*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1985, pp. 277-286.

BANCROFT, George. *History of the United States of America, from the discovery of the American continent*. 10 vols. Boston: Little, Brown, and company, 1834-78. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Bancroft%2C+George%2C+1800-1891%22%22History+of+the+United+States+of+America+from+the+discovery+of+the+continent%22&page=2>. Acesso em: 1 jul. 2015.

BARTH, Fredrik. "Grupos étnicos e suas fronteiras". In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

BAYLIN, Bernard. *As origens ideológicas da revolução americana*. Bauru, SP: edusc, 2003.

BEARD, Charles Austin; BEARD, Mary Ritter. *The Rise of American Civilization*. New York: The Macmillan Company, 1927.

BEAUCHAMP, William Martin. *A History of the New York Iroquois*. Albany: New York State Museum, Bulletin 78, 1905.

\_\_\_\_\_. "Aboriginal Use of Wood in New York". In. *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v. 89, 1905. Disponível em: <https://archive.org/details/aboriginalusewo00beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Bishop A. G. Spangenberg's Journal of a Journey to Onandaga in 1745". In. *Moravian Journals Relating to Central New York 1745-66*. Syracuse, NY: Dehler Press, 1916, p. 7. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924007641966>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Civil, Religious and Mourning Councils and Ceremonies of Adoption of the New York Indians". In. *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v.113, 1907. Disponível em: <https://archive.org/details/civilreligiousa01beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Iroquois Folk Lore, Gathered From the Six Nations of New York*. Syracuse, N.Y.: The Dehler Press, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoisfolklore00beau>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Iroquois Women". In. *The Journal of American Folklore*, v. 13, n. 49 (Apr. - Jun.), 1900, pp. 81-91. Disponível em: [http://www.jstor.org/stable/533798?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/533798?seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Metallic Ornaments of the New York Indians*. Albany: University of the state of New York, 1903. Disponível em: <https://archive.org/details/metallicornamen00beaugoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Wampum and Shell Articles Used by the New York Indians". In. *Bulletin of the New York State Museum*. Albany, NY: University of the State of New York, v. 8, n. 41 (Feb.), 1901, p. 412.

BECKER, Carl Lotus. *The History of Political Parties in the Province of New York, 1760-1776*. Madison, WI: University of Wisconsin, 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/historypolitica05beckgoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

BELTRÁN, Gonzalo Aguirre. *El Proceso de Aculturación*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Dirección General de Publicaciones, 1957.

BLOOMFIELD, J. K. *The Oneidas*. New York: Alden Brothers. 1907.

BOAS, Franz. “As limitações do método comparativo da antropologia”. In: *Antropologia Cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 25-39.

\_\_\_\_\_. “Os princípios da classificação etnológica”. In: *A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Org e intr. George W. A. Stocking Jr. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora UFRJ, 2004, p. 91.

BOCCARA, Guillaume. “Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo, Nuevo Mundo Mundos Nuevos”, *Debates*, 08 febrero 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/426>.

BOORSTIN, Daniel Joseph. *The Americans: The Colonial Experience*. New York: Vintage Books, 1958.

BRAUDEL, Fernand Paul Achille. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. Paris: Armand Colin, 1949.

BURKE, Peter. “The Moment of Historical Anthropology” In: *What is Cultural History*. Cambridge, Polity Press, 2004, pp. 31-47.

BUSHNELL, Amy Turner; GREENE, Jack P. “Peripheries, Centers, and the Construction of Early Modern American Empires: An Introduction”. In: DANIELS, Christine; KENNEDY, Michael V. (ed.). *Negotiated Empires: Centers and Peripheries in the Americas, 1500-1820*. New York and London: Routledge, 2002, p. 5.

CALLOWAY, Colin G. “The American Revolution in Indian Country: Crisis and Diversity”. In: *Native American Communities*. New York, NY: Cambridge University Press, 1995.

CAMPISI, Jack. *Ethnic Identity and Boundary Maintenance in Three Oneida Communities*. State University of New York at Albany, 1974, p. 67.

\_\_\_\_\_; HAUPTMAN, Laurence M. (eds.). *The Oneida Indian Experience: Two Perspectives*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1988.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. “Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa”. In: *História*, Franca, São Paulo v. 30, n. 1, p. 349-371, Janeiro-Junho 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742011000100017#1b](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742011000100017#1b). Acesso em: 1 jul. 2015.

COLDEN, Cadwallader. *The History of the Five Indian Nations Depending on the Province of New-York in America*. Ithaca, NY: Great Seal Books, 1866, p. 10. Disponível em: <https://archive.org/details/historyoffiveind07cold>. Acesso em: 1 jul. 2015.

COOPER, Susan Fenimore. “Missions to the Oneidas”. In: *The Living Church*, n.1-n.15, April 11, 1885-June 5, 1886. Disponível em: <http://anglicanhistory.org/indigenous/oneida/cooper/>.

COUNTRYMAN, Edward. *A People in Revolution: The American Revolution and Political Society in New York, 1760-1790*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1981.

CUSICK, David. *Sketches of Ancient History of the Six Nations*. Bristol, PA: Evolution Pub., 2004.

DAVIS, Andrew M. "The Indians and the Border Warfare of the Revolution". In. *Narrative and Critical History of America*, vol. VI. Ed. WINSOR, Justin. Boston: Houghton, Mifflin and Company, 1888.

DELORIA, Philip Joseph. *Playing Indian*. New Haven & London: Yale University Press, 1998.

DEXTER, Franklin Bowditch. *Biographical Sketches of the Graduates of Yale College*, New York, NY: Yale University, 1885. Disponível em: <http://archive.org/details/biogskeetchgrad01dextuoft>.

EMBER, Carol R.; EMBER, Melvin (eds.). *Encyclopedia of Medical Anthropology: Health and Illness in the World's Cultures*. New York, NE: Springer Science+Business Media, 2004. p. 745.

FENTON, William Nelson. "Contacts between Iroquois herbalism and colonial medicine". In. *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution*. Washington: United States Government Printing Office, 1941, pp. 503-526. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/33470#page/9/mode/1up>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Iroquois studies at the mid-century*. Philadelphia: American Philosophical Society, 1951, pp. 45.

\_\_\_\_\_. *The False Faces of the Iroquois*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1987;

\_\_\_\_\_. *The Great Law and the Longhouse: A Political History of the Iroquois Confederacy*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1998.

\_\_\_\_\_. *The Iroquois Eagle Dance: an offshoot of the Calumet Dance*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 1953. Disponível em: <https://repository.si.edu/handle/10088/15451>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *The Little Water Medicine Society of the Seneca*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Songs from the Iroquois Longhouse: Program Notes for an Album of American Indian Music from the Eastern Woodlands*. Washington: Smithsonian Institution, 1942. Disponível em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015009434658;view=1up;seq=3>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_ ; MOORE, Elizabeth. *Introduction to Customs of the American Indians compared with the customs of primitive times by Joseph-François Lafitau*. Toronto: Champlain Society, 1974.

FISHER, Linford D. *The Indian Great Awakening: Religion and the Shaping of Native Cultures in Early America*. New York, NY: Oxford University Press, 2012.

FISKE, John. *The American Revolution*. 2 vols. Boston and New York: Houghton Mifflin Company, 1891. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22John%20Fiske%22%22the%20american%20revolution%22>; Acesso em: 1 jul. 2015.

FITZ, Caitlin A. ““Suspected on Both Sides”: Little Abraham, Iroquois Neutrality, and the American Revolution”. In. *Journal of the Early Republic* v. 28, n. 3, 2008, pp. 299-335.

FLICK, Alexander R. *The Papers of Sir William Johnson*. Albany, NY: University of the State of New York, 1925.

GALLOWAY, Joseph. *Historical and Political Reflections on the Rise and Progress of the American Rebellion*. London: G. Wilkie, 1780. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=cHxbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=cHxbAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

GEIER, Philip Otto. *A Peculiar Status, a History of the Oneida Indian Treaties and Claims: Jurisdictional Conflict Within the American Government, 1775-1920*. Ann Arbor, MI: University Microfilms International, 1995.

GIBSON, Alan Ray. *Interpreting the founding: guide to the enduring debates over the origins and foundations of the American republic*. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 2006.

GLATTHAAR, Joseph T.; MARTIN, James Kirby. *Forgotten Allies: The Oneida Indians and the American Revolution*. New York, NY: Hill & Wang, 2006.

GODECHOT, Jacques Léon. *As revoluções: 1770-1799*. São Paulo: Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. *Histoire de l'Atlantique*. Paris: Bordas, 1947.

\_\_\_\_\_ ; PALMER, Robert Roswell. “Le problème de l’Atlantique du XVIIIème siècle”. In: International Congress of Historical Sciences. Florence: *Relazioni*, 5, 1955, pp. 173-239.

GOULD, Dudley C. *Blacks, Indians & Women in America's War for Independence*. Southfarm Press, 2006.

GORDON, William. *The History of the Rise, Progress, and Establishment, of the Independence of the United States of America: Including an Account of the Late War; and of the Thirteen Colonies, from Their Origin to that Period*. 4 vols. New York:

Printed for the author, 1788. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=SVosv-IF4cAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=SVosv-IF4cAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

GRAYMONT, Barbara. *The Iroquois in the American Revolution*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1972.

GREENE, Jack P. “Reformulando a identidade inglesa na América britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas”. In. Almanack Braziliense, v. 4, p. 1-10, 2006. Disponível em: [http://www.almanack.usp.br/almanack/PDFS/4/04\\_forum\\_1.pdf](http://www.almanack.usp.br/almanack/PDFS/4/04_forum_1.pdf). Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Identidades dos estados e identidade nacional à época da Revolução Americana. In. PAMPLONA, Marco A. e DOYLE, Don H.. *Nacionalismo no novo mundo - a formação de Estados Nação no século XIX*. Rio de Janeiro, Record, 2008.

GRINDE, Jr., Donald A. *The Iroquois and the Founding of the American Nation*. San Francisco, CA: Indian Historian Press, 1977.

\_\_\_\_\_; JOHANSEN, Bruce E. *Exemplar of Liberty: Native America and the Evolution of Democracy*. Los Angeles, CA: American Indian Studies Center, University of California, 1991.

GRUNDSET, Eric G. *Forgotten Patriots: African American and American Indian Patriots in the Revolutionary War: a Guide to Service, Sources and Studies*. Washington, DC: National Society Daughters of the American Revolution, 2008.

GUSDORF, Georges. *As revoluções da França e da América: a violência e a sabedoria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

HAGAN, William Thomas. *Longhouse Diplomacy and Frontier Warfare: The Iroquois Confederacy in the American Revolution*. Albany, NY: American Revolution Bicentennial Commission, 1976.

\_\_\_\_\_. “The New Indian History”. In. FIXICO, Donald L. (org.). *Rethinking American Indian History*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997, p. 27-42.

HALE, Horatio. *The Iroquois Book of Rites*. Philadelphia: D. G. Briton, 1883, p. 73. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoisbookofri00hale>. Acesso em: 1 jul. 2015.

HALSEY, Francis. *The Old New York Frontier*. Port Washington, NY: Ira J. Friedman, Inc, 1901, p. 78.

HAZARD, Samuel (ed). *Colonial Records of Pennsylvania: Minutes of the Provincial Colony of Pennsylvania*, v. 8, Harrisburg: Theo. Fenn & Co., 1852, p. 742. Disponível

em: <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433081827598;view=1up;seq=764>. Acesso em: 1 jul. 2015.

HEALE, M. J. *A revolução norte-americana*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

HEWITT, John Napoleon Brinton. *Iroquoian Cosmology*. Washington: Government Printing Office, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/iroquoiancosmolo00hewi>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Status of Women in Iroquois Polity Before 1784". In. *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution for the year ending*. June 30, 1932. (1933), pp. 475-488.

\_\_\_\_\_; FENTON, William Nelson Fenton. "Some mnemonic pictographs relating to the Iroquois condolence council". In. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, v. 35, n. 10, October 15, 1945, pp. 301-315. Disponível em: <https://archive.org/details/journalofwashin351945wash>. Acesso em: 1 jul. 2015.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pp. 201-208.

HOLTON, Woody. *Forced Founders: Indians, Debtors, Slaves, and the Making of the American Revolution in Virginia*. Chapel Hill, NC: Omohundro Institute of Early American History and Culture by the University of North Carolina Press, 1999.

HUTCHINSON, Thomas. *Strictures Upon the Declaration*. London: self-published, 1776. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org/pages/1776-hutchinson-strictures-upon-the-declaration-of-independence>. Acesso em: 1 jul. 2015.

JENNINGS, Francis. *The Ambiguous Iroquois Empire: the Covenant Chain Confederation of Indian Tribes with English Colonies from Its Beginnings to the Lancaster Treaty of 1744*. New York, NY: W. W. Norton and Company, 1984, p. 95.

\_\_\_\_\_. *The Invasion of America: Indians, Colonialism, and the Cant of Conquest*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1975.

JENSEN, Merrill Monroe. *The Articles of Confederation: An Interpretation of the Social-Constitutional History of the American Revolution, 1774-1781*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1940.

JOHANSEN, Bruce E. *Forgotten Founders: How the American Indian Helped Shape Democracy*. Harvard, MA: Harvard Common Press, 1992.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *4 de Julho de 1776: Independência dos Estados Unidos da América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Lazuli Editora, 2007.

KARNAL, Leandro. *Estados Unidos: a formação da nação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

KALTER, Susan. "Finding a Place for David Cusick in Native American Literary History". In. MELUS: The Journal of the Society for the Study of the Mutli-Ethnic Literature of the United States 27.3, Fall 2002, pp. 9-42.

KETCHUM, Richard M. *Saratoga: Turning Point of America's Revolutionary War*. New York: Henry Holt, 1997.

KUPPERMAN, Karen Ordahl. *The Atlantic in World History*. New York, NY: Oxford University Press, 2012, pp. 31-32.

LAFITAU, Joseph-François. *Moeurs des Sauvages Américains, Comparées aux Moeurs des Premiers Temps*. Paris: Chez Saugrain l'aîné ... : Charles Estienne Hochereau ..., 1724. Disponível em: <http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/h?intl/ascfrbib:@field%28NUMBER+@band%28rbfr+0013%29%29>. Acesso em: 1 jul. 2015.

LANDRY, Yves. Les filles du roi émigrées au Canada au XVIIe siècle, ou un exemple de choix du conjoint en situation de déséquilibre des sexes. In. *Histoire, économie et société*, Volume 11, 1992, pp. 197-216. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hes\\_0752-5702\\_1992\\_num\\_11\\_2\\_1632?luceneQuery=%2B%28authorId%3Apersee\\_273776+authorId%3A%22auteur+hes\\_291%22+authorId%3A%22auteur+adh\\_84%22%29&words=persee\\_273776&words=auteur%20hes\\_291&words=auteur%20adh\\_84#](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hes_0752-5702_1992_num_11_2_1632?luceneQuery=%2B%28authorId%3Apersee_273776+authorId%3A%22auteur+hes_291%22+authorId%3A%22auteur+adh_84%22%29&words=persee_273776&words=auteur%20hes_291&words=auteur%20adh_84#). Acesso em: 1 jul. 2015.

LENNOX, Herbert John. *Samuel Kirkland's Mission to the Iroquois*. Chicago, IL: University of Chicago Libraries, 1935.

LEVINSON, David. "An Explanation for the Oneida-Colonist Alliance in the American Revolution". In. *Ethnohistory* v. 23, n. 3, 1976, pp. 265–289.

LIMERICK, Patricia Nelson. *The Legacy of Conquest: The Unbroken Past of the American West*. New York: W. W. Norton. 1987.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A Hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LOSSING, Benson John. *The Life and Times of Philip Schuyler*, vol. I. New York: Sheldon & Company, 1873, p. 136, 179.

McLENNAN, John Ferguson. *Primitive Marriage: An Inquiry Into the Origin of the Form of Capture in Marriages Ceremonies*. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1865. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=1IJJAAAIAAJ&pg=PA46&lpg=PA46&dq=McLennan,+John+Ferguson.+Primitive+Marriage:+An+Inquiry+Into+the+Origin+of+the+Form+of+Capture+in+Marriages+Ceremonies%22&source=bl&ots=P8e7Gvsuoa&sig=0AdTJVtmSWP794JJq-xoSRazuaM&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CDwQ6AEwBW0VChMI77aN\\_vKIxgIVCUCMCh1V6wAg#v=onepage&q=McLennan%2C%20John%20Ferguson.%20Primitive%20Marriage%3A%20A](https://books.google.com.br/books?id=1IJJAAAIAAJ&pg=PA46&lpg=PA46&dq=McLennan,+John+Ferguson.+Primitive+Marriage:+An+Inquiry+Into+the+Origin+of+the+Form+of+Capture+in+Marriages+Ceremonies%22&source=bl&ots=P8e7Gvsuoa&sig=0AdTJVtmSWP794JJq-xoSRazuaM&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CDwQ6AEwBW0VChMI77aN_vKIxgIVCUCMCh1V6wAg#v=onepage&q=McLennan%2C%20John%20Ferguson.%20Primitive%20Marriage%3A%20A)

[n%20Inquiry%20Into%20the%20Origin%20of%20the%20Form%20of%20Capture%20in%20Marriages%20Ceremonies%22&f=false](#). Acesso em: 1 jul. 2015.

MERRELL, James H. "Some Thoughts on Colonial Historians and American Indians". *The William and Mary Quaterly*, v.1, 1989.

MINTZ, Max M. *Seeds of Empire: The American Revolutionary Conquest of the Iroquois*. New York and London: New York University Press, 1999.

MITRANO, James Gregory. *Samuel Kirkland's Mission to the Oneidas, 1766-1808*. Bethlehem, PA: Lehigh University, 1993. Disponível em: <http://preserve.lehigh.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1244&context=etd>. Acesso em: 1 jul. 2015.

MOHR, Walter. *Federal Indian Relations, 1774-1788*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1933.

MORGAN, Edmund Sears. *The American Revolution: A Review of Changing Interpretations*. Washington: Service Center for Teachers of History, 1958.

MORGAN, Gwenda. *The Debate on the American Revolution*. Manchester: Manchester University Press, 2007.

MORGAN; Lewis Henry. *Ancient Society: Or, Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, Through Barbarism to Civilization*, New York: Henry Holt, 1877.

\_\_\_\_\_. *Houses and House-Life of the American Aborigines*. Washington: Government Printing Office. vol. IV, 1881, p. 34. Disponível em: <https://archive.org/details/housesandhouse101morggoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. "Laws of Descent of the Iroquois". In. *Proceedings of the American Association for the Advancement of Science*, Volume XI, 1856.

\_\_\_\_\_. *League of the Ho-dé-no-sau-nee Or Iroquois*. Rochester, NY: Sage & Brother, Publishers, 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/leagueofhodnos00inmorg>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*. Washington: Smithsonian Institution, 1871. Disponível em: <https://archive.org/details/systemsofconsang00morgrich>. Acesso em: 1 jul. 2015.

MOSES, Daniel Noah. (2009). *The Promise of Progress: The Life and Work of Lewis Henry Morgan*. Columbia: University of Missouri Press, 2009, p. 10.

NASH, Gary Baring. *The Unknown American Revolution: The Unruly Birth of Democracy and the Struggle to Create America*. New York: Penguin Books, 2006.

NESTER, William R. *The Frontier War for American Independence*. Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2004.

NICKERSON, Hoffman. *The Turning Point of the Revolution, or, Burgoyne in America*. Port Washington, NY: Kennikat Press, 1967, p. 327.

NORTON, David J. *Rebellious Younger Brother: Oneida Leadership and Diplomacy 1750-1800*. DeKalb, IL: Northern Illinois University Press, 2009.

O'BRIEN, Sharon. *American Indian Tribal Governments*. Norman: University of Oklahoma Press, 1993, p. 272.

O'CALLAGHAN, E. B. *Documents Relative to the Colonial History of New York State*. Albany: Weed, Parsons and Company. 1856-1887.

PAINE, Thomas. "Senso comum". In. *Pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PALMER, Robert Roswell. *The Age of the Democratic Revolution: a political history of Europe and America, 1760-1800*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1959-64, v.1 e v.2.

PAMPLONA, Marco Antonio. Considerações e reflexões para uma história comparada das Américas: a respeito do artigo de Jack P. Greene. In. *Almanack Braziliense*, v. 4, p. 37-46, 2006. Disponível em: [http://www.almanack.usp.br/almanack/PDFS/4/04\\_forum\\_2.pdf](http://www.almanack.usp.br/almanack/PDFS/4/04_forum_2.pdf). Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *A historiografia sobre o protesto popular e sua contribuição para o estudo das revoltas urbanas*. *Revista Estudos Históricos*, v. 9, n. 17, p. 215-238, n. 17, 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2010/1149>. Acesso em: 1 jul. 2015.

PARKER, Arthur Caswell. *The Archaeological History of New York*. New York: The University of the State of New York, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/archeologicalhi00parkgoog>. Acesso em: 1 jul. 2015.

\_\_\_\_\_; FENTON, William Nelson. *Parker on the Iroquois. Iroquois Uses of Maize and Other Food Plants. The Code of Handsome Lake, the Seneca Prophet. The Constitution of the Five Nations*. Syracuse: Syracuse University Press, 1968, pp. 31-32.

\_\_\_\_\_; FENTON, William Nelson. *The Great Binding Law, Gayanashagowa*. Syracuse: Syracuse University Press, 1968.

PEARCE, Robert J. "Turtles from Turtle Island: An Archaeological Perspective from Iroquoia". In. *Ontario Archaeology*, No. 79/80, 2005, pp.88-108.

PORTELA, Cristiane de Assis. "Por uma história mais antropológica: indígenas na contemporaneidade". *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 1, janeiro/junho. Goiânia: UFG, 2009, pp. 151-160.

RAMSAY, David. *The History of the American Revolution*. 2 vols. Philadelphia, PA: R. Aitken and Son, 1789.

RAPHAEL, Ray. *A People's History of the American Revolution: How Common People Shaped the Fight for Independence*. New York, NY.: The New Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos: a verdadeira história da independência norte-americana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RICHTER, Daniel K. "Native Peoples of North America and the Eighteenth-Century British Empire". In. MARSHALL, P. J. (org.). *The Oxford History of the British Empire*, Volume II: The Eighteenth Century. Oxford and New York: Oxford University Press, 1998, p. 348.

\_\_\_\_\_. *The Ordeal of the Longhouse: The Peoples of the Iroquois League in the Era of European Colonization*. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 1992.

\_\_\_\_\_; MERRELL, James H. (eds.). *Beyond the Covenant Chain: the Iroquois and their Neighbors in Indian North America, 1600–1800*. Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1987, p. 5.

ROBBINS, Caroline. *The Eighteenth-Century Commonwealthman: Studies in the Transmission, Development, and Circumstance of English Liberal Thought from the Restoration of Charles II until the War with the Thirteen Colonies*. Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1959.

SAÉZ, Oscar Calavia. "Autobiografia e sujeito histórico indígena: considerações preliminares". In. *Novos Estudos* 76 - Novembro 2006, pp. 179-195.

SANTOS, Bruno César L. M. *Columbia: a sociedade na revolução estadunidense*. São Gonçalo, RJ, 2010.

\_\_\_\_\_. *E Pluribus Unum: a mobilização social na independência estadunidense*. Niterói, RJ, 2012.

SCHLESINGER, Arthur Meier. *The Colonial Merchants and the American Revolution, 1763–1776*. New York: Columbia University, 1918. Disponível em: <https://archive.org/details/colonialmerchant00schluoft>. Acesso em: 1 jul. 2015.

SHANNON, Timothy J. "E Pluribus Oneidum". In. *Reviews in American History*. v. 35, n. 3, September 2007, pp. 344-350.

\_\_\_\_\_. *Indians and Colonists at the Crossroads of Empire: The Albany Congress of 1754*. Ithaca: Cornell University Press, 2000.

SILVERMAN, David J. "The Curse of God: An Idea and Its Origins among the Indians of New York's Revolutionary Frontier". In. *The William and Mary Quarterly Third Series*, v. 66, n. 3, July 2009, pp. 495-534.

SMYLIE, James H. "The Journal of Samuel Kirkland: 18th-century Missionary to the Iroquois, Government Agent, Father of Hamilton College by Walter Pilkington". In.

The William and Mary Quarterly, Third Series, Vol. 38, No. 4 (Oct., 1981), pp. 742-744.

SNOW, Dean. *The Iroquois*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. "Mulheres e representações da mulher na Revolução Americana". In. *Pensar no Feminino*, Maria Luísa Ribeiro Ferreira (ed.), Lisboa: Edições Colibri, 2001, pp. 135-141.

SOSIN, Jack M. "The Use of Indians in the War of the American Revolution: A Re-Assessment of Responsibility". In. *Canadian Historical Review*, University of Toronto Press, v. 46, n. 2, June 1965, pp. 101-121.

SPARKS, Jared. *The Diplomatic Correspondence of the American Revolution*. 12 vols. Boston: Nathan Hale and Gray & Bowen, 1829. Disponível em: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Sparks%2C+Jared%2C+1789-1866%22+%22The+diplomatic+correspondence+of+the+American+revolution%22&page=2>. Acesso em: 1 jul. 2015.

STONE, William Leete. *Border Wars of the American Revolution*. New York: Harper and Brothers, 1846.

\_\_\_\_\_. *Life of Joseph Brant, Thayendanegea: Including the Indian Wars of the American Revolution*, v.1. New York: George Dearborn & Co., 1838. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=1RpJAQAAMAAJ&pg=RA1-PR15&lpg=RA1-PR15&dq=%22We+desire+you+will+hear+and+receive+what+we+have+now+told+you,+and+that+you+will+open+a+good+ear+and+listen+to+what+we+are+now+going+to+say.+This+is+a+family+quarrel+between+us+and+Old+England.+You+Indians+are+not+concerned+in+it.+We+don%27t+wish+you+to+take+up+the+h%22&source=bl&ots=2OJ-cyhTZ-&sig=EyRcRblzyqn8sHCCM8cPi2k6Q1k&hl=pt-BR&sa=X&ei=RxeaVdbbAsyWNoG5p5AF&ved=0CCEQ6AEwAQ#v=onepage&q=%22We%20desire%20you%20will%20hear%20and%20receive%20what%20we%20have%20now%20told%20you%2C%20and%20that%20you%20will%20open%20a%20good%20ear%20and%20listen%20to%20what%20we%20are%20now%20going%20to%20say.%20This%20is%20a%20family%20quarrel%20between%20us%20and%20Old%20England.%20You%20Indians%20are%20not%20concerned%20in%20it.%20We%20don%27t%20wish%20you%20to%20take%20up%20the%20h%22&f=false>. Acesso em: 1 jul. 2015.

STURTEVANT, William C. *Handbook of North American Indians: History of Indian-white relations*. United States Government Printing Office, 1988.

TAYLOR, Alan. *The Divided Ground: Indians, Settlers, and the Northern Borderland of the American Revolution*. New York, NY: Alfred A. Knopf, 2006.

TIRO, Karim M. "A "civil" war? Rethinking iroquois participation in the American Revolution". In. *Explorations in Early American Culture* 4, 2000, pp. 148-165.

\_\_\_\_\_. “The Dilemmas of Alliance: The Oneida Nation in the American Revolution”. In: *War & Society in the American Revolution: Mobilization and Home Fronts*, RESCH, John Phillips; SARGENT, Walter (eds). DeKalb, IL: Northern Illinois University Press, 2007, pp.215 – 34.

\_\_\_\_\_. *The People of the Standing Stone: The Oneida Nation from the Revolution through the Era of Removal (Native Americans of the Northeast: Culture, History and the Contemporary)*, Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 2011.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique*. Bruxelles: Louis Hauman et Comp., Libraires, 1835. Disponível em: [https://books.google.it/books?id=4buUAREmDhkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.it/books?id=4buUAREmDhkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982, p. 47.

TRELEASE, Allen W. *Indian Affairs in Colonial New York: The Seventeenth Century*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1997.

TRIGGER, Bruce G. “Etnohistória: problemas e perspectivas”. Tradução por: ALMEIDA, Regina C. de; FREIRE, José Ribamar Bessa. In: *Etnohitory*, Texas, USA v. 29, n. 1, 1982.

TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the Frontier in American History*, Chicago, IL: American Historical Association at the World’s Columbian Exposition, 1893.

\_\_\_\_\_. *The Frontier in American History*. New York, NY: Dover Publications, 1996.

VAN TYNE, Claude H. *The War of Independence, American Phase*. New York: Houghton, Mifflin Company, 1929.

WACHTEL, Nathan. “A Aculturação”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs), *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

WARREN, Mercy Otis. *History of the Rise, Progress, and Termination of the American Revolution*. 3 vols. Boston, MA: Manning and Loring, 1805. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=GX0fAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=GX0fAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

WATT, Gavin K. *Rebellion in the Mohawk Valley: The St. Leger Expedition of 1777*. Toronto: Dundurn, 2002.

WEBER, Max. “Relações comunitárias étnicas” In: *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991, pp. 267-277.

WOOD, Gordon Stewart; POLE, Jack Richon. *Social Radicalism and the Idea of Equality in the American Revolution*. Houston, TX.: University of St. Thomas, 1976.

\_\_\_\_\_. *The Radicalism of the American Revolution*. New York, NY.: Alfred A. Knopf, 1992.

WHITE, Richard. *The Middle Ground: Indians, Empires, and Republics in the Great Lakes Region, 1650-1815*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

WILLIAMS, Glenn F. *Year of the Hangman: George Washington's Campaign Against the Iroquois*. Yardley, PA: Westholme, 2005.

YOUNG, Alfred Fabian; NASH, Gary B.; RAPHAEL, Ray (eds.). *Revolutionary Founders: Rebels, Radicals, and Reformers in the Making of the Nation*. New York, NY: Alfred A. Knopf, 2011.

\_\_\_\_\_; NOBLES, Gregory H. *Whose American Revolution was It?: Historians Interpret the Founding*. New York and London: New York University Press, 2011.

## ANEXOS

### **a) American Archives. Documents of the American Revolution 1774-1776 (Produced by Northern Illinois University Libraries).**

Letter from the Albany Committee to the Committee of Palatine District, in Tryon County. May 23, 1775. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.3057>.

Letter from the Reverend Samuel Kirkland to the Committee of Albany. June 9, 1775. Cherry Valley. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.3676>.

Speech of the Chiefs and Warriors of the Oneida Tribe of Indians to the four New-England Provinces, directed to Governour Trumbull. June 19, 1775. Caughnawaga. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.3848>.

Petition of Joseph Johnson to the Provincial Congress of New York. June 21, 1775. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.3894>.

Letter from Governour Trumbull to the Massachusetts Congress. June 27, 1775. Lebanon. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.4024>.

Passport for Mr. Joseph Johnson and his Indian companions. June 22, 1775. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.4450>.

Letter from Samuel Mott to Governour Trumbull. June 30, 1775. Fort George. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.4078>.

Governour directed to make a friendly answer to the Speech of the Oneida Indians. July 1, 1775. Connecticut. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5137>.

Letter from General Schuyler to the Continental Congress. July 3, 1775. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5071>.

Letter from William Schuyler to John Marlett. July 4, 1775. Warrensburgh. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5119>.

Report of the Committee on Indian Affairs. July 5, 1775. Connecticut.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5147>.

Commissioners of the Northern Department. July 18, 1775.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5794>.

Letter from the Albany Committee to General Schuyler. July 26, 1775. Albany.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.5427>.

Speech of Senghnagenrat (Oneida), an Oneida Chief, addressed to the Albany Committee. August 25, 1775. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.6665>.

September 1<sup>st</sup>, Northern Department, Commissioners for Transacting Indian Affairs. September 1, 1775. Albany. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.6671>.

Albany Committee met the Indians. September 2, 1775. Albany Committee Chamber.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.6672>.

Kirkland, Continental Congress. September 5, 1775. Albany.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.7347>.

Letter from Governour Trumbull to the President of Congress. October 9, 1775. Lebanon. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.7682>.

Committee to consider the Treaty held with the Indians at Albany, by the Indian Commissioners of the Northern Department, Further Instructions to the Committed appointed to proceed to Ticonderoga and Canada, Rev. Samuel Kirkland continued in his Mission among the Indians. November 11, 1775. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.9416>.

Letter from the Rev. Mr. Kirkland to General Schuyler. March 12, 1776. Oneida.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.13051>.

Letter from General Schuyler to the President of Congress. April 2, 1776. Albany.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.14280>.

Copy of a Letter Intercepted from Samuel Kirkland. May 22, 1776. Oneida.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.18427>.

Letter from General Schuyler to the President of Congress. June 8, 1776. Fort George. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.16880>.

Meeting of the Commissioners for transacting Indian Affairs in the Northern Department. June 13, 1776. Albany. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.17180>.

Letter from General Washington to the President of Congress. June 16, 1776. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.17191>.

Letter from Thomas Cushing to the President of Congress. August, 1776. Watertown. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.20687>.

Conference of the Commissioners for Indian Affairs with the Six Nations of Indians. August 10, 1776. German-Flats. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.21036>.

Conference of the Commissioners for Indian Affairs with the Six Nations of Indians. August 12, 1776. German-Flats. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.21037>.

Conference of the Commissioners for Indian Affairs with the Six Nations of Indians. August 13, 1776. German-Flats. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.21038>.

Letter from General Schuyler to General Gates. September 7, 1776. Albany. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.22688>.

No. 16. Letter from General Herkimer to General Schuyler. October 25, 1776. Canajohary. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.26777>.

A speech of Ojistarale, the Grasshopper, an Oneida chief, to Colonel Elmore, commandant of Fort Schuyler. November 18, 1776. Fort Schuyler. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.27166>.

Letter from Colonel Guy Johnson to Lord George Germain. November 25, 1776. New York. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.27349>.

Report of the Committee appointed to consider the letter from Thomas Cushing, concerning the Indian Missionaries. November 27, 1776. <http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.28779>.

J. Trumbull, Jun., to Governour Trumbull. December 30, 1776. Albany.  
<http://lincoln.lib.niu.edu/cgi-bin/amarch/getdoc.pl?/var/lib/philologic/databases/amarch/.28645>.

**b) Hamilton College Library Digital Collections - Samuel Kirkland Correspondence (Digital resource provided by the Hamilton College, Burke Library, 198 College Hill Rd, Clinton, New York)**

1d. Copy of two letters from David Fowler to Wheelock. June 15, 1765 and June 24, 1765. Oneida. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,12>.

2c. David Avery to Samuel Kirkland. August 2, 1766. Lebanon.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,38>.

2f. Eleazer Wheelock to Samuel Kirkland. June 19, 1766.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,48>.

7a. Phineas Dodge to Samuel Kirland. March 7, 1770. Windham.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,114>.

9a. John Thornton to Samuel Kirkland. April 27, 1770. London.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,134>.

10a. Ebenezer Mosely to Samuel Kirkland. September 3, 1770. Onohakwage.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,144>.

11f. Samuel Kirkland to John Thornton. October 31, 1770. Kanonwarohare.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,166>.

14a. Samuel Kirkland to Levi Hart. January 17, 1771. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,206>.

20h. John Johnson to Samuel Kirkland. August 22, 1771. Johnson Hall.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,285>.

21d. Phineas Dodge to Samuel Kirkland. September 10, 1771. Windham.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,304>.

21g. Account of Expenses. September 16, 1771. Kanonwarohare.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,316>.

22b. Articles of Agreement between Samuel Kirkland and Eleazer Wheelock. October 30, 1771. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,337>.

22c. Account of Expenses. October 31, 1771. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,340>.

23b. Samuel Kirkland to Jonathon Mason. November 18, 1771. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,347>.

- 26c. John Thornton to Samuel Kirkland. February 19, 1772. Clapham.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,386>.
- 26d. Levi Frisbie to Samuel Kirkland. February 26, 1772. Dartmouth College.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,391>.
- 28a. Andrew Elliot to Samuel Kirkland. April 9, 1772. Boston.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,402>.
- 30b. Samuel Kirkland to Eleazer Wheelock. June 18, 1772. Kanonwarohare.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,422>.
- 31b. Samuel Kirkland to John Thornton. July 27, 1772. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,2740>.
- 32c. Samuel Kirkland to Andrew Elliot. August 11, 1772. Kanonwarohare.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,457>.
- 39f. Samuel Kirkland to Andrew Elliot. March 28, 1773. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,580>.
- 41c. John Sargeant to Samuel Kirkland. May 29, 1773. Stockbridge.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,605>.
- 42b. Samuel Kirkland to John Thornton. June 5, 1773. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,611>.
- 51a. Samuel Kirkland to Andrew Elliot. October 24, 1774. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,2747>.
- 52a. Stephen West to Samuel Kirkland. November 2, 1774. Stockbridge.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,682>.
- 52c. Timothy Edwards to Samuel Kirkland. November 14, 1774. Stockbridge.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,688>.
- 53a. Andrew Elliot to Samuel Kirkland. February 12, 1775. Boston.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,698>.
- 53b. Guy Johnson to Samuel Kirland. February 14, 1775. Guy Park.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,713> and <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,704>.
- 53c. Samuel Kirkland to Guy Johnson. February 21, 1775. Oneida.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,713>.
- 53d. A Speech of the Oneida Chiefs to Guy Johnson. February 23, 1775.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,717>.
- 54a. A Speech of the Onogkwage Chiefs to Guy Johnson  
March 7, 1775. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,720>.

- 57a. A reply of the Oneida Chiefs and Warriors to Col. Guy Johnson. May, 1775. Oneida. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,728>.
- 57b. Oneida Declaration of Neutrality. June, 1775. Kanonwarohare. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,733>.
- 58b. Proceedings of the 2nd Continental Congress. July 18, 1775. Philadelphia. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,743>.
- 62a. Philip Schuyler to Samuel Kirkland. January 5, 1776. Albany. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,752>.
- 64a. James Dean to Philip Schuyler. March 10, 1776. Oneida. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,762>.
- 64b. Samuel Kirkland to Philip Schuyler. March 11, 1776. Oneida. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,767>.
- 64d. James Dean to Samuel Kirkland. March 22, 1776. Kanaghwage. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,773>.
- 65a. Samuel Kirkland to J. Edwards. April 18, 1776. Oneida. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,784>.
- 67a. Samuel Kirkland to Philip Schuyler. June 8, 1776. Lake George. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,792>.
- 70a. Aaron Kanorraron to his Brother David. October 28, 1776. Niagara. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,806> and <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,803>.
- 71b. Jonathan Trumbull Jr. to Samuel Kirkland. December 10, 1776. Albany. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,815>.
- 71c. Timothy Edwards to Samuel Kirkland. December 21, 1776. Stockbridge. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,819>.
- 72a. Philip Schuyler to Samuel Kirkland. January 7, 1777. Albany. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,821>.
- 72b. J. Lansing to Philip Schuyler. January 24, 1777. Philadelphia. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,824>.
- 72e. Philip Schuyler to the Sachems of the Six Nations. January 1777. Albany. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,828>.
- 73a. The Chiefs of the Oneida Nation to the Inhabitants of New England. March 14, 1777. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,832>.

74c. William Gordon to Samuel Kirkland. May 30, 1778. Jamaica Plain.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,849>.

78a. Samuel Kirkland to Jerusha Kirkland. July 5, 1779. Wyoming.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,880>.

78b. Samuel Kirkland to Jerusha Kirkland. July 30, 1779. Wyoming.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,886>.

79a. Extract from the minutes of Congress. October 16, 1779. Philadelphia.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,889>.

80a. Joseph Brant to the Bostonians. April 30, 1780. On the Delaware.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,893>.

81a. Samuel Kirkland to Jerusha Kirkland. June 20, 1780. Ft. Schuyler.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,898>.

84a. Samuel Kirkland to James Bowdoin. February 18, 1784. Stockbridge.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,944>.

84b. Timothy Edwards to Samuel Kirkland. February 20, 1784. Stockbridge.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,948>.

84c. Jonathan Trumbull to Samuel Kirkland. February 25, 1784. Lebanon.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,952>.

85a. Proceedings of the London Board of Correspondents in Boston. March 9-10, 1784. Boston. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,957>.

85b. Samuel Kirkland to James Bowdoin. March 10, 1784. Boston.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,963>.

85c. Samuel Kirkland to James Bowdoin. March 10, 1784. Boston.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,970>.

89a. London Board of Correspondents in Boston to Samuel Kirkland. November 19, 1784. Boston. <http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,997>.

89d. William Gordon to Samuel Kirkland. November 29, 1784. Jamaica Plain.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,1009>.

90a. Oliver Wolcott to Samuel Kirkland. December 21, 1784. Litchfield.  
<http://elib.hamilton.edu/u/?arc-kir,1012>.

**c) Library of Congress - George Washington Papers (Manuscript Division at the Library of Congress)**

George Washington to Massachusetts House of Representatives. September 28, 1775. Cambridge. <http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw2/009/0590060.jpg>.

George Washington to Continental Congress. September 30, 1775. Camp at Cambridge.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw2/007/0980097.jpg>.

Oneida Indians; Conference Proceedings. June 19, 1776. Albany.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw4/036/0800/0813.jpg>.

George Washington to Continental Congress. June 23, 1776. New York.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw2/008/1800176.jpg>.

Samuel Kirkland to Philip J. Schuyler. January 25, 1777.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw4/039/0900/0937.jpg>.

George Washington to Continental Congress. March 29, 1777. Morris Town.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/002/219218.jpg>.

George Washington to Continental Congress Conference Committee. January 29, 1778.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/003/172173.jpg>.

George Washington to Philip J. Schuyler. May 15, 1778. Valley Forge.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/005/292291.jpg>.

George Washington to Continental Congress. June 21, 1778.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/003/351352.jpg>.

George Washington to Benedict Arnold. June 21, 1778.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/005/415414.jpg>.

George Washington to John Stark. October 8, 1778. Fishkill.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/006/307306.jpg>.

George Washington to George Clinton. October 16, 1778. Fredericksburg.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3c/002/371371.jpg>.

George Washington to James Clinton. January 19, 1779. Philadelphia.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/008/030029.jpg>.

George Washington to James Clinton. January 25, 1779. Philadelphia.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/008/035034.jpg>.

George Washington to Philip J. Schuyler. February 26, 1779. Middle brook.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/008/128127.jpg>.

George Washington to Continental Congress. April 2, 1779. Middle Brook.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/004/185186.jpg>.

George Washington to Philip J. Schuyler. April 27, 1779. Middle brook.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/008/309308.jpg>.

George Washington to Philip J. Schuyler. May 21, 1779. Middle brook.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/008/400399.jpg>.

George Washington to Volckert P. Douw. July 29, 1779. West Point.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3c/003/109107.jpg>.

George Washington to John Laurens. September 28, 1779. West Point.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3h/001/348348.jpg>.

George Washington to Marquis de Lafayette. September 30, 1779. West Point.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3h/001/351351.jpg>.

Oneida Indian Chiefs to Francis Van Dyke. June 18, 1780.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw4/067/0200/0298.jpg>.

George Washington to Continental Congress. June 20, 1780. Springfield.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/005/212211.jpg>.

George Washington to Udney Hay. August 16, 1780. Orange town.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/012/165164.jpg>.

George Washington to Continental Congress War Board. February 23, 1781. New Windsor. <http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/005/416417.jpg>.

George Washington to Continental Congress War Board. March 23, 1781. New Windsor. <http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/006/005004.jpg>.

George Washington to George Reid. July 11, 1782. Newburgh.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3b/015/226223.jpg>.

Oneida Indians to George Washington. July 25, 1783. Schenectady.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw4/092/0700/0741.jpg>.

George Washington to James Duane. September 7, 1783. Rocky Hill.  
<http://memory.loc.gov/mss/mgw/mgw3a/007/129127.jpg>.

**d) Massachusetts Historical Society (*Founding Families: Digital Editions of the Papers of the Winthrops and the Adamses*, ed. C. James Taylor. Boston: Massachusetts Historical Society, 2007).**

From Samuel Chase. April 18, 1776. Fort George.  
<http://www.masshist.org/publications/apde/portia.php?mode=p&id=PJA04p130#PJA04p130>.

**e) University of Virginia Press, Rotunda.**

**e.1.) The Adams Papers Digital Edition (ed. C. James Taylor. Charlottesville: University of Virginia Press, Rotunda, 2008).**

To James Warren. July 10, 1775. Philadelphia.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/ADMS-06-03-02-0042> [accessed 25 Aug 2013].

To the Foreign Affairs Committee. December 24, 1777. Braintree.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/ADMS-06-05-02-0222> [accessed 25 Aug 2013].

**e.2.) The Papers of Alexander Hamilton Digital Edition (ed. Harold C. Syrett. Charlottesville: University of Virginia Press, Rotunda, 2011).**

To the New York Committee of Correspondence. April 5, 1777. Head Quarters, Morristown [New Jersey]. <http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/ARHN-01-01-02-0123> [accessed 25 Aug 2013].

**e.3.) The Papers of George Washington Digital Edition (ed. Theodore J. Crackel. Charlottesville: University of Virginia Press, Rotunda, 2008).**

To John Hancock. September 30 1775. Camp at Cambridge.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-02-02-0065> [accessed 24 Aug 2013].

From Eleazar Wheelock. October 15, 1775. Dartmouth College, New Hampshire.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-02-02-0165> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. March 27, 1776. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-03-02-0411> [accessed 25 Aug 2013].

Message from the Six Nations. May 16, 1776.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-04-02-0255> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. June 11.[–12], 1776. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-04-02-0394> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. June 17, 1776. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-05-02-0016> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. June 19[–20], 1776. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-05-02-0023> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. February 1 1777. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-08-02-0230> [accessed 24 Aug 2013].

From William Gordon. March 5, 1777. Jamaica Plain, Massachusetts.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-08-02-0543> [accessed 25 Aug 2013].

To John Hancock. March 29, 1777. Morristown.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-09-02-0013> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. August 20, 1777. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-11-02-0018> [accessed 25 Aug 2013].

From William Gordon. April 15, 1778. Jamaica Plain, Massachusetts.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-14-02-0480> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. April 16, 1778. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-14-02-0489> [accessed 25 Aug 2013].

To Major General Lafayette. May 18, 1778. Valley Forge.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-15-02-0152> [accessed 25 Aug 2013].

From Commissioners of Indian Affairs. June 9, 1778. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-15-02-0373> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Horatio Gates. July 13, 1778. White plains.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-16-02-0074> [accessed 25 Aug 2013].

From Major General Horatio Gates. July 14, 1778. White plains.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-16-02-0080> [accessed 25 Aug 2013].

Speech to Oneida Indians. July-August 1778.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-16-02-0233> [accessed 24 Aug 2013].

From Brigadier General John Stark. August 8, 1778. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-16-02-0288> [accessed 25 Aug 2013].

From Brigadier General John Stark. October 16, 1778. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-17-02-0432> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. January 1, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-18-02-0614> [accessed 24 Aug 2013].

From Brigadier General James Clinton. January 2, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-18-02-0620> [accessed 24 Aug 2013].

From Brigadier General James Clinton. January 9, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-18-02-0667> [accessed 25 Aug 2013].

From Brigadier General James Clinton. January 27, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-19-02-0074> [accessed 25 Aug 2013].

From John Jay. February 8, 1779. Philadelphia.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-19-02-0146> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. March 1[-7], 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-19-02-0338> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. March 8, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-19-02-0418> [accessed 24 Aug 2013].

From Major General Philip Schuyler. April 3, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-19-02-0684> [accessed 24 Aug 2013].

From Philip Schuyler. April 24, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-20-02-0178> [accessed 24 Aug 2013].

From Philip Schuyler. May 12, 1779. Albany.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-20-02-0397> [accessed 25 Aug 2013].

From Philip Schuyler. May 21, 1779. Saratoga, New York.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-20-02-0506> [accessed 24 Aug 2013].

From Philip Schuyler. May 30, 1779. Saratoga, New York.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/GEWN-03-20-02-0643> [accessed 25 Aug 2013].

To George Washington from John Paterson. June 7, 1781. West Point and Stockbridge.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/default.xqy?keys=FOEA-chron-1780-1781-06-07-12> [accessed 24 Aug 2013].

**e.4.) The Papers of James Madison Digital Edition (J. C. A. Stagg, editor. Charlottesville: University of Virginia Press, Rotunda, 2010).**

From William Bradford. July 10, 1775.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/JSMN-01-01-02-0048> [accessed 25 Aug 2013].

From William Bradford. July 18, 1775. Philadelphia.  
<http://rotunda.upress.virginia.edu/founders/JSMN-01-01-02-0049> [accessed 25 Aug 2013].

**f) Outras:**

*Édits, ordonnances royaux, déclarations et arrêts du Conseil d'État du roi concernant le Canada: imprimés sur une adresse de l'Assemblée législative du Canada.* Quebec: De la presse à vapeur de E. R. Fréchette, 1854, p. 10. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=4IMDAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=snippet&q=Ordonnera%20Sa%20Majest%C3%A9%20&f=false](https://books.google.com.br/books?id=4IMDAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=snippet&q=Ordonnera%20Sa%20Majest%C3%A9%20&f=false). Acesso em: 1 jul. 2015.

LOTHROP, Samuel K. *Life of Samuel Kirkland, Missionary to the Indians.* Boston, MA: Charles C. Little and James Brown, 1847. Disponível em: <http://archive.org/details/lifesamuelkirk100spargoog>.

PILKINGTON, Walter (ed.). *The Journals of Samuel Kirkland: 18<sup>th</sup> Century Missionary to the Iroquois, Government Agent, Father of Hamilton College.* Clinton, NY: Hamilton College, 1980.